

APOSTILA

Semana de
HUMANAS
BioExatas

- >> Redação / Linguagens
- >> História / Geopolítica
- >> Geografia
- >> Filosofia / Sociologia

ALUNO (A):

RUA ABRÃO JULIO RAHE, Nº 1076
BAIRRO CENTRO
CAMPO GRANDE-MS

CONTATO: (67) 99838-3128

BIO
EXATAS MS
PRÉ-VESTIBULARES

SUMÁRIO

FILOSOFIA.....	05
SOCIOLOGIA.....	64
GEOGRAFIA.....	130
LINGUAGENS.....	157
REDAÇÃO.....	177



BIO
EXATAS
MS
PRÉ-VESTIBULARES

FILOSOFIA

CARLOS IGOR



O Mito e a Razão

Porque é que chove? O que é o trovão? De onde vem o relâmpago? Por que razão crescem as ervas? Por que razão existem os montes? Por que razão tenho fome? Por que razão morrem os meus semelhantes? Porque é que cai a noite e a seguir vem o dia de novo? O que são as estrelas? Por que razão voam os pássaros?...

Leia o texto a seguir:

A fonte da vaidade

Narciso era filho do deus-río Cephisus e da ninfa Liriope, e era um jovem de extrema beleza. Porém, à despeito da cobiça que despertava nas ninfas e donzelas, Narciso preferia viver só, pois não havia encontrado ninguém que julgasse merecedora do seu amor. E foi justamente este desprezo que devotava às jovens a sua perdição.

Pois havia uma bela ninfa, Eco, amante dos bosques e dos montes, companheira favorita de Diana em suas caçadas. Mas Eco tinha um grande defeito: falava demais, e tinha o costume de dar sempre a última palavra em qualquer conversa da qual participava.

Um dia Hera, desconfiada - com razão - que seu marido estava divertindo-se com as ninfas, saiu em sua procura. Eco usou sua conversa para entreter a deusa enquanto suas amigas ninfas se escondiam. Hera, percebendo a artimanha da ninfa, condenou-a a não mais poder falar uma só palavra por sua iniciativa, a não ser responder quando interpelada.

Assim a ninfa passeava por um bosque quando viu Narciso que perseguia a caça pela montanha. Como era belo o jovem, e como era forte a paixão que a assaltou! Seguiu-lhe os passos e quis dirigir-lhe a palavra, falar o quanto ela o queria... Mas não era possível - era preciso esperar que ele falasse primeiro para então responder-lhe. Distraída pelos seus pensamentos, não percebeu que o jovem dela se aproximara. Tentou se esconder rapidamente, mas Narciso ouviu o barulho e caminhou em sua direção:

- Há alguém aqui?

- Aqui! - respondeu Eco.

Narciso olhou em volta e não viu ninguém. Queria saber quem estava se escondendo dele, e quem era a dona daquela voz tão bonita.

- Vem - gritou.

- Vem! - respondeu Eco.

- Por que foges de mim?

- Por que foges de mim?

- Eu não fujo! Vem, vamos nos juntar!

- Juntar! - a donzela não podia conter sua felicidade ao correr em direção do amado que fizera tal convite.

Narciso, vendo a ninfa que corria em sua direção, gritou:

- Afasta-te! Prefiro morrer do que te deixar me possuir!

- Me possuir... - disse Eco.

Foi terrível o que se passou. Narciso fugiu, e a ninfa, envergonhada, correu para se esconder no recesso dos bosques. Daquele dia em diante, passou a viver nas cavernas e entre os rochedos das montanhas. Evitava o contato com os outros seres, e não se alimentava mais. Com o pesar, seu corpo foi definhando, até que suas carnes desapareceram completamente. Seus ossos se transformaram em rocha. Nada restou além da sua voz. Eco, porém, continua a responder a todos que a chamem, e conserva seu costume de dizer sempre a última palavra.

Não foi em vão o sofrimento da ninfa, pois do alto, do Olimpo, Nêmesis vira tudo o que se passou. Como punição, condenou Narciso a um triste fim, que não demorou muito a ocorrer.

Havia, não muito longe dali, uma fonte clara, de águas como prata. Os pastores não levavam para lá seu rebanho, nem cabras ou qualquer outro animal a frequentava. Não era tampouco enfeada por folhas ou por galhos caídos de árvores. Era linda, cercada de uma relva viçosa, e abrigada do sol por rochedos que a cercavam. Ali chegou um dia Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede.

Narciso debruçou sobre a fonte para banhar-se e viu, surpreso, uma bela figura que o olhava de dentro da fonte. “Com certeza é algum espírito das águas que habita esta fonte. E como é belo!”, disse, admirando os olhos brilhantes, os cabelos anelados como os de Apolo, o rosto oval e o pescoço de marfim do ser. Apaixonou-se pelo aspecto saudável e pela beleza daquele ser que, de dentro da fonte, retribuía o seu olhar.

Não podia mais se conter. Baixou o rosto para beijar o ser, e enfiou os braços na fonte para abraçá-lo. Porém, ao contato de seus braços com a água da fonte, o ser sumiu para voltar depois de alguns instantes, tão belo quanto antes.

- Porque me desprezas, bela criatura? E por que foges ao meu contato? Meu rosto não deve causar-te repulsa, pois as ninfas me amam, e tu mesmo não me olhas com indiferença. Quando sorrio, também tu sorris, e responde com acenos aos meus acenos. Mas quando estendo os braços, fazes o mesmo para então sumires ao meu contato.

Suas lágrimas caíram na água, turvando a imagem. E, ao vê-la partir, Narciso exclamou:

- Fica, peço-te, fica! Se não posso tocar-te, deixe-me pelo menos admirar-te.

Assim Narciso ficou por dias a admirar sua própria imagem na fonte, esquecido de alimento e de água, seu corpo definhando. As cores e o vigor deixaram seu corpo, e quando ele gritava “Ai, ai”, Eco respondia com as mesmas palavras. Assim o jovem morreu.

As ninfas choraram seu triste destino. Prepararam uma pira funerária e teriam cremado seu corpo se o tivessem encontrado. No lugar onde faleceu, entretanto, as ninfas encontraram apenas uma flor roxa, rodeada de folhas brancas. E, em memória do jovem Narciso, aquela flor passou a ser conhecida pelo seu

nome.

Dizem ainda, que quando a sombra de Narciso atravessou o rio Estige, em direção ao Hades, ela debruçou-se sobre suas águas para contemplar sua figura

O Mito

As explicações míticas e religiosas foram antepassados da ciência moderna. Uma sociedade racionalizada . A Grécia entre os séculos VII e V a.C era uma sociedade justa, livre de preconceitos e democrata.....?????? ERA????? Na verdade democracia era um equilíbrio entre as diferentes camadas sociais.

A escrita

Entre os gregos ela é de domínio comum > ideologicamente isso poderia significar que todos tinham acesso ao conhecimento, à ampla difusão das idéias.

Não há sacerdotes que tenham monopólio de livros sagrados, por exemplo:

A religião É frágil > os deuses têm características humanas e pouco servem para inspirar um pensamento religioso

Mitos e deuses

Quando surgiu a ciência? o que é a ciência? Ora, o termo «ciência“ a ciência da natureza é o estudo sistemático e racional, baseado em métodos adequados de prova, da natureza e do seu funcionamento.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2013/01/a-filosofia-na-grecia-antiga.html>



Mito da Caverna de Platão

Depois disto – prossegui eu – imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no género dos tapumes que os apresentadores de fantoches colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades por cima deles.

- Estou a ver – disse ele.
- Visiona também ao longo deste muro, homens que transportam toda a espécie de objetos, que o ultrapassam: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira, de toda a espécie de labor; como é natural, dos que os transportam, uns falam, outros seguem calados.
- Estranho quadro e estranhos prisioneiros são esses de que tu falas – observou ele.
- Semelhantes a nós – continuei -. Em primeiro lugar, pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmo e dos outros, algo mais que as sombras projetadas pelo fogo na parede oposta da caverna?
- Como não – respondeu ele – se são forçados a manter a cabeça imóvel toda a vida?
- E os objetos transportados? Não se passa o mesmo com eles?
- Sem dúvida.
- Então, se eles fossem capazes de conversar uns com os outros, não te parece que eles julgariam estar a nomear objetos reais, quando designavam o que viam?
- É forçoso.
- E se a prisão tivesse também um eco na parede do fundo? Quando algum dos transeuntes falas-se, não te parece que eles não julgariam outra coisa, senão que era a voz da sombra que passava?
- Por Zeus, que sim!
- De qualquer modo – afirmei – pessoas nessas condições não pensavam que a realidade fosse senão a sombra dos objetos.
- É absolutamente forçoso – disse ele.
- Considera pois – continuei – o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância, a ver se, regressados à sua natureza, as coisas se passavam deste modo. Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objetos mais reais? E se ainda, mostrando-lhe cada um desses objetos que passavam, o fizessem com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele se veria em dificuldades e suporia que os objetos vistos outrora eram mais reais do que os que agora lhe mostravam?
- Muito mais – afirmou.
- Portanto, se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos objetos para os quais podia olhar, e julgaria ainda que estes eram na verdade mais nítidos do que os que lhe mostravam?
- Seria assim – disse ele.
- E se o arrancassem dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até à luz do Sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos?

- Não poderia, de fato, pelo menos de repente.
- Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, refletidas na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia.
- Pois não!
- Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas a ele mesmo, no seu lugar.
- Necessariamente.
- Depois já compreenderia, acerca do Sol, que é ele que causa as estações e os anos e que tudo dirige no mundo visível, e que é o responsável por tudo aquilo de que eles viam um arremedo.
- É evidente que depois chegaria a essas conclusões.
- E então? Quando ele se lembrasse da sua primitiva habitação, e do saber que lá possuía, dos seus companheiros de prisão desse tempo, não crês que ele se regozijaria com a mudança e deploraria os outros?
- Com certeza.
- E as honras e elogios, se alguns tinham então entre si, ou prêmios para o que distinguisse com mais agudeza os objetos que passavam e se lembrasse melhor quais os que costumavam passar em primeiro lugar e quais em último, ou os que seguiam juntos, e àquele que dentre eles fosse mais hábil em predizer o que ia acontecer – parece-te que ele teria saudades ou inveja das honrarias e poder que havia entre eles, ou que experimentaria os mesmos sentimentos que em Homero, e seria seu intenso desejo “servir junto de um homem pobre, como servo da gleba”, e antes sofrer tudo do que regressar àquelas ilusões e viver daquele modo?
- Suponho que seria assim – respondeu – que ele sofreria tudo, de preferência a viver daquela maneira.
- Imagina ainda o seguinte – prossegui eu –. Se um homem nessas condições descesse de novo para o seu antigo posto, não teria os olhos cheios de trevas, ao regressar subitamente da luz do Sol?
- Com certeza.
- E se lhe fosse necessário julgar daquelas sombras em competição com os que tinham estado sempre prisioneiros, no período em que ainda estava ofuscado, antes de adaptar a vista – e o tempo de se habituar não seria pouco – acaso não causaria o riso, e não diriam dele que, por ter subido ao mundo superior, estragara a vista, e que não valia a pena tentar a ascensão? E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até cima, se pudessem agarrá-lo e matá-lo, não o matariam?
- Matariam, sem dúvida – confirmou ele.
- Meu caro Gláucou, este quadro – prossegui eu – deve agora aplicar-se à tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la. O Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo,

a ideia do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2013/01/alegoria-da-caverna-o-mito-da-caverna.html>



Márcio Ferrari

De todos os grandes pensadores da Grécia antiga, Aristóteles (384-322 a.C.) foi o que mais influenciou a civilização ocidental. Até hoje o modo de pensar e produzir conhecimento deve muito ao filósofo. Foi ele o fundador da ciência que ficaria conhecida como lógica e suas conclusões nessa área não tiveram contestação alguma até o século 17. Sua importância no campo da educação também é grande, mas de modo indireto. Poucos de seus textos específicos sobre o assunto chegaram a nossos dias. A contribuição de Aristóteles para o ensino está principalmente em escritos sobre outros temas.

As principais obras de onde se pode tirar informações pedagógicas são as que tratam de política e ética. “Em ambos os casos o objetivo final era obter a virtude”, diz Carlota Boto, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. “Em suas reflexões sobre ética, Aristóteles afirma que o propósito da vida humana é a obtenção do que ele chama de vida boa. Isso significava ao mesmo tempo vida ‘do bem’ e vida harmoniosa.” Ou seja, para Aristóteles, ser feliz e ser útil à comunidade eram dois objetivos sobrepostos, e ambos estavam presentes na atividade pública. O melhor governo, dizia ele, seria “aquele em que cada um melhor encontra o que necessita para ser feliz”.

Cultivo da perfeição

“A educação, para Aristóteles, é um caminho para a vida pública”, prossegue Carlota. Cabe à educação a formação do caráter do aluno. Perseguir a virtude significaria, em todas as atitudes, buscar o “justo meio”. A prudência e a sensatez se encontrariam no meio-termo, ou medida justa - “o que não é demais nem muito pouco”, nas palavras do filósofo.

Um dos fundamentos do pensamento aristotélico é que todas as coisas têm uma finalidade. É isso que, segundo o filósofo, leva todos os seres vivos a se desenvolver de um estado de imperfeição (semente ou embrião) a outro de perfeição (correspondente ao estágio de maturidade e reprodução). Nem todos os seres conseguem ou têm oportunidade de cumprir o ciclo em sua plenitude, porém. Por ter potencialidades múltiplas, o ser humano só será feliz e dará sua melhor contribuição ao mundo se desfrutar das condições

necessárias para desenvolver o talento. A organização social e política, em geral, e a educação, em particular, têm a responsabilidade de fornecer essas condições.

Imitação, o princípio do aprendizado

Aristóteles não era, como Platão, um crítico da sociedade e da democracia de Atenas. Ao contrário, considerava a família, como se constituía na época, o núcleo inicial da organização das cidades e a primeira instância da educação das crianças. Atribuía, no entanto, aos governantes e aos legisladores o dever de regular e vigiar o funcionamento das famílias para garantir que as crianças crescessem com saúde e obrigações cívicas. Por isso, o Estado deveria também ser o único responsável pelo ensino. Na escola, o princípio do aprendizado seria a imitação. Segundo ele, os bons hábitos se formavam nas crianças pelo exemplo dos adultos. Quanto ao conteúdo dos estudos, Aristóteles via com desconfiança o saber “útil”, uma vez que cabia aos escravos exercer a maioria dos ofícios, considerados indignos dos homens livres.

Ninguém nasce virtuoso

A virtude, para Aristóteles, é uma prática e não um dado da natureza de cada um, tampouco o mero conhecimento do que é virtuoso, como para Platão (427-347 a.C.). Para ser praticada constantemente, a virtude precisa se tornar um hábito. Embora não se conheça nenhum estudo de Aristóteles sobre o assunto, é possível concluir que o hábito da virtude deve ser adquirido na escola.

Grande parte da obra que originou o legado aristotélico se desenvolveu em oposição à filosofia de Platão, seu mestre e fundador da Academia ateniense, que Aristóteles frequentou durante duas décadas. Posteriormente, ele fundaria uma escola própria, o Liceu. Uma das duas grandes inovações do filósofo em relação ao antecessor foi negar a existência de um mundo supra-real, onde residiriam as idéias. Para Aristóteles, ao contrário, o mundo que percebemos é suficiente, e nele a perfeição está ao alcance de todos os homens. A oposição entre os dois filósofos gregos - ou entre a supremacia das idéias (idealismo) ou das coisas (realismo) - marcaria para sempre o pensamento ocidental.

A verdade científica

A segunda inovação de Aristóteles foi no campo da lógica. De acordo com o filósofo, determinar uma verdade comum a todos os componentes de um grupo de coisas é a condição para conceber um sistema teórico. Para a construção de tal conhecimento, Aristóteles não se satisfaz com a dialética de Platão, segundo a qual o caminho para chegar à verdade era a depuração dos argumentos e pontos de vista por intermédio do diálogo.

Aristóteles quis criar um método mais seguro e desenvolveu o sistema que ficou conhecido como silogismo. Ele consiste de três proposições - duas premissas e uma conclusão que, para ser válida, decorre das duas anteriores necessariamente, sem que haja outra opção. Exemplo clássico de silogismo é o seguinte. Todos os homens são mortais. Sócrates é um homem. Portanto, Sócrates é mortal. Isso não basta,

porém, para que a lógica se torne ciência. Um silogismo precisa partir de verdades, como as contidas nas duas proposições iniciais. Elas não se sujeitam a um raciocínio que as demonstre. Demonstram-se a si mesmas na realidade e são chamadas de axiomas. A observação empírica - isto é, a experiência do real - ganha, assim, papel central na concepção de ciência de Aristóteles, em contraste com o pensamento de Platão.

Biografia

Aristóteles nasceu em 384 a.C. em Estagira, na Macedônia (então sob influência grega e onde o grego era a língua predominante), filho de um médico. Aos 17 anos foi enviado à Academia de Platão, em Atenas, onde estudou e produziu filosofia durante 20 anos - parte de sua obra no período tem o objetivo de atacar a escola rival, de Isócrates, segundo a qual a finalidade do ensino era levar os alunos a dominar a retórica para serem capazes de defender qualquer ponto de vista, dependendo do interesse. Na Academia, a finalidade da educação era alcançar a sabedoria. Com a morte de Platão, em 347 a.C., Aristóteles mudou-se para Assos, na atual Turquia, possivelmente decepcionado por não ter sido escolhido para substituir o mestre na direção da Academia. Em 343 a.C., foi chamado por Felipe II, da Macedônia, para educar seu filho, Alexandre, e permaneceu na função durante vários anos, até que o pupilo começou a conquistar um vasto império (que incluía a Grécia, anexada por seu pai). De volta a Atenas, Aristóteles fundou a própria escola, o Liceu, desenvolvendo uma obra marcadamente antiplatônica. Depois da morte de Alexandre, Aristóteles passou a ser perseguido por ter colaborado na educação do imperador macedônio. Refugiou-se em Calcis, onde morreu em 322 a.C.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2012/12/aristoteles-o-defensor-da-instrucao.html>



Toda cultura e cada sociedade institui uma moral, isto é, valores concernentes ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido e à conduta correta e à incorreta, válidos para todos os seus membros. Culturas e sociedades fortemente hierarquizadas e com diferenças de castas ou de classes muito profundas podem até mesmo possuir várias morais, cada uma delas referida aos valores de uma casta ou de uma classe social.

No entanto, a simples existência da moral não significa a presença explícita de uma ética, entendida como filosofia moral, isto é, uma reflexão que discuta, problematize e interprete o significado dos valores morais. Ao contrário, toda sociedade tende a naturalizar a moral, de maneira a assegurar sua perpetuação através dos tempos. De fato, os costumes são anteriores ao nosso nascimento e formam o tecido da sociedade em que vivemos, de modo que acabam sendo considerados inquestionáveis e as sociedades tendem a naturalizá-los (isto é, a tomá-los como fatos naturais existentes por si mesmos). Não só isso. Para assegurar seu aspecto obrigatório que não pode ser transgredido, muitas sociedades tendem a sacralizá-

-los, ou seja, as religiões os concebem ordenados pelos deuses, na origem dos tempos. Como as próprias palavras indicam, ética e moral referem-se ao conjunto de costumes tradicionais de uma sociedade e que, como tais, são considerados valores e obrigações para a conduta de seus membros.

A filosofia moral ou a disciplina denominada a ética nasce quando se passa a indagar o que são, de onde vêm e o que valem os costumes.

Na língua grega existem duas vogais para pronunciar e grafar nossa vogal e: uma vogal breve, chamada *epsflon*, e uma vogal longa, chamada *eta*. *Éthos*, escrita com a vogal longa, significa costume; porém, se escrita com a vogal breve, *éthos*, significa caráter, índole natural, temperamento, conjunto das disposições físicas e psíquicas de uma pessoa. Nesse segundo sentido, *éthos* se refere às características pessoais de cada um, as quais determinam que virtudes e que vícios cada indivíduo é capaz de praticar.

A filosofia moral ou a ética nasce quando, além das questões sobre os costumes, também se busca compreender o caráter de cada pessoa, isto é, o senso moral e a consciência moral individuais.

Podemos dizer, com base nos textos de Platão e de Aristóteles, que, no Ocidente, a ética ou filosofia moral inicia-se com Sócrates.

Sócrates, o incansável perguntador.

Percorrendo praças e ruas de Atenas — contam Platão e Aristóteles —, Sócrates perguntava aos atenienses, fossem jovens ou velhos, o que eram os valores nos quais acreditavam e que respeitavam ao agir.

Que perguntas lhes fazia ele? Indagava: “O que é a coragem?”, “O que é a justiça?”, “O que é a piedade?”, “O que é a amizade?” A elas os atenienses respondiam dizendo serem virtudes. Sócrates voltava a indagar: “O que é a virtude?”. Retrucavam os atenienses: “É agir em conformidade com o bem”. E Sócrates questionava: “Que é o bem?”.

As perguntas socráticas terminavam sempre por revelar que os atenienses respondiam sem pensar no que diziam. Repetiam o que lhes fora ensinado desde a infância. Como cada um havia interpretado à sua maneira o que aprendera, era comum, quando um grupo conversava com o filósofo, uma pergunta receber respostas diferentes e contraditórias. Após um certo tempo de conversa com Sócrates, um ateniense via-se diante de duas alternativas: ou zangar-se com a impertinência do filósofo perguntador e ir embora irritado, ou reconhecer que não sabia o que imaginava saber, dispondo-se a começar, na companhia de Sócrates, a busca filosófica da virtude e do bem.

Por que os atenienses sentiam-se embaraçados (e mesmo irritados) com as perguntas socráticas? Por dois motivos principais: em primeiro lugar, por perceberem que confundiam valores morais com os fatos constatáveis em sua vida cotidiana (diziam, por exemplo, “Coragem é o que fez fulano na guerra contra os persas”); em segundo lugar, porque, inversamente, tomavam os fatos da vida cotidiana como se fossem valores morais evidentes (diziam, por exemplo, “É certo fazer tal ação, porque meus antepassados a fizeram e meus parentes a fazem”). Em resumo, confundiam fatos e valores, pois ignoravam as causas ou razões por que valorizavam certas coisas, certas pessoas ou certas ações, e desprezavam outras. Por isso mesmo se embaraçavam ou se irritavam quando Sócrates lhes mostrava que estavam confusos, dizendo-lhes que haviam dito que a conduta de fulano era corajosa, mas não haviam explicado o que é a coragem, ou que a conduta de beltrano era justa, mas não haviam explicado o que é a justiça. Tais confusões, porém, não eram (e não são) inexplicáveis.

Nossos sentimentos, nossas condutas, nossas ações e nossos comportamentos são modelados pe-

las condições em que vivemos (família, classe e grupo sociais, escola, religião, trabalho, circunstâncias políticas, etc.). Somos formados pelos costumes de nossa sociedade, que nos educa para respeitarmos e reproduzirmos os valores propostos por ela como bons e, portanto, como obrigações e deveres. Dessa maneira, valores e deveres parecem existir por si e em si mesmos, parecem ser naturais e intemporais, fatos ou dados com os quais nos relacionamos desde nosso nascimento: somos recompensados quando os seguimos, punidos quando os transgredimos.

Sócrates embaraçava os atenienses porque os forçava a indagar qual a origem e a essência (ou a significação verdadeira e necessária) das virtudes (valores e obrigações) que julgavam praticar ao seguir os costumes de Atenas. Como e por que sabiam que uma conduta era boa ou má, virtuosa ou viciosa? Por que, por exemplo, a coragem era considerada virtude e a covardia, vício? Por que valorizavam positivamente a justiça e desvalorizavam a injustiça, combatendo-a? Numa palavra: o que eram e o que valiam realmente os costumes que lhes haviam sido ensinados? Dirigindo-se aos atenienses, Sócrates lhes perguntava qual o sentido dos costumes estabelecidos (os valores éticos ou morais da coletividade, transmitidos de geração a geração) mas também indagava quais as disposições de caráter (características pessoais, sentimentos, atitudes, condutas individuais) que levavam alguém a respeitar ou a transgredir os valores da cidade, e por quê.

Ao indagar o que são a virtude e o bem, Sócrates realiza, na verdade, duas interrogações. Por um lado, interroga a sociedade para saber se o que ela está habituada a considerar virtuoso e bom corresponde efetivamente à virtude e ao bem; e, por outro, interroga os indivíduos para saber se, ao agir, possuem efetivamente consciência do significado e da finalidade de suas ações, se seu caráter ou sua índole são virtuosos e bons realmente. A indagação ética socrática dirige-se, portanto, à sociedade e ao indivíduo.

As questões socráticas inauguram a ética ou filosofia moral porque definem o campo no qual valores e obrigações morais podem ser estabelecidos pela determinação de seu ponto de partida: a consciência do agente moral. É sujeito ético ou moral somente aquele que sabe o que faz, conhece as causas e os fins de sua ação, o significado de suas intenções e de suas atitudes e a essência dos valores morais. Sócrates afirma que apenas o ignorante é vicioso ou incapaz de virtude, pois quem sabe o que é bem não poderá deixar de agir virtuosamente.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2012/12/etica-ou-filosofia-moral.html>



A história é aconchego para Maquiavel. Nos seus momentos de infortúnio, quando de seu exílio em San Casciano, ele aprende com os clássicos e esquece seus sofrimentos, como relata em carta a um amigo:

Chegando a noite, volto à minha casa e entro no meu gabinete de trabalho. Tiro as minhas roupas cobertas de sujeira e pó e visto as minhas vestes dignas das cortes reais e pontificias. Assim, convenientemente trajado, visito as cortes principescas dos gregos e romanos antigos. Sou afetuosamente recebido por eles e me nutro do único alimento a mim apropriado e para o qual nasci. Não me acanho ao falar-lhes e

pergunto das razões de suas ações; e eles com toda sua humanidade, me respondem. Então, durante 4 horas não sinto sofrimentos, esqueço todos os desgostos, não me lembro da pobreza e nem a morte me atemoriza /.../. (Carta a F. Vettori, de 10/12/1513. In: WEFFORT, 1989, p. 16).

É na história que Maquiavel orienta o governante a buscar as lições, aprendendo com as ações e os propósitos dos grandes homens. Maquiavel está exatamente no centro de um “turbilhão” de novas idéias que estão surgindo, numa fase de transição entre o antigo e o novo, num reavaliar dos projetos políticos e ao mesmo tempo numa tentativa de manutenção. Estão surgindo os Estados e a monarquia está perdendo sua legitimação pela tradição de sangue ou linhagem para fundar-se nas capacidades pessoais do governante. De sua prática, portanto, e do convívio com os clássicos é que nasceram os textos de Maquiavel (WEFFORT, 1989, p. 16).

Maquiavel propõe ao príncipe a observância do passado, que apresenta os modelos de heróis, a realidade humana e os meios para que o príncipe chegue ao poder e o mantenha. Eis sua orientação:

A fim de exercitar o espírito, o príncipe deve estudar a história e as ações dos grandes homens; ver como se conduziram na guerra, examinar as razões de suas vitórias e derrotas, para imitar as primeiras e evitar as últimas. Acima de tudo, deve agir como alguns grandes homens do passado ao seguir um modelo que tenha sido muito elogiado e glorificado, ter sempre em mente seus gestos e ações. Assim se diz que fez Alexandre, o Grande, com relação a Aquiles, César a Alexandre e Cipião a Ciro. Quem ler a biografia de Ciro, escrita por Xenofonte, verá que a glória de Cipião deve-se ao fato de ter imitado Ciro, repetindo suas qualidades de homem casto, afável, humanitário e liberal. (MAQUIAVEL, 2005, p. 95).

O objetivo é mostrar como as coisas são e o que se deve fazer com elas para se conseguir o que quer, lições estas que são encontradas nos antigos. Enquanto a religião exige um telos, um fim a ser atingido, uma recompensa, na concepção maquiaveliana o que existe é uma condição cíclica, onde as experiências do passado se repetem e os homens trilham quase sempre o mesmo caminho. É da natureza humana. Como numa seqüência interminável, “a ordem sucede à desordem e esta, por sua vez, clama por uma nova ordem. Como, no entanto, é impossível extinguir as paixões e os instintos humanos, o ciclo se repete.” (WEFFORT, 1989, p. 20). O tempo vai e volta e, no presente repetem-se as lições do passado. Quem for bom observador verá que as coisas já ocorreram de outra forma, mas com o mesmo sentido.

O método maquiaveliano apóia-se na história e tem seus fundamentos em Políbio, historiador romano. Podemos constatar isto no fragmento do próprio Políbio, apresentado por Pinsky:

É próprio da história conhecer primeiramente a veracidade dos acontecimentos que efetivamente ocorreram e, em segundo lugar, descobrir a causa pela qual as palavras ou atos resultam, finalmente em fracasso ou sucesso. Com efeito, um simples relato pode ser correto sem ter nenhuma utilidade; acrescente-se-lhe em compensação, a exposição da causa, e a prática da história torna-se fecunda. Buscando as analogias para aplicá-las a nossos problemas atuais, encontramos meios e indicações para prever o futuro: o passado nos protege, bem como nos fornece um modelo, permitindo-nos realizar nossas empresas sempre mais confiantes. (POLÍBIO, in: PINSKY, 1988, p. 145).

A semelhança com a perspectiva maquiaveliana é inevitável. Políbio já ensinava “que não há escola mais autêntica, nem exercício melhor para as questões políticas que as lições da história. Nada nos ensina poder suportar dignamente as vicissitudes do acaso mais seguramente que a recordação das desgraças de outrem!” (POLÍBIO, in: PINSKY, 1988, p. 145). E por isso Maquiavel está dando orientações ao Príncipe a partir do olhar histórico, da história dos romanos e da surpreendente capacidade destes de dominar e manter o poder, como já atestava Políbio:

Nesse sentido, seria perfeitamente inconveniente repetir o que já foi expresso, e bem, por muitos outros; no meu caso sobretudo, onde as novidades dos fatos que nos propomos relatar será mais do que suficiente para atrair e provocar todo mundo a ler minha obra, tanto jovens como velhos. (...) Por outro lado, poderia existir homens tão loucamente curiosos a respeito de outra disciplina a ponto de não sacrificar tudo em prol desse gênero de informação histórica? (POLÍBIO, in: PINSKY, 1988, p. 145).

Não observar a história seria uma falta do governante. É uma questão de prudência. Ao observar os antigos, ele aprenderá com os erros do passado e evitará cometê-los no presente. Por outro lado, deverá apropriar-se do que foi efetivo politicamente para que os grandes homens ou povos se mantivessem no poder por tanto tempo, como no caso do Império Romano. Para Maquiavel,

(...) são esses os métodos que deve seguir um príncipe prudente, nunca permanecendo ocioso em tempos de paz, mas ao contrário, capitalizando experiência, de modo que qualquer mudança da sorte o encontre sempre preparado para resistir aos golpes da adversidade, impondo-se a ela. (MAQUIAVEL, 2005, p. 95)

Maquiavel apresenta-se tão atual quanto no momento em que escreve O Príncipe. Dentro desta atualidade do pensamento maquiaveliano, e agora podemos afirmar não maquiavélico, não validamos uma política despreocupada com valores, mas propõe-se uma política que seja efetiva, que resolva os problemas e construa valores práticos. Não é validada a esperteza sem sentido algum e nem tampouco a bondade sem coerência e domínio de poder do governante. Não basta um governante honesto, com uma excelente proposta política, mas que escolhe mal seus ministros e assessores. Neste sentido, tratar dos problemas políticos atuais à luz da leitura do pensamento de Maquiavel parece-nos uma indispensável contribuição para entendermos a política de forma mais real, ou seja, como ela é, como se faz, como se costura em conchavos e alianças. Menos iludidos, mais realistas, podemos perceber a importância da política e dos nossos políticos. Com certeza também poderemos agir de forma esclarecida quanto aos nossos direitos e deveres, principalmente no trato com o poder que delegamos aos nossos representantes.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2014/06/maquiavel-e-historia-como-metodo.html>



Filósofo francês, nascido em Paris, em 1905, falecido em 1980. Sartre vivenciou e pôde refletir os acontecimentos mais marcantes do século XX. A Segunda Guerra Mundial só para relacionar um. Durante a guerra, Sartre atuou como soldado no serviço de meteorologia e foi preso pelos alemães, ficando entre 1940 e 1941 preso no Campo de Concentração de Trier na Alemanha.

Foge do Campo de Concentração e passa a atuar no movimento de Resistência francês, mas sempre utilizando sua principal arma: a palavra. Em sua obra As Palavras, obra autobiográfica afirma: “(...) o mundo me utilizava para fazer-se palavra”. (SARTRE, 1984, p. 157)

A discussão da liberdade está na obra, O existencialismo é um humanismo, de 1946, na qual Sartre procura mostrar o sentido ético do existencialismo diante das críticas a sua obra, O ser e o nada. Sartre

destacou-se não somente com as obras filosóficas, mas, sobretudo com as literárias, foi inclusive agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1964, após a publicação de *As Palavras*. Porém recusou-se aceitá-lo por entender que seria reconhecer que os juízes tivessem autoridade sobre sua obra.

A existência precede a essência

Sartre preocupa-se em esclarecer que há dois tipos de existencialismo, o cristão, que tem como representantes Jaspers e Gabriel Marcel; e o existencialismo ateu, que tem como representantes Heidegger, os existencialistas franceses e o próprio Sartre. O que há em comum entre os existencialistas cristãos e ateus é “(...) o fato de considerarem que a existência precede a essência. (SARTRE, 1987, p. 4-5)

Isto significa que, diferente dos filósofos anteriores, sobretudo da Filosofia do século XVIII, os existencialistas não aceitam o fato de o homem possuir uma natureza humana. E o existencialismo ateu, do qual Sartre é um dos mentores, fundamenta a inexistência de uma natureza humana pelo fato de afirmarem a inexistência de Deus.

(...) Se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem (...) o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. (SARTRE, 1987, p. 5-6)

Para o existencialismo, o homem ao nascer não está definido, mas irá através de sua existência fazer-se homem. Quando nasce, diferente dos demais animais, o homem tem em suas mãos o que poderá tornar-se. Como afirma Silva (2004) “(...) liberdade implica que posso sempre ser um outro projeto, porque nenhuma escolha é em si justificada”. Sendo que “(...) nenhuma escolha decidirá sobre a própria liberdade, porque não posso escolher ser livre”. (SILVA, 2004, p. 144)

Sartre alerta para o fato de que mesmo que a escolha seja subjetiva, seja individual, o homem está sempre relacionado aos limites da própria realidade humana.

Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. (SARTRE, 1987, p. 6-7)

Na realidade, a existência de cada um de nós se dá inserida nos limites da subjetividade humana. O ser humano ao mesmo tempo em que é indivíduo, torna-se e realiza-se enquanto ser através da sua relação com os demais de sua espécie e, portanto as escolhas que faz são escolhas que engajam toda a humanidade. Porém, “(...) essa escolha de ser, como todas as que poderiam ser feitas, está sempre em questão, porque a realidade humana é uma questão: nenhuma resolução, nenhuma deliberação assegura a persistência da escolha”. (SILVA, 2004, p. 145)

É importante destacar que a ética sartreana fundamenta-se no valor e na responsabilidade.

Desse modo, instituir valores é implicitamente negar valores, pois devo optar por um único crité-

rio, e, quando o faço, os outros não permanecem como virtualidades positivas, mas se desvanecem como não-valores. É nesse sentido que a universalidade está implicada na instituição do valor imanente à escolha: só posso escolher um negando os outros, e então aquele que escolho torna-se universal; naquele momento, ele é o único capaz de orientar a minha escolha, porque foi essa própria escolha que o posicionou como único. A radicalidade da escolha não permite que a instituição de um valor conserve uma pluralidade possível: ela anula todos os outros critérios. (SILVA, 2004, p. 147)

O que, na realidade, Silva busca alertar é para o fato de que não há um valor em absoluto e que a cada escolha, ao instituir-se valores, ocorre a anulação dos demais critérios utilizados anteriormente.

Na discussão da responsabilidade, e tendo claro que “(...) toda decisão é sempre decisão de criar valores (...) não é possível não escolher, não é possível não assumir responsabilidade pelas escolhas”. (SILVA, 2004, p. 150-151). Nesse sentido, é interessante discutir a questão histórica de responsabilidade do cidadão alemão comum com o Holocausto.

É o que discute o historiador Michael Marrus, quando afirma que:

Assim, temos apenas uma ideia muito vaga das relações entre a política antijudaica nazista e a opinião pública. Embora haja uma crença disseminada de que o anti-semitismo fazia parte da força de coesão ideológica do Terceiro Reich, mantendo unidos elementos opostos da sociedade alemã, os historiadores não foram capazes de identificar um impulso assassino fora da liderança nazista. Eu argumentei que as variedades populares de anti-semitismo, sozinhas, nunca foram fortes o suficiente para apoiar a perseguição violenta na era moderna. No caso de certos grupos, como o alto comando da Wehrmacht, é muito provável que as predisposições antijudaicas tenham facilitado sua colaboração efetiva no genocídio. Em outros casos, a indiferença ou a superficialidade parecem ter sido mais comuns – o que é suficientemente chocante quando vemos horrores do Holocausto, mas de fato isto é muito diferente de um incitamento ao assassinato em massa. (MARRUS, 2003, p. 180-181)

A discussão historiográfica mais recente busca entender como se comportava a população alemã diante do genocídio. Há alguns historiadores que responsabilizam a população alemã pelo fato de ter se comportado de forma indiferente ao que ocorria. Porém, a posição do historiador Michael Marrus é de que apesar de sua indiferença não é possível responsabilizá-la.

O historiador britânico Ian Kershaw afirma que “(...) a estrada para Auschwitz foi construída com ódio, mas pavimentada com indiferença”. (KERSHAW, apud MARRUS, 2003, p. 176) Será que Kershaw tem o mesmo posicionamento de Marrus em relação à responsabilidade dos alemães em relação ao Holocausto? Em 1996, Daniel Goldhagen, lança o livro *Os verdugos voluntários de Hitler*, onde afirma que “(...) o mundo dos campos de concentração revela a essência da Alemanha que se entregou ao nazismo, da mesma maneira que os que mataram revelam os crimes e a barbárie que os alemães comuns estavam dispostos a aceitar de bom grado a fim de salvar a Alemanha e o povo alemão do último perigo “Der Jude” (o judeu)”. (GOLDHAGEN, apud FONTANA, 2004, p. 372-373)

É interessante destacar que toda essa discussão histórica tem uma forte conotação ética por se tratar de valorar as ações dos homens diante de um acontecimento considerado hediondo, pelo fato de estender a responsabilidade a toda a população e ter saído do corriqueiro que é atribuir apenas aos governantes e aos que estavam a serviço do poder, mas também ao cidadão comum que se portou de forma indiferente ao que ocorria em sua pátria naquele momento.

O homem é liberdade

Para Sartre o homem é liberdade. Como entender essa afirmação? Entende-se que não há certezas e nem modelos que possam servir de referência, cabe ao homem inventar o próprio homem e jamais esquecer-se que é de sua responsabilidade o resultado de sua invenção. Pelo fato de ser livre é o homem quem faz suas escolhas e que ao fazê-las, torna-se responsável por elas. É por isso que:

O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, 1987, p. 7)

O conceito angústia está relacionado ao binômio: liberdade–responsabilidade. Faço as escolhas e ao fazê-las sou eu, exclusivamente eu, o único responsável por elas. É a angústia o sentimento de cada homem diante do peso de sua responsabilidade, por não ser apenas por si mesmo, mas por todas as consequências das escolhas feitas.

Com a angústia há um outro sentimento que é fruto também da liberdade: o desamparo. É preciso lembrar que o conceito de angústia foi desenvolvido pelo filósofo Kierkegaard e o conceito de desamparo, pelo filósofo Heidegger.

O existencialista, pelo contrário, pensa que é extremamente incômodo que Deus não exista, pois, junto com ele, desaparece toda e qualquer possibilidade de encontrar valores num céu inteligível; não pode mais existir nenhum bem a priori, já que não existe uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em nenhum lugar que o bem existe, que devemos ser honestos, que não devemos mentir, já que nos colocamos precisamente num plano em que só existem homens. Dostoiévski escreveu: ‘Se Deus não existisse, tudo seria permitido. (SARTRE, 1987, p. 9)

O desamparo se dá pelo fato de o homem saber-se só. É por isso que Sartre diz que “(...) o homem está condenado a ser livre” (SARTRE, 1987, p. 9). Pois não há nenhuma certeza, não há nenhuma segurança e tudo o que fizer é de sua irrestrita responsabilidade. De fato o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a “(...) inventar o homem a cada instante”. (SARTRE, 1987, p. 9)

Diante da constatação de que “(...) somos nós mesmos que escolhemos nosso ser” (SARTRE, 1987, p. 12). Surge o outro sentimento: o desespero. O que marca o desespero é o fato de que:

Só podemos contar com o que depende da nossa vontade ou com o conjunto de probabilidades que tornam a nossa ação possível. Quando se quer alguma coisa, há sempre elementos prováveis. Posso contar com a vinda de um amigo. Esse amigo vem de trem ou de ônibus; sua vinda pressupõe que o ônibus chegue na hora marcada e que o trem não descarrilhará. Permaneço no reino das possibilidades; porém, trata-se de contar com os possíveis apenas na medida exata em que nossa ação comporta o conjunto desses possíveis. A partir do momento em que as possibilidades que estou considerando não estão diretamente envolvidas em minha ação, é preferível desinteressar-me delas, pois nenhum Deus, nenhum desígnio poderá adequar o mundo e seus possíveis a minha vontade. [...] Não posso, porém, contar com os homens que não conheço, fundamentando-me na bondade humana ou no interesse do homem pelo bem-estar da sociedade, já que o homem é livre e que não existe natureza humana na qual possa me apoiar (SARTRE, 1987, p. 12).

Pelo fato de a realidade ir além, extrapolar os domínios de minha vontade e de minhas ações, o

reino das possibilidades passa a evidenciar que minha ação deverá ocorrer sem qualquer esperança. O desespero é, portanto, o sentimento de que não há certezas e verdades prontas, é o sentimento de insegurança que impregna a vontade e o agir, pelo fato de ambos serem confrontados com o reino das possibilidades e apontarem para o limite a liberdade de cada indivíduo.

O homem é o que ele faz

“A realidade não existe a não ser na ação; (...) o homem nada mais é do que o seu projeto; só existe na medida em que se realiza; não é nada além do conjunto de seus atos, nada mais que sua vida“. (SARTRE, 1987, p. 13)

Uma vez que não existe para cada um senão aquilo que faz, ou seja, o resultado de suas ações; a vida é, portanto, a somatória dos próprios atos. Sendo assim, Sartre destaca a ideia de que o homem é levado a agir, pois é por meio do engajamento que direciona seus atos em relação aos outros homens.

Alerta Sartre que não se nasce herói, covarde ou gênio, mas é o engajamento que faz com que assim se torne. Isto se dá pelo fato de que:

[...] se bem que seja impossível encontrar em cada homem uma essência universal que seria a natureza humana, consideramos que exista uma universalidade humana de condição. Não é por acaso que os pensadores contemporâneos falam mais frequentemente da condição do homem do que de sua natureza. Por condição, eles entendem, mais ou menos claramente, o conjunto dos limites a priori que esboçam a sua situação fundamental no universo. (SARTRE, 1987, p. 16)

Ao falar da condição do homem, Sartre apresenta o que delimita o agir. Portanto, cada um enfrentará os limites de sua própria existência que está dada em sua condição e diante da qual “(...) a escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher. Eu posso sempre escolher, mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo“. (SARTRE, 1987, p. 17)

É interessante que as escolhas são ativas ou passivas e a responsabilidade pesa sobre elas, seja qual delas for.

É verdade no sentido em que, cada vez que o homem escolhe o seu engajamento e o projeto com toda a sinceridade e toda a lucidez, qualquer que seja, aliás, esse projeto, não é possível preferir-lhe um outro; é ainda verdade na medida em que nós não acreditamos no progresso; o progresso é uma melhoria; o homem permanece o mesmo perante situações diversas, e a escolha é sempre uma escolha numa situação determinada. (SARTRE, 1987, p. 18)

É o homem quem escolhe seu engajamento e isto, segundo Sartre, jamais mudará. É por isso que, preocupa-se em dizer que não há a ideia de progresso em relação ao homem, já que o mesmo sempre estará diante da escolha de seu engajamento. Talvez fique mais evidenciada a ideia de que o homem não é uma essência, pois não se trata de chegar a um ponto ou lugar determinado, antes o que resta a cada um é fazer sua escolha, a escolha que lhe for possível.

Quando declaro que a liberdade, através de cada circunstância concreta, não pode ter outro objetivo senão o de querer-se a si própria, quero dizer que, se alguma vez o homem reconhecer que está estabelecendo valores, em seu desamparo, ele não poderá mais desejar outra coisa a não ser a liberdade como

fundamento de todos os valores. Isso não significa que ele a deseje abstratamente. Mas simplesmente, que os atos dos homens de boa fé possuem como derradeiro significado a procura da liberdade enquanto tal. (SARTRE, 1987, p. 19)

Portanto, o valor máximo da existência humana é a liberdade. Mas a liberdade não é algo individual, ou seja, a sua liberdade implica na dos outros. Apesar das circunstâncias é a liberdade o valor imprescindível da vida humana. O alerta que faz Sartre em relação à liberdade como fundamento de todos os valores é o de que:

Temos que encarar as coisas como elas são. E, aliás, dizer que nós inventamos os valores não significa outra coisa senão que a vida não tem sentido a priori. Antes de alguém viver, a vida, em si mesma, não é nada; é quem a vive que deve dar-lhe um sentido; e o valor nada mais é o que esse sentido escolhido. (SARTRE, 1987, p. 21)

O homem, pelo fato de ser livre e tornar-se homem, já que a existência precede a essência, depara-se com a situação de que a vida não possui sentido anteriormente dado. O sentido da vida é traçado a partir das escolhas que faz e através dos atos que realiza. Sendo assim, Sartre não aceita os demais humanismos, pois apresentam um sentido a vida humana como sendo uma meta, algo pronto e acabado ao qual cada indivíduo deva alcançar.

Existe uma universalidade em todo projeto no sentido em que qualquer projeto é inteligível para qualquer homem. Isso não significa de modo algum que esse projeto defina o homem para sempre, mas que ele pode ser reencontrado. Temos sempre a possibilidade de entender o idiota, a criança, o primitivo ou o estrangeiro, desde que tenhamos informações suficientes. Nesse sentido, podemos dizer que há uma universalidade do homem; porém, ela não é dada, ela é permanentemente construída. (SARTRE, 1987, p. 16).

Uma das diferenças entre o humanismo apregoado pelo existencialismo está no fato de que há uma universalidade humana que é uma construção do próprio homem, contrária a afirmação de uma essência humana já que a mesma entende-se como algo dado, pronto e sempre o mesmo.

Segundo Sartre, “(...) dizer que nós inventamos os valores não significa outra coisa senão que a vida não tem sentido a priori. Antes de alguém viver, a vida, em si mesma, não é nada; é quem a vive que deve dar-lhe um sentido; e o valor nada mais é do que esse sentido escolhido. Por constatar-se, assim, que é possível criar uma comunidade humana. (Sartre, 1987, p. 21).

Por não haver valores estabelecidos, o homem pode inventá-los, e, ao fazê-lo, atribui sentido à própria vida. O humanismo do qual fala o existencialismo é o que permite que os homens por meio da invenção de valores criem a comunidade humana. Deve-se destacar o fato de que não há um modelo ou meta pré-determinada, mas se dá por meio da própria ação dos homens. É com essa preocupação que Sartre afirma que:

(...) não podemos admitir que um homem possa julgar o homem. O existencialismo dispensa-o de todo e qualquer juízo desse tipo: o existencialismo não colocará nunca o homem como meta, pois ele está sempre por fazer. E não devemos acreditar que existe uma humanidade à qual possamos nos dedicar, tal como fez Auguste Comte. O culto da humanidade conduz a um humanismo fechado sobre si mesmo, como o de Comte, e, temos de admiti-lo, ao fascismo. Este é um humanismo que recusamos. (SARTRE, 1987, p. 21).

A afirmação sartreana: “(...) o homem é liberdade”, depara-se com o humanismo proposto pelo

existencialismo que entende que o homem não pode ser colocado como meta. É por isso, que mesmo havendo a meta, para os demais humanismos, Sartre a rejeita pelo fato de entender que é por meio de sua ação – engajamento, o homem torna-se homem.

Por não haver valores estabelecidos, o homem pode inventá-los, e, ao fazê-lo, atribui sentido à própria vida. O humanismo do qual fala o existencialismo é o que permite que os homens por meio da invenção de valores criem a comunidade humana. Deve-se destacar o fato de que não há um modelo ou meta pré-determinada, mas se dá por meio da própria ação dos homens. É com essa preocupação que Sartre afirma que:

Nesse sentido, o existencialismo aponta para um novo humanismo. Também por entender que o homem não é uma meta, é impossível, para Sartre, admitir que o homem possa julgar o homem. Quando recusou o Prêmio Nobel de Literatura, o fez por entender que ninguém poderia valorar, ou seja, julgar a sua obra. Para o existencialismo o humanismo está dado na realização da própria vida, onde por meio das escolhas e diante das circunstâncias e condições o homem realiza sua existência através da liberdade.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2013/03/jean-paul-sartre-e-liberdade.html>



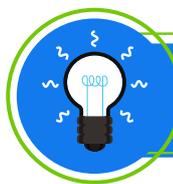
O racionalismo sustenta que há um tipo de conhecimento que surge diretamente da razão. É baseado nos princípios da busca da certeza e da demonstração, sustentados por um conhecimento que não vêm da experiência e são elaborados somente pela razão.

O racionalismo considera que o homem tem idéias inatas, ou seja, que não são derivadas da experiência, mas se encontram no indivíduo desde seu nascimento e desconfia das percepções sensoriais.

Enquanto a ciência cristã e antiga constituía um corpo de verdades teóricas universais, de certezas definitivas, não admitindo erros, mudanças ou crítica, a ciência moderna e racional vai propor formular leis e princípios que expliquem o funcionamento da realidade.

O pensamento racional ao introduzir a dúvida no processo do pensamento, introduz a crítica como parte do desenvolvimento do conhecimento científico. São esses princípios da ciência moderna que encontramos hoje.

Principais pensadores: René Descartes (1596-1650), Pascal (1623-1662), Spinoza (1632-1677) e Leibniz (1646-1716), Friedrich Hegel (1770-1831).



René Descartes

Nasceu na França, em 1596, em um momento de profunda crise da sociedade e cultura européia, passando por grandes transformações e ruptura com o mundo anterior. Foi um dos principais pensadores do racionalismo. Expôs suas idéias com cautela para evitar a condenação da igreja. É considerado um dos pais da filosofia moderna.

O princípio básico de sua filosofia é a frase: “Penso, Logo existo”. A base de seu método é a dúvida de todas as nossas crenças e opiniões. Para ele, tudo deve ser rejeitado se houver qualquer possibilidade de dúvida. O pensamento é algo mais certo que a matéria. Ele valorizava a atividade do sujeito pensante em relação ao real a ser conhecido. Descartes acreditava que o método racional é caminho para garantir o conhecimento de uma teoria científica.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2013/03/racionalismo.html>



Hume e a Experiência do Conhecimento

A principal obra filosófica de David Hume teve duas partes publicadas em 1739 em Londres e chamava-se Tratado da Natureza Humana (Treatise of Human Nature). A última parte foi publicada em 1740. Hume tinha no momento pouco mais de 25 anos. As três partes tratavam, respectivamente, do “Entendimento”, das “Paixões” e da “Moral”. Hume esperava que sua obra repercutisse nos meios filosóficos londrinos, mas a recepção foi fria e desdenhosa. Cerca de nove anos mais tarde Hume publica o texto Investigação Acerca do Entendimento Humano. Trata-se de uma versão mais popular do conteúdo do primeiro livro do Tratado. Na seção II da Investigação Hume diz que as percepções podem ser divididas em duas classes: as menos fortes são as ideias ou pensamentos. A outra categoria de percepções recebe o nome de impressões. Hume dá um sentido bastante amplo ao termo: “(...) pelo termo impressão, entendo, pois, todas as nossas percepções mais vivas, quando ouvimos, vemos, sentimos, amamos, odiamos, desejamos ou queremos.” (HUME, 1973)

Hume diz que aquelas percepções chamadas “fracas”, que são as ideias, são originadas a partir da classe de percepções “fortes”, as impressões. Hume não diz o que exatamente ele entende por “forte” nesse contexto. Ele pretende mostrar que os pensamentos são sensações que perderam a conexão imediata, atual, com o objeto causador da sensação. Neste sentido as imagens que compõem o pensamento são percepções “fracas”, pois sua intensidade não é a mesma da impressão.

Trata-se de uma tese extremamente arrojada. Ela contesta grande parte da tradição filosófica que construía conceitos com base em teses acerca da superioridade da razão e dos juízos universais. Como explica Plínio J. Smith:

Dois argumentos são oferecidos em favor da tese de que as impressões são causas das idéias. O

primeiro deles começa, no Tratado, com a revisão da correspondência entre idéias e impressões simples, e invoca a conjunção constante entre elas. (...) Como não se pode imputar ao acaso essa conexão que se mantém constante num número infinito de casos, a existência da relação causal é manifesta e só resta determinar o que é causa do quê. (...) O segundo argumento procede pelo caminho inverso, partindo da ausência de impressões quando se tem um defeito nos órgãos dos sentidos que os impede de funcionar. Nos cegos ou surdos, há não apenas a ausência de impressão, como também a da ideia correspondente. (...) Assim, mostra-se que, sem a impressão, não há ideia e, com a impressão, tem-se a ideia correspondente.” (SMITH, 1995).

Da distinção entre conhecimento e probabilidade

David Hume distingue conhecimento e probabilidade. No conhecimento as “relações de idéias são dependentes das próprias idéias”. Para que essa relação se altere é preciso que uma ideia se altere (SMITH, 1995). Hume dá como exemplo a igualdade entre a soma dos ângulos internos de um triângulo e dois ângulos retos. Enquanto a ideia de triângulo não se alterar, essa igualdade será sempre verificada. Por outro lado, existe o que Hume chama de probabilidade, cujas relações não são as mesmas do conhecimento. A probabilidade é um conceito que trata de relações de fato, não de razão. Ao contrário do conhecimento, no qual negar a relação implica contradição, na probabilidade negar a relação é uma possibilidade. Para Hume existem três relações na probabilidade: a identidade, as situações no tempo e lugar e a causalidade.

Em relação à causalidade, Hume diz que é um raciocínio baseado em conexões de causa e efeito constatados na experiência. Segundo Hume, quando dizemos que o fato A causou B e não há nenhuma experiência que sustente a relação, trata-se de um raciocínio arbitrário. Nesse sentido, Hume critica os que recorrem à razão para esclarecer a origem da ideia de causalidade e, assim, creem que as relações de causas e efeitos possam se constituir em objetos de genuíno conhecimento. O raciocínio de causa e efeito é, em síntese, um raciocínio provável, cujo fundamento só é dado na experiência.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2013/03/hume-e-experiencia-no-processo-de.html>



Kant e a Crítica da Razão

Immanuel Kant é de origem alemã, tendo nascido em Königsberg, atual Kaliningrado (pertence à Rússia desde 1946), em 22 de abril de 1724. Consta que não casou e não teve filhos. Faleceu em 1804, com cerca de 80 anos.

A influência da filosofia de Kant foi, e continua sendo, tão profunda e tão vasta a ponto de converter-se em algo imperceptível. A investigação filosófica, no âmbito das tradições “analítica” e “continental”, é impensável sem os recursos lexicais e conceituais legados por Kant. Mesmo fora da filosofia, nas humanidades, ciências sociais e ciências naturais, os conceitos e estruturas de argumentação kantianos são ubíquos. Quem quer que exerça a crítica literária ou social está contribuindo para a tradição kantiana;

quem quer que reflita sobre as implicações epistemológicas de sua obra descobrirá estar fazendo-o dentro dos parâmetros estabelecidos por Kant. Com efeito, muitos debates contemporâneos, em teoria estética, Literária ou política, mostram uma peculiar tendência para converter-se em discussões em torno da exegese de Kant. Em suma, nos menos de 200 anos desde a morte de seu autor, a filosofia kantiana estabeleceu-se como indispensável ponto de orientação intelectual. (CAYGILL, 2000)

O foco da filosofia de Kant é a gênese do conhecimento, os limites da metafísica e o fundamento das leis morais. Sobre a metafísica Kant escreve:

Estou tão longe de admitir que a Metafísica, considerada objetivamente, seja algo sem importância ou supérfluo que, desde há algum tempo, particularmente desde que julgo compreender a sua natureza e o lugar que lhe compete entre os conhecimentos humanos, estou convencido de que dela depende o verdadeiro e duradouro bem da humanidade. (SANTOS, 1985).

No ano de 1770 Kant escreveu uma dissertação intitulada *Acerca da Forma e dos Princípios do Mundo Sensível e Inteligível*. Kant tinha à época 46 anos. Já era conhecido do público alemão pelos escritos filosóficos que tinha publicado. Com a dissertação ele ganhou o posto de professor de Lógica e Metafísica da Universidade de Königsberg. Nessa obra ele postula uma diferença entre dois tipos de conhecimento:

Conhecimento sensível: o sujeito recebe “impressões” dos objetos. Nessa forma de conhecimento o sujeito lida com as aparências dos objetos, ou com o que Kant chama de “fenômenos”. Exemplo disso são os conceitos que temos de “calor” ou “frio”. São todos obtidos pela experiência, mas há dimensões desses conceitos que nunca experimentamos. Por exemplo, existe uma quantidade de calor no Sol cuja temperatura somos incapazes de experimentar, existem dimensões no espaço cósmico que jamais veremos, etc. Daí porque pode-se dizer que os dados que temos sobre calor, frio, espaço, etc., são fenômenos, aparências que captamos pela experiência. Todo fenômeno é uma experiência sensível limitada ao sujeito que percebe.

Conhecimento Inteligível: é a capacidade que o sujeito tem de “representar” as coisas conceitualmente, isto é, representar os dados que não podem ser captados pelos sentidos. Exemplo. Se você definir um quadrado como “objeto que possui quatro lados”, a propriedade “quatro lados” é claramente obtida por sua experiência no contato com objetos desta dimensão. Mas o mesmo não ocorre com o conceito “possibilidade”. Você não encontra no mundo nada que possa ser identificado com esse conceito. Trata-se de um conceito abstrato, inteligível, cuja propriedade é definida inteiramente pelo pensamento.

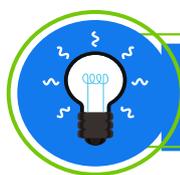


BIO
EXATAS
MS
PRÉ-VESTIBULARES

FILOSOFIA

CARLOS IGOR

EXERCÍCIOS

**LISTA DE EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA**

01. (Uece 2020) Leia a seguinte passagem, que relaciona o regramento democrático ao desenvolvimento de uma prática social baseada na razão:

“A democracia representa exatamente a possibilidade de se resolverem, através do entendimento mútuo, e de leis iguais para todos, as diferenças e divergências existentes em nome de um interesse comum. As decisões serão tomadas por consenso, o que acarreta persuadir, convencer, justificar, explicar. Anteriormente, havia a imposição, a violência, a obediência. A linguagem, o diálogo e a discussão rompem com a violência na medida em que todos os falantes têm, no diálogo, os mesmos direitos (isegoria): interrogar, questionar, contra-argumentar. A razão se sobrepõe à força”.

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar Ed.1998. Adaptado.

Considerando a passagem acima, analise as seguintes afirmações:

- I. O surgimento de todas as formas de manifestação cultural, entre elas a filosofia, a arte e a narrativa histórica deve ser entendido a partir do contexto social e histórico no qual determinada sociedade está imersa.
- II. O alvorecer da filosofia, no mundo antigo, teve como motivação o desenvolvimento de uma vida social democrática, mais voltada à harmonia e conciliação de interesses diversos, o que requeria o uso do argumento racional.
- III. O processo democrático na Grécia antiga inaugurou a obediência ao poder de todos e para todos e isso se refletiu no surgimento de um pensamento racional que, embora fosse inovador, continuava prisioneiro de uma visão autoritária de sociedade.

É correto o que se afirma em

- a) I e III apenas.
- b) I e II apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I, II e III.

02. (Uece 2020) Atente para a seguinte passagem, que trata do alvorecer da filosofia: “A derrocada do sistema micênico ultrapassa, largamente, em suas consequências, o domínio da história política e social. Ela repercute no próprio homem grego; modifica seu universo espiritual, transforma algumas de suas atitudes psicológicas. A Grécia se reconhece numa certa forma de vida social, num tipo de reflexão que definem a

seus próprios olhos sua originalidade, sua superioridade sobre o mundo bárbaro: no lugar do Rei cuja onipotência se exerce sem controle, sem limite, no recesso de seu palácio, a vida política grega pretende ser o objeto de um debate público, em plena luz do Sol, na Ágora, da parte de cidadãos definidos como iguais e de quem o Estado é a questão comum; no lugar das antigas cosmogonias associadas a rituais reais e a mitos de soberania, um pensamento novo procura estabelecer a ordem do mundo em relações de simetria, de equilíbrio, de igualdade entre os diversos elementos que compõem o cosmos”.

VERNANT, J.-P. As origens do pensamento grego. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p.6/adaptado.

Com base na passagem acima, é correto afirmar que

- a) a filosofia decorre fundamentalmente de um longo processo de evolução dos mitos antigos, não havendo relação direta entre seu desenvolvimento e o processo social e político dos povos que deram origem à civilização grega.
- b) o poder despótico, característico dos povos da antiguidade, consolidou de forma gradual e constante o surgimento de movimentos sociais de contestação na Grécia antiga, o que foi fundamental para o surgimento da razão filosófica, no período clássico.
- c) a mudança de pensamento do povo grego e a originalidade de sua reflexão sobre o cosmo se relacionam às transformações da vida política grega, na qual o debate público por parte de cidadãos iguais substituiu a onipotência do poder real ancorada em mitos de soberania.
- d) não há diferenças significativas entre os sistemas de organização social dos povos que viveram na Grécia micênica e os processos sociais que vigoraram nos períodos subsequentes, seja no período homérico, seja nos períodos arcaico e período clássico.

03. (Ufpr 2019) Quando soube daquele oráculo, pus-me a refletir assim: “Que quererá dizer o Deus? Que sentido oculto pôs na resposta? Eu cá não tenho consciência de ser nem muito sábio nem pouco; que quererá ele então significar declarando-me o mais sábio? Naturalmente não está mentindo, porque isso lhe é impossível”. Por longo tempo fiquei nessa incerteza sobre o sentido; por fim, muito contra meu gosto, decidi-me por uma investigação, que passo a expor.

(PLATÃO. Defesa de Sócrates. Trad. Jaime Bruna. Coleção Os Pensadores. Vol. II. São Paulo: Victor Civita, 1972, p. 14.)

O texto acima pode ser tomado como um exemplo para ilustrar o modo como se estabelece, entre os gregos, a passagem do mito para a filosofia. Essa passagem é caracterizada:

- a) pela transição de um tipo de conhecimento racional para um conhecimento centrado na fabulação.
- b) pela dedicação dos filósofos em resolver as incertezas por meio da razão.
- c) pela aceitação passiva do que era afirmado pela divindade.
- d) por um acento cada vez maior do valor conferido ao discurso de cunho religioso.
- e) pelo ateísmo radical dos pensadores gregos, sendo Sócrates, inclusive, condenado por isso.

04. (Uece 2019) “É no plano político que a Razão, na Grécia, primeiramente se exprimiu, constituiu-se e formou-se. A experiência social só pôde tornar-se entre os gregos objetos de uma reflexão positiva, porque se prestava, na cidade, a um debate público de argumentos. O declínio do mito data do dia em que os primeiros Sábios puseram em discussão a ordem humana, procuraram defini-la em si mesma, traduzi-la em fórmulas acessíveis à sua inteligência, aplicar-lhe a norma do número e da medida.”

VERNANT, J.-P. As origens do pensamento grego. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989, p. 94.

Com base nessa citação, é correto afirmar que a filosofia nasce

- a) após o declínio das ideias mitológicas, não havendo nenhuma linha de continuidade entre estas últimas e as novas ciências gregas.
- b) das representações religiosas míticas que se transpõem nas novas representações cosmológicas jônicas.
- c) da experiência do espanto, a maravilha com um mundo ordenado e, portanto, belo.
- d) da experiência política grega de debate, argumentação e contra-argumentação, que põe em crise as representações míticas.

05. (Uece 2019) “Como se sabe, a palavra *mythos* raramente foi empregada por Heródoto (apenas duas vezes). Caracterizar um *logos* (narrativa) como *mythos* era para ele um meio claro de rejeitá-lo como duvidoso e inconvincente. [...] Situado em algum lugar além do que é visível, um *mythos* não pode ser provado.”

HARTOG, F. Os antigos, o passado e o presente. Brasília, Editora da UnB, 2003, p. 37.

Sobre a diferença entre *mythos* e *logos* acima sugerida, é INCORRETO afirmar que

- a) o problema do *mythos* era limitar-se ao que é visível e, por isso, não podia ser pensado.
- b) filosofia e história nasceram, na Grécia clássica, com base numa mesma reivindicação do *logos* contra o *mythos*.
- c) o *mythos* não poderia ser submetido à clarificação argumentativa e à prova — demonstração — discursiva.
- d) em contraposição ao *mythos*, o *logos* era um uso argumentativo da linguagem, capaz de criar as condições do convencimento.

06. (Upe-ssa 1 2017) Observe o texto a seguir sobre a gênese do pensamento filosófico.

Com a filosofia, novo critério de verdade se impunha: o critério da logicidade. Verdade é aquilo, que concorda com as leis do *lógos* (pensamento, razão). É a razão, que nos dá garantia da verdade, porque o real é racional.

LARA, Tiago Adão. A Filosofia nas suas origens gregas, 1989, p. 54.

Sobre a gênese do pensamento filosófico, está CORRETO afirmar que

- a) a evidência da verdade com o crivo da racionalidade tem resposta no mito.
- b) o critério da logicidade está presente na adesão à crença e ao mito.
- c) a gênese do pensar filosófico e a inspiração criadora de sentidos consistem na fantasia.
- d) a origem do pensamento filosófico surge entre os gregos, no século VI a.C., na busca por explicação do sobrenatural com a força do divino.
- e) o despertar da filosofia grega surge na verdade argumentada da razão com o critério da interpretação.

07. (Uem 2017) Platão registra, em seu diálogo Crátilo, a análise de Sócrates acerca do valor das lições dos sofistas:

“Sócrates – O ensino sobre os termos não é assunto de pouca importância. Se eu tivesse ouvido a lição de Pródico [de Ceós] de cinquenta dracmas, a qual garantia ao ouvinte ficar inteiramente formado acerca deste assunto, como ele assevera, nada te impediria de saber imediatamente toda a verdade acerca do uso correto das palavras. Mas só ouvi a lição no valor de um dracma.”

PLATÃO, Crátilo, 483B apud FIGUEIREDO, V. de (org.). Filósofos na sala de aula. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2007, vol. 2, p. 28.

Com fundamento no texto acima, assinale o que for correto.

- 01) Não havia na sofística qualquer alusão à lógica e ao estudo da argumentação, restando apenas lugar à retórica, voltada à noção de argumento correto no contexto dos intensos debates públicos das assembleias democráticas.
- 02) A preocupação com o uso da palavra ocorre no contexto da pólis grega, em que isegoria e participação política contrapunham o discurso mitológico ao discurso político. Neste prevaleciam a sagacidade, a discussão e a argumentação.
- 04) O “ensino sobre os termos” era voltado ao desenvolvimento da argumentação, da habilidade retórica e da análise de doutrinas divergentes ou antilogias. Insuficiências nesse aprendizado eram prejudiciais aos negócios públicos e privados.
- 08) Ao cobrarem pelo ensino de conceitos e de estratégias para estabelecer as teses pretendidas, os sofistas contribuíram para valorizar o saber, inaugurando uma forma de magistério que despertou a admiração de filósofos como Platão e Aristóteles.
- 16) O apreço dos sofistas pelos discursos duplos (dissoi logoi) demonstra certa tendência antidogmática, o que teria levado esses autores, filósofos e pensadores, à formulação de concepções flexíveis sobre o gênero humano, a sociedade e a realidade.

08. (Upe-ssa 1 2016) Sobre a gênese da filosofia entre os gregos, observe o texto a seguir:

Seja como termo, seja como conceito, a filosofia é considerada pela quase totalidade dos estudiosos como uma criação própria do gênio dos gregos. Quem não levar isso em conta não poderá compreender por que, sob o impulso dos gregos, a civilização ocidental tomou uma direção completamente diferente da oriental.

(ANTISERI, Dario e RELAE, Giovanni. História da Filosofia, 1990, p. 11).

Sobre a gênese do pensamento filosófico entre os gregos, é CORRETO afirmar que

- a) a experiência concreta da racionalidade estava isenta da vida política na Pólis Grega.
- b) a prática político-democrática, atrelada ao enfoque irracional da vida em sociedade, foi o terreno fértil para a gênese do pensamento filosófico.
- c) sob o impulso dos gregos, a dimensão racional se impõe como critério de verdade. A filosofia é fruto desse projeto da razão.
- d) a filosofia é fruto do momento cultural em que a sensibilidade e a fantasia impõem-se sobre a razão.
- e) na gênese do pensamento filosófico grego, na civilização ocidental, a forma de sabedoria que se sobrepunha à ciência filosófica, eram as convicções religiosas fundamentadas na razão pura.

09. (Uema 2015) Leia a fábula de La Fontaine, uma possível explicação para a expressão “o amor é cego”.

No amor tudo é mistério: suas flechas e sua aljava, sua chama e sua infância eterna. Mas por que o amor é cego? Aconteceu que num certo dia o Amor e a Loucura brincavam juntos. Aquele ainda não era cego. Surgiu entre eles um desentendimento qualquer. Pretendeu então o Amor que se reunisse para tratar do assunto o conselho dos deuses. Mas a Loucura, impaciente, deu-lhe uma pancada tão violenta que lhe privou da visão. Vênus, mãe e mulher, pôs-se a clamar por vingança, aos gritos. Diante de Júpiter, de Nêmesis – a deusa da vingança – e de todos os juízos do inferno, Vênus exigiu que aquele crime fosse reparado. Seu filho não podia ficar cego. Depois de estudar detalhadamente o caso, a sentença do supremo tribunal celeste consistiu em declarar a loucura a servir de guia ao Amor.

Fonte: LA FONTAINE, Jean de. O amor e a loucura. In: Os melhores contos de loucura. Flávio Moreira da Costa (Org.). Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

A fábula traz uma explicação oriunda dos deuses para uma realidade humana. Esse tipo de explicação classifica-se como

- a) estética.
- b) filosófica.
- c) mitológica.
- d) científica.
- e) crítica.

10. (Uel 2015) Leia os textos a seguir.

Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre.

HESÍODO. Teogonia: a origem dos deuses. 3.ed. Trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995. p.91.

Segundo a mitologia ioruba, no início dos tempos havia dois mundos: Orum, espaço sagrado dos orixás, e Aiyê, que seria dos homens, feito apenas de caos e água. Por ordem de Olorum, o deus supremo, o orixá Oduduá veio à Terra trazendo uma cabaça com ingredientes especiais, entre eles a terra escura que jogaria sobre o oceano para garantir morada e sustento aos homens.

“A Criação do Mundo”. SuperInteressante. jul. 2008. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/religiao/criacao-mundo-447670.shtm>>. Acesso em: 1 abr. 2014.

No começo do tempo, tudo era caos, e este caos tinha a forma de um ovo de galinha. Dentro do ovo estavam Yin e Yang, as duas forças opostas que compõem o universo. Yin e Yang são escuridão e luz, feminino e masculino, frio e calor, seco e molhado.

PHILIP, N. O Livro Ilustrado dos Mitos: contos e lendas do mundo. Ilustrado por Nilesh Mistry. Trad. de Felipe Lindoso. São Paulo: Marco Zero, 1996. p.22.

Com base nos textos e nos conhecimentos sobre a passagem do mito para o logos na filosofia, considere as afirmativas a seguir.

- I. As diversas narrativas míticas da origem do mundo, dos seres e das coisas são genealogias que concebem o nascimento ordenado dos seres; são discursos que buscam o princípio que causa e ordena tudo que existe.
- II. Os mitos representam um relato de algo fabuloso que afirmam ter ocorrido em um passado remoto e impreciso, em geral grandes feitos apresentados como fundamento e começo da história de dada comunidade.
- III. Para Platão, a narrativa mitológica foi considerada, em certa medida, um modo de expressar determinadas verdades que fogem ao raciocínio, sendo, com frequência, algo mais do que uma opinião provável ao exprimir o vir-a-ser.
- IV. Quando tomado como um relato alegórico, o mito é reduzido a um conto fictício desprovido de qualquer correspondência com algum tipo de acontecimento, em que inexiste relação entre o real e o narrado.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

11. (Ueg 2015) A cultura grega marca a origem da civilização ocidental e ainda hoje podemos observar sua influência nas ciências, nas artes, na política e na ética. Dentre os legados da cultura grega para o Ocidente, destaca-se a ideia de que

- a) a natureza opera obedecendo a leis e princípios necessários e universais que podem ser plenamente conhecidos pelo nosso pensamento.
- b) nosso pensamento também opera obedecendo a emoções e sentimentos alheios à razão, mas que nos ajudam a distinguir o verdadeiro do falso.
- c) as práticas humanas, a ação moral, política, as técnicas e as artes dependem do destino, o que negaria a existência de uma vontade livre.
- d) as ações humanas escapam ao controle da razão, uma vez que agimos obedecendo aos instintos como mostra hoje a psicanálise.

12. (Uel 2015) Leia o texto a seguir e responda à próxima questão.

De onde vem o mundo? De onde vem o universo? Tudo o que existe tem que ter um começo. Portanto, em algum momento, o universo também tinha de ter surgido a partir de uma outra coisa. Mas, se o universo de repente tivesse surgido de alguma outra coisa, então essa outra coisa também devia ter surgido de alguma outra coisa algum dia. Sofia entendeu que só tinha transferido o problema de lugar. Afinal de contas, algum dia, alguma coisa tinha de ter surgido do nada. Existe uma substância básica a partir da qual tudo é feito? A grande questão para os primeiros filósofos não era saber como tudo surgiu do nada. O que os instigava era saber como a água podia se transformar em peixes vivos, ou como a terra sem vida podia se transformar em árvores frondosas ou flores multicoloridas.

Adaptado de: GAARDER, J. O Mundo de Sofia. Trad. de João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.43-44.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o surgimento da filosofia, assinale a alternativa correta.

- a) Os pensadores pré-socráticos explicavam os fenômenos e as transformações da natureza e porque a vida é como é, tendo como limitador e princípio de verdade irrefutável as histórias contadas acerca do mundo dos deuses.
- b) Os primeiros filósofos da natureza tinham a convicção de que havia alguma substância básica, uma causa oculta, que estava por trás de todas as transformações na natureza e, a partir da observação, buscavam descobrir leis naturais que fossem eternas.
- c) Os teóricos da natureza que desenvolveram seus sistemas de pensamento por volta do século VI a.C. partiram da ideia unânime de que a água era o princípio original do mundo por sua enorme capacidade de transformação.
- d) A filosofia da natureza nascente adotou a imagem homérica do mundo e reforçou o antropomorfismo do mundo dos deuses em detrimento de uma explicação natural e regular acerca dos primeiros princípios que originam todas as coisas.
- e) Para os pensadores jônicos da natureza, Tales, Anaxímenes e Heráclito, há um princípio originário único denominado o ilimitado, que é a reprodução da aparência sensível que os olhos humanos podem observar no nascimento e na degeneração das coisas.

13. (Ueg 2013) O ser humano, desde sua origem, em sua existência cotidiana, faz afirmações, nega, deseja, recusa e aprova coisas e pessoas, elaborando juízos de fato e de valor por meio dos quais procura orientar seu comportamento teórico e prático. Entretanto, houve um momento em sua evolução histórico-social em que o ser humano começa a conferir um caráter filosófico às suas indagações e perplexidades, questionando racionalmente suas crenças, valores e escolhas. Nesse sentido, pode-se afirmar que a filosofia

- a) é algo inerente ao ser humano desde sua origem e que, por meio da elaboração dos sentimentos, das percepções e dos anseios humanos, procura consolidar nossas crenças e opiniões.
- b) existe desde que existe o ser humano, não havendo um local ou uma época específica para seu nascimento, o que nos autoriza a afirmar que mesmo a mentalidade mítica é também filosófica e exige o trabalho da razão.
- c) inicia sua investigação quando aceitamos os dogmas e as certezas cotidianas que nos são impostos pela tradição e pela sociedade, visando educar o ser humano como cidadão.
- d) surge quando o ser humano começa a exigir provas e justificações racionais que validam ou invalidam suas crenças, seus valores e suas práticas, em detrimento da verdade revelada pela codificação mítica.

14. (Ueg 2013) O surgimento da filosofia entre os gregos (Séc. VII a.C.) é marcado por um crescente processo de racionalização da vida na cidade, em que o ser humano abandona a verdade revelada pela codificação mítica e passa a exigir uma explicação racional para a compreensão do mundo humano e do mundo natural. Dentre os legados da filosofia grega para o Ocidente, destaca-se:

- a) a concepção política expressa em A República, de Platão, segundo a qual os mais fortes devem governar sob um regime político oligárquico.
- b) a criação de instituições universitárias como a Academia, de Platão, e o Liceu, de Aristóteles.
- c) a filosofia, tal como surgiu na Grécia, deixou-nos como legado a recusa de uma fé inabalável na razão humana e a crença de que sempre devemos acreditar nos sentimentos.
- d) a recusa em apresentar explicações preestabelecidas mediante a exigência de que, para cada fato, ação ou discurso, seja encontrado um fundamento racional.

15. (Unb 2012) No início do século XX, estudiosos esforçaram-se em mostrar a continuidade, na Grécia Antiga, entre mito e filosofia, opondo-se a teses anteriores, que advogavam a descontinuidade entre ambos.

A continuidade entre mito e filosofia, no entanto, não foi entendida univocamente. Alguns estudiosos, como Cornford e Jaeger, consideraram que as perguntas acerca da origem do mundo e das coisas haviam sido respondidas pelos mitos e pela filosofia nascente, dado que os primeiros filósofos haviam suprimido os aspectos antropomórficos e fantásticos dos mitos.

Ainda no século XX, Vernant, mesmo aceitando certa continuidade entre mito e filosofia, criticou seus predecessores, ao rejeitar a ideia de que a filosofia apenas afirmava, de outra maneira, o mesmo que o mito. Assim, a discussão sobre a especificidade da filosofia em relação ao mito foi retomada.

Considerando o breve histórico acima, concernente à relação entre o mito e a filosofia nascente, assinale a opção que expressa, de forma mais adequada, essa relação na Grécia Antiga.

- a) O mito é a expressão mais acabada da religiosidade arcaica, e a filosofia corresponde ao advento da razão liberada da religiosidade.
- b) O mito é uma narrativa em que a origem do mundo é apresentada imaginativamente, e a filosofia caracteriza-se como explicação racional que retoma questões presentes no mito.
- c) O mito fundamenta-se no rito, é infantil, pré-lógico e irracional, e a filosofia, também fundamentada no rito, corresponde ao surgimento da razão na Grécia Antiga.
- d) O mito descreve nascimentos sucessivos, incluída a origem do ser, e a filosofia descreve a origem do ser a partir do dilema insuperável entre caos e medida.

16. (Unicentro 2012) A passagem do Mito ao Logos na Grécia antiga foi fruto de um amadurecimento lento e processual. Por muito tempo, essas duas maneiras de explicação do real conviveram sem que se traçasse um corte temporal mais preciso. Com base nessa afirmativa, é correto afirmar:

- a) O modo de vida fechado do povo grego facilitou a passagem do Mito ao Logos.
- b) A passagem do Mito ao Logos, na Grécia, foi responsabilidade dos tiranos de Siracusa.
- c) A economia grega estava baseada na industrialização, e isso facilitou a passagem do Mito ao Logos.
- d) O povo grego antigo, nas viagens, se encontrava com outros povos com as mesmas preocupações e culturas, o que contribuiu para a passagem do Mito ao Logos.
- e) A atividade comercial e as constantes viagens oportunizaram a troca de informações/conhecimentos, a observação/assimilação dos modos de vida de outros povos, contribuindo, assim, de modo decisivo, para a construção da passagem do Mito ao Logos.

17. (Unesp 2012) Aedo e adivinho têm em comum um mesmo dom de “vidência”, privilégio que tiveram de pagar pelo preço dos seus olhos. Cegos para a luz, eles veem o invisível. O deus que os inspira mostra-lhes, em uma espécie de revelação, as realidades que escapam ao olhar humano. Sua visão particular age sobre as partes do tempo inacessíveis às criaturas mortais: o que aconteceu outrora, o que ainda não é.

(Jean-Pierre Vernant. Mito e pensamento entre os gregos, 1990. Adaptado.)

O texto refere-se à cultura grega antiga e menciona, entre outros aspectos,

- a) o papel exercido pelos poetas, responsáveis pela transmissão oral das tradições, dos mitos e da memória.
- b) a prática da feitiçaria, estimulada especialmente nos períodos de seca ou de infertilidade da terra.
- c) o caráter monoteísta da sociedade, que impedia a difusão dos cultos aos deuses da tradição clássica.
- d) a forma como a história era escrita e lida entre os povos da península balcânica.
- e) o esforço de diferenciar as cidades-estados e reforçar o isolamento e a autonomia em que viviam.

18. (Ifsp 2011) Comparando-se mito e filosofia, é correto afirmar o seguinte:

- a) A autoridade do mito depende da confiança inspirada pelo narrador, ao passo que a autoridade da filosofia repousa na razão humana, sendo independente da pessoa do filósofo.
- b) Tanto o mito quanto a filosofia se ocupam da explicação de realidades passadas a partir da interação entre forças naturais personalizadas, criando um discurso que se aproxima do da história e se opõe ao da ciência.
- c) Enquanto a função do mito é fornecer uma explicação parcial da realidade, limitando-se ao universo da cultura grega, a filosofia tem um caráter universal, buscando respostas para as inquietações de todos os homens.
- d) Mito e filosofia dedicam-se à busca pelas verdades absolutas e são, em essência, faces distintas do mesmo processo de conhecimento que culminou com o desenvolvimento do pensamento científico.
- e) A filosofia é a negação do mito, pois não aceita contradições ou fabulações, admitindo apenas explicações que possam ser comprovadas pela observação direta ou pela experiência.

**LISTA DE EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA II**

01. (Unesp 2020) Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a direção suprema da vontade geral, e recebemos, enquanto corpo, cada membro como parte indivisível do todo. [...] um corpo moral e coletivo, composto de tantos membros quantos são os votos da assembleia [...]. Essa pessoa pública, que se forma, desse modo, pela união de todas as outras, tomava antigamente o nome de cidade e, hoje, o de república ou de corpo político, o qual é chamado por seus membros de Estado [...].

(Jean-Jacques Rousseau. Os pensadores, 1983.)

O texto, produzido no âmbito do Iluminismo francês, apresenta a doutrina política do

- a) coletivismo, manifesto na rejeição da propriedade privada e na defesa dos programas socialistas de estatização.
- b) humanismo, presente no projeto liberal de valorizar o indivíduo e sua realização no trabalho.
- c) socialismo, presente na crítica ao absolutismo monárquico e na defesa da completa igualdade socioeconômica.
- d) corporativismo, presente na proposta fascista de unir o povo em torno da identidade e da vontade nacional.
- e) contratualismo, manifesto na reação ao Antigo Regime e na defesa dos direitos de cidadania.

02. (Uel 2020) A “Querela do luxo” foi um dos mais intensos debates do século XVIII na França e consistiu em defender o luxo como sinal do progresso da humanidade, ou em atacá-lo como signo de decadência. Rousseau, partidário da segunda via, num dos seus textos, afirma:

A vaidade e a ociosidade, que engendram nossas ciências, também engendram o luxo. [...] Eis como o luxo, a dissolução e a escravidão foram [...] o castigo dos esforços orgulhosos que fizemos para sair da ignorância feliz na qual nos colocara a sabedoria eterna. [...] Creem embaçar-me terrivelmente perguntando-me até onde se deve limitar o luxo. Minha opinião é que absolutamente não se precisa dele. Para além da necessidade física, tudo é fonte de mal.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes. Trad. Lourdes Santos Machado, 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.395; 341; 410.



Disponível em <https://www.20dcr.com/book/ba111ufugong/900766.html>

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a teoria política e antropológica de Rousseau e a compreensão do autor acerca das ciências, das artes e do luxo, considere as afirmativas a seguir.

- I. A crítica de Rousseau às ciências e às artes e, por extensão, ao luxo, resulta da sua compreensão da natureza humana, na qual a necessidade física é o critério decisivo sobre o que é bom para a humanidade.
- II. Em sua teoria política, Rousseau dirige a crítica às ciências, às artes e ao luxo, por identificar neles a vigência de um princípio que sacrifica a possibilidade da criação de uma sociedade minimamente justa.
- III. A vaidade e a ociosidade, que engendram o luxo, são uma constante da natureza humana, razão pela qual também as ciências e as artes são expressões necessárias da natureza humana.
- IV. A defesa da feliz ignorância, na qual nasce cada ser humano, leva Rousseau a legitimar formas de governo caracterizadas pelo sacrifício da inteligência e da crítica e pela obediência a um poder soberano.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

03. (Uece 2019) No Brasil, na Argentina e em outros países da América Latina, os governos estão promovendo mudanças econômicas e de políticas públicas, mudanças essas conhecidas como liberais ou neoliberais. Nessas mais recentes políticas governamentais, o poder público transfere à economia de mercado a satisfação de determinadas carências dos cidadãos, que devem provê-las a partir do próprio esforço individual em uma economia mais fortemente caracterizada pela concorrência entre os indivíduos e por menos direitos sociais. Em seu tempo, o filósofo contratualista Jean-Jacques Rousseau, em seu *Do Contrato Social*, afirma que quanto menos felicidade a República é capaz de proporcionar aos cidadãos, mais eles terão que buscar, individualmente, a felicidade. A consequência é uma sociedade cada vez mais egoísta, desinteressada pela política e, por fim, agrilhoada por um déspota qualquer ou pela cobiça.

O texto acima apresenta duas opiniões conflitantes sobre a condução das políticas públicas. Considerando essas opiniões, assinale a afirmação verdadeira.

- a) O governo brasileiro defende uma posição socialista, que consiste no provimento estatal daquilo que é necessário para a felicidade geral, enquanto Rousseau apresenta uma ideia liberal de economia e livre-iniciativa.
- b) Rousseau é um contumaz representante do marxismo cultural, que produz suas críticas ao governo Bolsonaro com o único objetivo de desestabilizar o Brasil e inviabilizar as reformas econômicas liberalizantes.
- c) Rousseau apresenta um argumento contrário ao individualismo liberal, uma vez que o indivíduo, despreocupado com a política e engajado nos ganhos econômicos, se distancia dos assuntos públicos e corre risco de perder sua liberdade.
- d) A posição do governo brasileiro, ao apresentar um menor aporte para as universidades públicas, quando amplia a rede de universidades privadas, é condizente com o pensamento de Rousseau, que tem em foco o bem público e não a busca individualizada por felicidade.

04. (Enem PPL 2019) TEXTO I

Eu queria movimento e não um curso calmo da existência. Queria excitação e perigo e a oportunidade de sacrificar-me por meu amor. Sentia em mim uma superabundância de energia que não encontrava escoadouro em nossa vida.

TOLSTÓI, L. Felicidade familiar. Apud KRAKAUER, J. Na natureza selvagem. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

TEXTO II

Meu lema me obrigava, mais que a qualquer outro homem, a um enunciado mais exato da verdade; não sendo suficiente que eu lhe sacrificasse em tudo o meu interesse e as minhas simpatias, era preciso sacrificar-lhe também minha fraqueza e minha natureza tímida. Era preciso ter a coragem e a força de ser sempre verdadeiro em todas as ocasiões.

ROUSSEAU, J.-J. Os devaneios do caminhante solitário. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Os textos de Tolstói e Rousseau retratam ideais da existência humana e defendem uma experiência

- a) lógico-racional, focada na objetividade, clareza e imparcialidade.

- b) místico-religiosa, ligada à sacralidade, elevação e espiritualidade.
 - c) sociopolítica, constituída por integração, solidariedade e organização.
 - d) naturalista-científica, marcada pela experimentação, análise e explicação.
 - e) estético-romântica, caracterizada por sinceridade, vitalidade e impulsividade.
- 0

05. (Uel 2019) Por que só o homem é suscetível de tornar-se imbecil? [...] O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Trad. Lourdes Santos Machado, 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. pp. 243; 259.

Com base nos conhecimentos sobre sociedade civil, propriedade e natureza humana no pensamento de Rousseau, assinale a alternativa correta.

- a) A instauração da propriedade decorre de um ato legítimo da sociedade civil, na medida em que busca atender às necessidades do homem em estado de natureza.
- b) A instauração da propriedade e da sociedade civil cria uma ruptura radical do homem consigo mesmo e de distanciamento da natureza.
- c) A fundação da sociedade civil é legitimada pela racionalidade e pela universalidade do ato de instauração da propriedade privada.
- d) O sentimento mais primitivo do homem, que o leva a instituir a propriedade, é o reconhecimento da necessidade da propriedade para garantir a subsistência.
- e) A sociedade civil e a propriedade são expressões da perfectibilidade humana, ou seja, da sua capacidade de aperfeiçoamento.

06. (Ufu 2018) Com relação à noção de estado de natureza, que é o estado em que os seres humanos se achavam antes da formação da sociedade, podem-se identificar, na filosofia política moderna, três tendências:

1. Os seres humanos são naturalmente egoístas e, no estado de natureza, se achavam numa guerra de todos contra todos daí que, por medo uns dos outros, aceitam renunciar à liberdade e constituir um Soberano, o estado, que garanta a paz.
2. Não é por medo uns dos outros, e sim para garantir o direito à propriedade e à segurança que os seres humanos consentem em criar uma autoridade que possa tornar isso possível.
3. No estado de natureza, os seres humanos eram felizes e foi o advento da propriedade privada e da sociedade civil que tornou alguns escravos de outros.

Podem-se atribuir essas três concepções, respectivamente, a

- a) Hobbes, Rousseau e Maquiavel.

- b) Hobbes, Locke e Rousseau.
- c) Maquiavel, Hobbes e Locke.
- d) Rousseau, Maquiavel e Locke.

07. (Pucpr 2015) Leia o fragmento a seguir, extraído do Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, de Rousseau:

“É do homem que devo falar, e a questão que examino me indica que vou falar a homens, pois não se propõem questões semelhantes quando se teme honrar a verdade. Defenderei, pois, com confiança a causa da humanidade perante os sábios que a isso me convidam e não ficarei descontente comigo mesmo se me tornar digno de meu assunto e de meus juízes”.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.159.

A partir da teoria contratualista de Rousseau, assinale a alternativa que representa aquilo que o filósofo de Genebra pretende defender na obra.

- a) Que a desigualdade social é permitida pela lei natural e, portanto, o Estado não é responsável pelo conflito social.
- b) Que a desigualdade social é autorizada pela lei natural, ou seja, que a natureza não se encontra submetida à lei.
- c) Que no estado natural existe apenas o direito de propriedade.
- d) Que a desigualdade moral ou política é uma continuidade daquilo que já está presente no estado natural.
- e) Que há, na espécie humana, duas espécies de desigualdade: a primeira, natural, e a segunda, moral ou política.

08. (Unesp 2014) A China é a segunda maior economia do mundo. Quer garantir a hegemonia no seu quintal, como fizeram os Estados Unidos no Caribe depois da guerra civil. As Filipinas temem por um atol de rochas desabitado que disputam com a China. O Japão está de plantão por umas ilhotas de pedra e vento, que a China diz que lhe pertencem. Mesmo o Vietnã desconfia mais da China do que dos Estados Unidos. As autoridades de Hanói gostam de lembrar que o gigante americano invadiu o México uma vez. O gigante chinês invadiu o Vietnã dezessete.

(André Petry. O Século do Pacífico. Veja, 24.04.2013. Adaptado.)

A persistência histórica dos conflitos geopolíticos descritos na reportagem pode ser filosoficamente compreendida pela teoria

- a) iluminista, que preconiza a possibilidade de um estado de emancipação racional da humanidade.
- b) maquiavélica, que postula o encontro da virtude com a fortuna como princípios básicos da geopolítica.
- c) política de Rousseau, para quem a submissão à vontade geral é condição para experiências de liberdade.

- d) teológica de Santo Agostinho, que considera que o processo de iluminação divina afasta os homens do pecado.
- e) política de Hobbes, que conceitua a competição e a desconfiança como condições básicas da natureza humana.

09. (Uel 2013) A questão não está mais em se um homem é honesto, mas se é inteligente. Não perguntamos se um livro é proveitoso, mas se está bem escrito. As recompensas são prodigalizadas ao engenho e ficam sem glórias as virtudes. Há mil prêmios para os belos discursos, nenhum para as belas ações.

(ROUSSEAU, J. J. Discurso sobre as ciências e as artes. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.348. Coleção Os Pensadores.)

O texto apresenta um dos argumentos de Rousseau à questão colocada em 1749, pela Academia de Dijon, sobre o seguinte problema: O restabelecimento das Ciências e das Artes terá contribuído para aprimorar os costumes?

Com base nas críticas de Rousseau à sociedade, assinale a alternativa correta.

- a) As artes e as ciências geralmente floresceram em sociedades que se encontravam em pleno vigor moral, em que a honra era a principal preocupação dos cidadãos.
- b) A emancipação advém da posse e do consumo exclusivo e diferenciado de bens de primeira linha, uma vez que o luxo concede prestígio para quem o possui.
- c) Os envolvidos com as ciências e as artes adquirem, com maior grau de eficiência, conhecimentos que lhes permitem perceber a igualdade entre todos.
- d) O amor-próprio é um sentimento positivo por meio do qual o indivíduo é levado a agir moralmente e a reconhecer a liberdade e o valor dos demais.
- e) O objetivo das investigações era atingir celebridade, pois os indivíduos estavam obcecados em exibir-se, esquecendo-se do amor à verdade.

10. (Enem 2012) O homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante. O homem civil é apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social. As boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem, retirar-lhe sua existência absoluta para dar-lhe uma relativa, e transferir o eu para a unidade comum, de sorte que cada particular não se julgue mais como tal, e sim como uma parte da unidade, e só seja percebido no todo.

ROUSSEAU, J. J. Emílio ou da Educação. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

A visão de Rousseau em relação à natureza humana, conforme expressa o texto, diz que

- a) o homem civil é formado a partir do desvio de sua própria natureza.
- b) as instituições sociais formam o homem de acordo com a sua essência natural.
- c) o homem civil é um todo no corpo social, pois as instituições sociais dependem dele.
- d) o homem é forçado a sair da natureza para se tornar absoluto.

e) as instituições sociais expressam a natureza humana, pois o homem é um ser político.

11. (Unioeste 2011) “A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça dando às suas ações a moralidade que antes lhes faltava. É só então que, tomando a voz do dever o lugar do impulso físico, e o direito o lugar do apetite, o homem, até aí levando em consideração apenas sua pessoa, vê-se forçado a agir baseado em outros princípios e a consultar e ouvir a razão antes de ouvir suas inclinações. Embora nesse estado se prive de muitas vantagens que frui da natureza, ganha outras de igual monta: suas faculdades se exercem e se desenvolvem, suas ideias se alargam, seus sentimentos se enobrecem, toda sua alma se eleva a tal ponto que (...) deveria sem cessar bendizer o instante feliz que dela o arrancou para sempre e fez, de um animal estúpido e limitado, um ser inteligente e um homem”.

Rousseau.

Com base no texto, seguem as seguintes afirmativas:

- I. A mudança significativa que ocorre para o homem, na passagem do estado natural para o estado civil, é a de que o homem passa a conduzir-se pelos instintos, como um “animal estúpido e limitado”.
- II. A conduta do homem, no estado natural, é baseada na justiça e na moralidade e em conformidade com princípios fundados na razão.
- III. Ao ingressar no estado civil, na sua conduta, o homem substitui a justiça pelo instinto e apetite, orientando-se, apenas, pelas suas inclinações e não pela “voz do dever” e sem “ouvir a razão”.
- IV. Com a passagem do estado de natureza para o estado civil, o homem passa a agir baseado em princípios da justiça e da moralidade, orientando-se antes pela razão do que pelas inclinações.
- V. Com a passagem do estado de natureza para o estado civil, o homem obtém vantagens que o faz um “ser inteligente e um homem”, obtendo, assim a “liberdade civil”, submetendo-se, apenas, “à lei que prescrevemos a nós mesmos”.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas I e II estão corretas.
- b) Apenas II e III estão corretas.
- c) Apenas I e V estão corretas.
- d) Apenas IV e V estão corretas.
- e) Apenas II e V estão corretas.

12. (Ufpa 2011) “A soberania não pode ser representada pela mesma razão por que não pode ser alienada, consiste essencialmente na vontade geral e a vontade absolutamente não se representa. (...). Os deputados do povo não são nem podem ser seus representantes; não passam de comissários seus, nada podendo concluir definitivamente. É nula toda lei que o povo diretamente não ratificar; em absoluto, não é lei.”

(ROSSEAU, J.J. Do Contrato social, São Paulo, Abril Cultural, 1973, livro III, cap. XV, p. 108-109)

Rousseau, ao negar que a soberania possa ser representada preconiza como regime político:

- a) um sistema misto de democracia semidireta, no qual atuariam mecanismos corretivos das distorções da representação política tradicional.
- b) a constituição de uma República, na qual os deputados teriam uma participação política limitada.
- c) a democracia direta ou participativa, mantida por meio de assembleias frequentes de todos os cidadãos.
- d) a democracia indireta, pois as leis seriam elaboradas pelos deputados distritais e aprovadas pelo povo.
- e) um regime comunista no qual o poder seria extinto, assim como as diferenças entre cidadão e súdito.

13. (Uel 2010) [...] só a vontade geral pode dirigir as forças do Estado de acordo com a finalidade de sua instituição, que é o bem comum, porque, se a oposição dos interesses particulares tornou necessário o estabelecimento das sociedades, foi o acordo desses mesmos interesses que o possibilitou. O que existe de comum nesses vários interesses forma o liame social e, se não houvesse um ponto em que todos os interesses concordassem, nenhuma sociedade poderia existir. Ora, somente com base nesse interesse comum é que a sociedade deve ser governada.

(ROUSSEAU, J. J. Do contrato social. 5. edição. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p.43).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a relação entre contrato social e vontade geral no pensamento de Rousseau, é correto afirmar:

- a) A vontade geral, fundamento da ordem social e política, consiste na soma e, por sua vez, na concordância de todas as vontades individuais, as quais por natureza tendem para a igualdade.
- b) Pelo contrato social, a multidão promete obedecer a um senhor, a quem transmite a vontade coletiva e, por este ato de doação, torna-se povo e institui-se o corpo político.
- c) Pelo direito natural, a vontade geral se realiza na concordância manifesta pela maioria das vontades particulares, reunidas em assembleia, que reivindicam para si o poder soberano da comunidade.
- d) Por força do contrato social, a lei se torna ato da vontade geral e, como tal, expressão da soberania do povo e vontade do corpo político, que deve partir de todos para aplicar-se a todos.
- e) O contrato social, pelo qual o povo adquire sua soberania, decorre da predisposição natural de cada associado, permitindo-lhe manter o seu poder, de seus bens e da própria liberdade.

14. (Ufpa 2010) Em O Contrato Social, após reconhecer as vantagens da instituição do estado civil, Rousseau afirma a necessidade de se acrescentar à aquisição deste estado a liberdade moral, pois só assim o homem torna-se senhor de si mesmo.

Com base nessa concepção, é correto afirmar:

- a) O estado civil é o único em que o homem pode viver em liberdade.
- b) No estado de natureza, todos os homens viviam em situação de escravidão moral.
- c) Na vida civil, os impulsos imorais do homem se acomodam incondicionalmente às regras do Estado de Direito.
- d) Não devemos situar em um mesmo plano civilidade e moralidade.

e) Estado, lei e liberdade são uma só e mesma coisa.

15. (Uel 2009) Oswald de Andrade, no Manifesto Antropofágico, procurou transformar o “bom selvagem” de Rousseau num aguerrido selvagem devorador, que digere e transforma a cultura europeia do colonizador, tornando-a parte de sua própria cultura. Considerando a questão do “bom selvagem” no pensamento de Rousseau, é correto afirmar.

- a) A idealização do bom selvagem, no estado de natureza, representa a exaltação da animalidade do homem primitivo que, no estado civil, adquire forma agressiva.
- b) A felicidade original do bom selvagem se realiza no suor de seu trabalho em sua propriedade, de onde retira o necessário para a sua sobrevivência.
- c) O homem, degenerado pela civilização, só poderá recuperar a felicidade no estado de natureza com o retorno à vida isolada no meio das florestas.
- d) No estado de natureza, o bom selvagem busca satisfazer sua necessidade inata de reconhecimento de si e de admiração pelo outro.
- e) No estado de natureza, o bom selvagem é autossuficiente e vive isolado, sobrevivendo com o que a natureza lhe provê e de acordo com suas necessidades inatas.

16. (Ueg 2009) Entendia o filósofo Jean-Jacques Rousseau que a sociedade civil é resultado das transformações que a espécie humana sofreu ao longo de sua história, sobretudo da condição de selvagem para a condição de homem civilizado. O que permitiu essa transformação, segundo este filósofo, é a perfectibilidade. Selecione, nos itens a seguir, aquele que expressa o sentido de perfectibilidade em Rousseau, ou seja, a capacidade que o homem tem de

- a) aperfeiçoar-se.
- b) encontrar soluções para seus problemas.
- c) enfrentar seus medos.
- d) escapar dos perigos.

17. (Pucpr 2009) “O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo”.

Levando em conta a principal ideia que Rousseau quer transmitir com essa afirmação, assinale a alternativa verdadeira:

- a) A propriedade privada, já existente antes da sociedade civil, trouxe a possibilidade de melhor organização entre os indivíduos e, conseqüentemente, facilitou sua convivência.
- b) A propriedade privada é um direito natural fundado no trabalho.
- c) A expressão “isto é meu” da frase de Rousseau quer mostrar que naturalmente o homem anseia por propriedade privada.
- d) A sociedade civil tem sua origem na propriedade privada que, junto consigo, trouxe os principais pro-

blemas entre os homens.

e) O fundador da sociedade civil era um pensador grego que tinha grande capacidade de persuasão.

18. (Unicamp 2012) “O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros. O que se crê senhor dos demais não deixa de ser mais escravo do que eles. (...) A ordem social, porém, é um direito sagrado que serve de base a todos os outros. (...) Haverá sempre uma grande diferença entre subjugar uma multidão e reger uma sociedade. Sejam homens isolados, quantos possam ser submetidos sucessivamente a um só, e não verei nisso senão um senhor e escravos, de modo algum considerando-os um povo e seu chefe. Trata-se, caso se queira, de uma agregação, mas não de uma associação; nela não existe bem público, nem corpo político.”

(Jean-Jacques Rousseau, Do Contrato Social. [1762]. São Paulo: Ed. Abril, 1973, p. 28,36.)

No trecho apresentado, o autor

- a) argumenta que um corpo político existe quando os homens encontram-se associados em estado de igualdade política.
- b) reconhece os direitos sagrados como base para os direitos políticos e sociais.
- c) defende a necessidade de os homens se unirem em agregações, em busca de seus direitos políticos.
- d) denuncia a prática da escravidão nas Américas, que obrigava multidões de homens a se submeterem a um único senhor.

19. (Unicamp 2012) Sobre Do Contrato Social, publicado em 1762, e seu autor, é correto afirmar que:

- a) Rousseau, um dos grandes autores do Iluminismo, defende a necessidade de o Estado francês substituir os impostos por contratos comerciais com os cidadãos.
- b) A obra inspirou os ideais da Revolução Francesa, ao explicar o nascimento da sociedade pelo contrato social e pregar a soberania do povo.
- c) Rousseau defendia a necessidade de o homem voltar a seu estado natural, para assim garantir a sobrevivência da sociedade.
- d) O livro, inspirado pelos acontecimentos da Independência Americana, chegou a ser proibido e queimado em solo francês.

**LISTA DE EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA III**

01. (Uem 2019) O existencialismo de Sartre declara que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, e que este ser é o homem; em outros termos, a realidade humana. Acerca do existencialismo de Sartre, assinale o que for correto.

- 01) O pensamento de Sartre privilegiou a existência em lugar de se ater à importância da essência.
- 02) “A existência precede a essência” significa que o homem primeiramente existe, descobre isso e surge no mundo.
- 04) O existencialismo sartreano aproxima-se do existencialismo católico ao propor a valorização do homem.
- 08) O existencialismo sartreano sofreu influências do pensamento marxista e da Psicanálise.
- 16) O homem, para Sartre, possui um destino que deve ser cumprido.

02. (Uepg-pss 2 2019) Sobre o existencialismo sartreano, assinale o que for correto.

- 01) Sartre declara que “o homem está condenado a ser livre”.
- 02) O ser humano possui a capacidade de formar a si mesmo, pois existe um Deus que concede ao homem o livre-arbítrio.
- 04) O ser humano desde o início de sua existência já possui um propósito específico do motivo de sua existência, por isso a liberdade não existe.
- 08) Primeiro o homem existe e, ao se descobrir, conseqüentemente surge no mundo e depois se define.

03. (Upe-ssa 2 2018) Sobre a dimensão do homem na perspectiva existencialista, considere o texto a seguir:

**"El hombre
está
condenado
a ser
libre"**

Jean Paul Sartre



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=a+dimensão+humana+no+existencialism>

O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber.

(SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um Humanismo. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 12).

O enfoque existencialista questiona o modo de ser do homem. Entende esse modo de ser como o modo de ser-no-mundo. Na perspectiva existencialista, sobre o homem, assinale a alternativa CORRETA.

- a) É um projeto de ser.
- b) É um seguidor das escolhas dos outros.
- c) Na sua própria essencialidade e no trajeto de sua liberdade, não tem escolha.
- d) Tem uma natureza concebida por Deus em sua essência.
- e) É irresponsável por si próprio ao conceber seus atos.

04. (Upe-ssa 3 2018) Sobre a Liberdade Humana, analise os textos a seguir:



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=a+liberdade+humana>

É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.

(SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um Humanismo. São Paulo: 1973, p. 15.)

Com base no pensamento filosófico de Sartre sobre a liberdade, assinale a alternativa CORRETA.

- a) O homem não é, senão o seu projeto, escolha e compromisso.
- b) O homem não está condenado à liberdade; ele tem escolha.
- c) O homem é livre sem escolha e sem compromisso.
- d) O homem é seu projeto responsável sem escolha.
- e) O homem é responsável e livre sem escolha.

05. (Ufu 2018) Considere o seguinte trecho, extraído da obra *A náusea*, do escritor e filósofo francês Jean Paul Sartre (1889-1980).

“O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente estar presente; os entes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca podemos deduzi-los. Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte, a gratuidade perfeita.”

SARTRE, Jean Paul. *A Náusea*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. Tradução de Rita Braga, citado por: MARCONDES, Danilo Marcondes. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

Nesse trecho, vemos uma exemplificação ou uma referência ao existencialismo sartriano que se apresenta como

- a) recusa da noção de que tudo é contingente.
- b) fundamentado no conceito de angústia, que deriva da consciência de que tudo é contingente.
- c) denúncia da noção de má fé, que nos leva a admitir a existência de um ser necessário para aplacar o sentimento de angústia.
- d) crítica à metafísica essencialista.

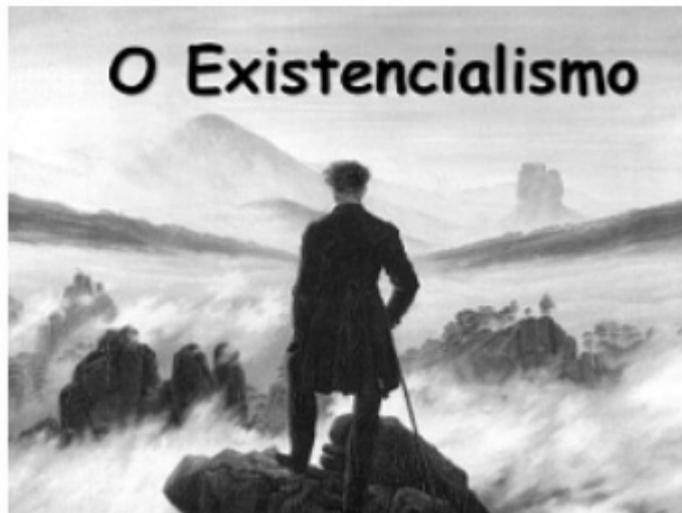
06. (Uem 2017) “Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é. Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. [...] Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser.”

SARTRE, J-P. O existencialismo é um humanismo. In: ARANHA, M. L. de A. *Filosofar com textos: temas e história da filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2012, p. 478.

A partir do texto citado, assinale o que for correto.

- 01) A responsabilidade existencial do ser humano é prioritária em relação à sua própria essência.
- 02) A responsabilidade é uma preocupação restrita ao próprio sujeito que reflete sobre esse fato.
- 04) O existencialismo deve pôr no centro das suas preocupações a responsabilidade que o homem tem com os atos relativos à sua existência.
- 08) Os atos desejados pelos homens refletem os seus juízos sobre como ele deve ser.
- 16) O existencialismo é, fundamentalmente, egoísta e centrado nas preocupações do indivíduo.

07. (Upe-ssa 2 2017) Sobre o pensamento filosófico, leia o texto a seguir:



Disponível em: pt.slideshare.net

O homem apresenta-se como uma escolha a fazer. Muito bem. Antes do mais, ele é a sua existência no momento presente e está fora do determinismo natural; o homem não se define previamente a si próprio, mas em função do seu presente individual. Não há uma natureza humana que se lhe anteponha, mas é-lhe dada uma existência específica num dado momento.

SARTRE, Jean Paul. O Existencialismo é um Humanismo. 1973, p. 31.

Com base no pensamento filosófico de Sartre, considera-se que

- a) a essência da natureza humana precede a existência.
- b) a natureza humana é um substituto da condição humana.
- c) no homem em sua inteireza, a existência precede a essência.
- d) o existencialismo dá primazia ao determinismo natural em função do seu presente individual.
- e) o homem está fechado em si, sem ter escolha.

08. (Uem-pas 2017) A fenomenologia e o existencialismo são correntes filosóficas que têm início no século XX e se caracterizam pela crítica às concepções essencialistas acerca da natureza humana. Esta crítica é resumida na afirmação do filósofo francês Jean-Paul Sartre:

“[...] há pelo menos um ser em quem a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana.”

SARTRE, J-P. O existencialismo é um humanismo. In: MARÇAL, J. Antologia de textos filosóficos. Curitiba: SEED, 2009, p. 619.

Sobre a fenomenologia e o existencialismo, assinale o que for correto.

- 01) Para Sartre, a angústia é o sentimento que emerge quando nos arrependemos de nossas escolhas.

- 02) De acordo com Sartre, as nossas ações não são determinadas por valores morais necessários, mas são apelos para que nossos atos valham universalmente.
- 04) O existencialismo reconhece que estamos submetidos a condições que não escolhemos, como a época e o local de nascimento, porém afirma que somos absolutamente livres para interpretar e agir sobre nossa situação.
- 08) Para Sartre, quando se atribui uma escolha moral a uma regra ou razão que dizemos não controlar, age-se de má-fé, porque se dissimula o fato de que somos absolutamente livres para escolher.
- 16) Sartre e Heidegger concordam com que o ponto de partida da fenomenologia deve ser a autoconsciência alcançada por meio da reflexão, tal como expressa na noção do cogito cartesiano.
- 09.** (Uem 2013) “Para Sartre, principal representante do existencialismo francês, só as coisas e os animais são ‘em si’, isto é, teriam uma essência. O ser humano, dotado de consciência, é um ‘ser-para-si’, ou seja, é também consciência de si. Isso significa que é um ser aberto à possibilidade de construir ele próprio sua existência. Por isso, é possível referir-se à essência de uma mesa (...) ou à essência de um animal (...), mas não existe uma natureza humana encontrada de forma igual em todas as pessoas, pois ‘o ser humano não é mais que o que ele faz’.”

(ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. Temas de filosofia. 3.^a ed. revista. São Paulo: Moderna, 2005. p. 39).

Com base na citação e nos seus conhecimentos sobre o existencialismo, assinale o que for correto.

- 01) As coisas e os animais não têm consciência de si.
- 02) O ser em si não pode ser senão aquilo que é, ao passo que, ao ser-para-si, é permitida a liberdade de ser o que fizer de si.
- 04) A consciência humana é um fator histórico e contingente.
- 08) O homem possui uma natureza preestabelecida.
- 16) O existencialismo é uma metafísica de concepção essencialista.

10. (Ufsj 2013) Na obra “O existencialismo é um humanismo”, Jean-Paul Sartre intenta

- a) desenvolver a ideia de que o existencialismo é definido pela livre escolha e valores inventados pelo sujeito a partir dos quais ele exerce a sua natureza humana essencial.
- b) mostrar o significado ético do existencialismo.
- c) criticar toda a discriminação imposta pelo cristianismo, através do discurso, à condição de ser inexorável, característica natural dos homens.
- d) delinear os aspectos da sensação e da imaginação humanas que só se fortalecem a partir do exercício da liberdade.

**LISTA DE EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA IV**

01. (Enem 2017) Uma pessoa vê-se forçada pela necessidade a pedir dinheiro emprestado. Sabe muito bem que não poderá pagar, mas vê também que não lhe emprestarão nada se não prometer firmemente pagar em prazo determinado. Sente a tentação de fazer a promessa; mas tem ainda consciência bastante para perguntar a si mesma: não é proibido e contrário ao dever livrar-se de apuros desta maneira? Admitindo que se decida a fazê-lo, a sua máxima de ação seria: quando julgo estar em apuros de dinheiro, vou pedi-lo emprestado e prometo pagá-lo, embora saiba que tal nunca sucederá.

KANT, I. Fundamentação da metafísica dos costumes. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

De acordo com a moral kantiana, a “falsa promessa de pagamento” representada no texto

- a) assegura que a ação seja aceita por todos a partir da livre discussão participativa.
- b) garante que os efeitos das ações não destruam a possibilidade da vida futura na terra.
- c) opõe-se ao princípio de que toda ação do homem possa valer como norma universal.
- d) materializa-se no entendimento de que os fins da ação humana podem justificar os meios.
- e) permite que a ação individual produza a mais ampla felicidade para as pessoas envolvidas.

02. (Enem PPL 2016) Os ricos adquiriram uma obrigação relativamente à coisa pública, uma vez que devem sua existência ao ato de submissão à sua proteção e zelo, o que necessitam para viver; o Estado então fundamenta o seu direito de contribuição do que é deles nessa obrigação, visando a manutenção de seus concidadãos. Isso pode ser realizado pela imposição de um imposto sobre a propriedade ou a atividade comercial dos cidadãos, ou pelo estabelecimento de fundos e de uso dos juros obtidos a partir deles, não para suprir as necessidades do Estado (uma vez que este é rico), mas para suprir as necessidades do povo.

KANT, I. A metafísica dos costumes. Bauru: Edipro, 2003.

Segundo esse texto de Kant, o Estado

- a) deve sustentar todas as pessoas que vivem sob seu poder, a fim de que a distribuição seja paritária.
- b) está autorizado a cobrar impostos dos cidadãos ricos para suprir as necessidades dos cidadãos pobres.
- c) dispõe de poucos recursos e, por esse motivo, é obrigado a cobrar impostos idênticos dos seus membros.
- d) delega aos cidadãos o dever de suprir as necessidades do Estado, por causa do seu elevado custo de manutenção.
- e) tem a incumbência de proteger os ricos das imposições pecuniárias dos pobres, pois os ricos pagam mais tributos.

03. (Uel 2015) Leia o texto a seguir.

As leis morais juntamente com seus princípios não só se distinguem essencialmente, em todo o conhecimento prático, de tudo o mais onde haja um elemento empírico qualquer, mas toda a Filosofia moral repousa inteiramente sobre a sua parte pura e, aplicada ao homem, não toma emprestado o mínimo que seja ao conhecimento do mesmo (Antropologia).

KANT, I. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Trad. de Guido A. de Almeida. São Paulo: Discurso Editorial, 2009. p.73.

Com base no texto e na questão da liberdade e autonomia em Immanuel Kant, assinale a alternativa correta.

- a) A fonte das ações morais pode ser encontrada através da análise psicológica da consciência moral, na qual se pesquisa mais o que o homem é, do que o que ele deveria ser.
- b) O elemento determinante do caráter moral de uma ação está na inclinação da qual se origina, sendo as inclinações serenas moralmente mais perfeitas do que as passionais.
- c) O sentimento é o elemento determinante para a ação moral, e a razão, por sua vez, somente pode dar uma direção à presente inclinação, na medida em que fornece o meio para alcançar o que é desejado.
- d) O ponto de partida dos juízos morais encontra-se nos “propulsores” humanos naturais, os quais se direcionam ao bem próprio e ao bem do outro.
- e) O princípio supremo da moralidade deve assentar-se na razão prática pura, e as leis morais devem ser independentes de qualquer condição subjetiva da natureza humana.

04. (Uema 2015) Fraqueza e covardia são as causas pelas quais a maioria das pessoas permanece infantil mesmo tendo condição de libertar-se da tutela mental alheia. Por isso, fica fácil para alguns exercer o papel de tutores, pois muitas pessoas, por comodismo, não desejam se tornar adultas. Se tenho um livro que pensa por mim; um sacerdote que dirige minha consciência moral; um médico que me prescreve receitas e, assim por diante, não necessito preocupar-me com minha vida. Se posso adquirir orientações, não necessito pensar pela minha cabeça: transfiro ao outro esta penosa tarefa de pensar.

Fonte: I. Kant, O que é a ilustração. In: F. Weffort (org). Os clássicos da política, v. 2, 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

Esse fragmento compõe o livro de Kant que trata da importância da(o)

- a) juízo.
- b) razão.
- c) cultura.
- d) costume.
- e) experiência.

05. (Ufsm 2015) A necessidade de conviver em grupo fez o homem desenvolver estratégias adaptativas diversas. Darwin, num estudo sobre a evolução e as emoções, mostrou que o reconhecimento de emoções primárias, como raiva e medo, teve um papel central na sobrevivência. Estudos antigos e recentes têm mostrado que a moralidade ou comportamento moral está associado a outros tipos de emoções, como a vergonha, a culpa, a compaixão e a empatia. Há, no entanto, teorias éticas que afirmam que as ações boas devem ser motivadas exclusivamente pelo dever e não por impulsos ou emoções. Essa teoria é a ética

- a) deontológica ou kantiana.
- b) das virtudes.
- c) utilitarista.
- d) contratualista.
- e) teológica.



LISTA DE EXERCÍCIOS DE FILOSOFIA V

01. (Uepa 2015) Leia o texto para responder à questão.

Platão:

A massa popular é assimilável por natureza a um animal escravo de suas paixões e de seus interesses passageiros, sensível à lisonja, inconstante em seus amores e seus ódios; confiar-lhe o poder é aceitar a tirania de um ser incapaz da menor reflexão e do menor rigor. Quanto às pretensas discussões na Assembleia, são apenas disputas contrapondo opiniões subjetivas, inconsistentes, cujas contradições e lacunas traduzem bastante bem o seu caráter insuficiente.

(Citado por: CHATELET, F. História das Ideias Políticas. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 17)

Os argumentos de Platão, filósofo grego da antiguidade, evidenciam uma forte crítica à:

- a) oligarquia
- b) república
- c) democracia
- d) monarquia
- e) plutocracia

02. (Uepa 2014) “As Catilinárias” são um célebre discurso de Marco Túlio Cícero, filósofo e cônsul romano do século I a.C., contra Lucius Catilina. O discurso denuncia a trama do jovem patricio e de seus seguidores para obter riquezas com a derrubada do governo republicano. O discurso é representativo da obra ciceroniana que, em geral, apresenta a política como tema central, mesmo em textos cujo propósito seja tratar de questões jurídicas e filosóficas. Essa inclinação na obra de Cícero se explica pelo (a):

- a) ligação entre pensamento filosófico e vida política na Roma republicana, cuja ordem democrática ensejava uma prerrogativa utilitária para o exercício filosófico.
- b) fato de Cícero ocupar cargos políticos no Império Romano, o que demarca a peculiaridade da sua obra.
- c) força do pensamento jurídico na vida pública romana, o que limitava as possibilidades temáticas de especulação filosófica.
- d) fragilidade reflexiva da filosofia romana se comparada às obras gregas dos séculos anteriores.
- e) espaço ocupado pela oratória nas obras filosóficas romanas, empregada como valioso instrumento para a ação política.

03. (Uemg 2013) O Absolutismo como forma de governo esteve presente na península Ibérica, na França e na Inglaterra, tendo impactado e influenciado as maiores economias de seu tempo.

Seus pensadores mais conhecidos e suas teorias foram:

a) Nicolau Maquiavel e sua teoria de que o indivíduo estava subordinado ao Estado; Thomas Hobbes, criador da teoria do Contrato; Jacques Bossuet e Jean Bodin, que defenderam que o Rei era um representante divino.

b) Nicolau Maquiavel e a teoria do Contrato; Thomas Hobbes e a teoria da supremacia do Rei como representante divino; Jacques Bossuet e Jean Bodin, que defenderam a subordinação do indivíduo ao Estado.

c) Maquiavel, Jacques Bossuet e Jean Bodin, cujas teorias só se diferenciaram na aplicabilidade teológica, bem como Thomas Hobbes, que preconizou o indivíduo como senhor de seus direitos.

d) Maquiavel e Thomas Hobbes, que conceberam o Contrato Social, Jacques Bossuet, que estabeleceu o conceito de individualismo primordial, e Jean Bodin, que defendeu a primazia da esfera governamental.

04. (Ueg 2015) A reflexão sobre o poder político acompanhou a história da filosofia desde a antiguidade e o pensamento sociológico desde seu surgimento na sociedade moderna. Nos últimos anos vêm ocorrendo diversas manifestações, protestos e revoltas em todo mundo. A esse respeito, com base no pensamento filosófico e sociológico, verifica-se que

a) esses processos revelam a incompetência do Estado em ser o “cérebro da sociedade”, o que confirma as teses de Durkheim.

b) essas ações coletivas podem ser interpretadas como processos derivados da expansão de uma ética protestante, confirmando as análises de Weber.

c) os movimentos contestadores atuais expressam um processo de vontade de potência que é corroborado pela filosofia kantiana.

d) as lutas sociais contemporâneas revelam as contradições da sociedade capitalista, o que estaria de acordo com a teoria de Marx.

05. (Ufsm 2015) Revoltas e movimentos sociais, como os ocorridos recentemente no Brasil, estão frequentemente envolvidos no aperfeiçoamento da vida social e podem ter papel adaptativo. Na história da filosofia política moderna, alguns filósofos conceberam seres humanos como átomos individuais movidos por apetites ou desejos guiados pelo prazer e dor, sendo o apetite fundamental do homem a autopreservação. Numa situação de escassez de bens, com pessoas guiadas exclusivamente por desejos antecipadores de prazer e voltados à autopreservação, haverá, inevitavelmente, conflito social. Que alternativa(s) racional(is) solucionam(m) o conflito?

I. Uso da força e violência.

II. Uso da ideologia e controle da informação.

III. Acordo e deliberação coletiva.

IV. Apelo à tradição e costume.

Está(ão) correta(s) a(s) alternativa(s)

- a) I e II apenas.
- b) I, II e III apenas.
- c) III apenas.
- d) III e IV apenas.
- e) IV apenas.

06. (Uema 2015) De acordo com a historiadora Maria Lúcia de Arruda Aranha, a Revolução Francesa derrubou o antigo regime, ou seja, o absolutismo real fundamentado no direito divino dos reis, derivado da concepção teocrática do poder. O término do antigo regime se consuma quando a teoria política consagra a propriedade privada como direito natural dos indivíduos.

Fonte: ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: Introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 2003.

Esse princípio político que substitui a antiga teoria do direito divino do rei intitula-se

- a) Contratualismo.
- b) Totalitarismo.
- c) Absolutismo.
- d) Liberalismo.
- e) Marxismo.

07. (Uema 2015) Para Thomas Hobbes, os seres humanos são livres em seu estado natural, competindo e lutando entre si, por terem relativamente a mesma força. Nesse estado, o conflito se perpetua através de gerações, criando um ambiente de tensão e medo permanente. Para esse filósofo, a criação de uma sociedade submetida à Lei, na qual os seres humanos vivam em paz e deixem de guerrear entre si, pressupõe que todos renunciem à sua liberdade original. Nessa sociedade, a liberdade individual é delegada a um só dos homens que detém o poder inquestionável, o soberano.

Fonte: MALMESBURY, Thomas Hobbes de. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Trad. João Paulo Monteiro; Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Editora NOVA Cultural, 1997.

A teoria política de Thomas Hobbes teve papel fundamental na construção dos sistemas políticos contemporâneos que consolidou a (o)

- a) Monarquia Paritária.
- b) Despotismo Soberano.

- c) Monarquia Republicana.
- d) Monarquia Absolutista.
- e) Despotismo Esclarecido.

08. (Enem 2015) A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito, que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que um deles possa com base nela reclamar algum benefício a que outro não possa igualmente aspirar.

HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo Martins Fontes, 2003

Para Hobbes, antes da constituição da sociedade civil, quando dois homens desejavam o mesmo objeto, eles

- a) entravam em conflito.
- b) recorriam aos clérigos.
- c) consultavam os anciãos.
- d) apelavam aos governantes.
- e) exerciam a solidariedade.



BIO
EXATAS
MS
PRÉ-VESTIBULARES

SOCIOLOGIA

CARLOS IGOR



Todos nós adquirimos nossas características humanas em um contexto sociocultural.

Essa condição básica da vida humana levou o filósofo espanhol Ortega e Gasset a dizer: “Eu sou eu e a minha circunstância”. Isso significa que cada um de nós constrói sua identidade a partir do seu ambiente. “Quem sou eu?” é a pergunta que mais cedo ou mais tarde todos nós fazemos. De maneira mais ou menos consciente nos interrogamos sobre nossa identidade pessoal e percebemos quanto os valores e os comportamentos das pessoas que nos rodeiam e que conhecemos mais de perto influenciam nossas ações e ideias. Aprendemos muito do que nos torna seres humanos em um ambiente cultural, aquele em que nascemos e nos desenvolvemos.

Poucas pessoas percebem como a vida, e mesmo a personalidade de cada um de nós, é influenciada pela sociedade da qual somos parte. Nascer no Brasil e crescer como membro da sociedade brasileira constitui uma experiência de vida muito diferente da de crescer e ser educado na França, no Japão ou na Índia, por exemplo. E isso tem conseqüências fundamentais e diversas para o resto de nossas vidas.

O estudo das sociedades humanas é importante não só para melhor conhecermos a nós mesmos mas, também, para melhor compreendermos as pessoas que vivem em outros contextos socioculturais. Nunca como hoje, tantos aspectos da vida humana mudam tão rapidamente e para tantas pessoas ao redor do planeta. E isso tem ocorrido em todas as áreas: nas artes, nas ciências, na religião, na moralidade, na educação, na política, na família e na economia. Todas são afetadas. Nessas circunstâncias, não é surpresa que tenha aumentado de maneira significativa o interesse pelo estudo das sociedades humanas, embora constituam um fenômeno dos mais complexos e as ciências sociais integrem um campo de pesquisa jovem em que predomina o debate e a controvérsia.

A sociedade é uma forma de organização que se desenvolveu aos poucos, em correntes animais distintas e, em inúmeras vezes, independentemente uma das outras. A forma societal é encontrada não apenas entre os humanos mas, também, entre muitas espécies de mamíferos, pássaros, peixes e mesmo entre insetos, facilitando, através da adaptação, a sobrevivência e a multiplicação.

Estudos comparativos de sociedades animais desenvolvidos pela Biologia Evolutiva mostram que a individualidade tende a ser suprimida em sociedades de insetos, por exemplo, em que os mecanismos genéticos são responsáveis por regular a vida social do grupo (pense nas sociedades de abelhas e de formigas). O sociólogo Gerhard Lenski, em seu livro **As Sociedades Humanas** (em inglês, **Human Societies**) desenvolve uma análise que muito nos ajuda a compreender a importância da dimensão cultural para a nossa vida individual e a sobrevivência da espécie humana. Na perspectiva do processo de evolução das espécies animais, Lenski assinala que de forma contrastante com outras espécies, “a individualidade é marcante nas sociedades dos mamíferos o que, por sua vez, significa que a unidade social, tão importante para a sobrevivência das espécies, depende em grande parte de comportamentos a serem aprendidos”.

Dessa forma, quanto mais a individualidade ganha realce em uma espécie, maior é a importância dos processos de aprendizagem para a realização e desenvolvimento de cada membro assim como da espé-

cie como um todo. O fato de que todas as espécies de macacos e primatas vivem em grupos sociais sugeriu uma questão aos pesquisadores da área: por que isso ocorre? Os estudos sobre comportamento de primatas permitiram concluir que a razão principal reside no aumento de oportunidades de aprendizagem que a organização em sociedade oferece. Foi observado que “o grupo é o lugar de conhecimento e experiência que ultrapassa em muito o do membro como indivíduo”. É no grupo que as experiências tornam-se mais vantajosas e com benefício mútuo, recíproco. Entretanto, todos nós percebemos o quanto os humanos são diferentes na sua capacidade de aprendizagem. Sobre isto Lenski escreveu: “se comparamos os humanos, do ponto de vista físico, com outros antropóides, as diferenças são menores do que as que separam esses antropóides dos outros animais. Do ponto de vista comportamental, entretanto, ocorre o oposto. (...) O ser humano ultrapassou um ponto crítico no processo de evolução com apenas pequena mudança genética, abrindo o caminho para um extraordinário avanço comportamental. Esse curioso desenvolvimento está ligado à imensa capacidade para aprender que os humanos possuem. Isso tornou possível um modo original e próprio de adaptação ao ambiente que os cientistas sociais chamam de *cultural*. Essa é uma característica crucial da vida humana.”

O que é Cultura?

Uma pergunta retorna sempre e tem se mostrado de difícil resposta: o que constitui, então, a natureza humana? Gradualmente, observa Lenski, começamos a perceber de forma um pouco mais clara isso que chamamos de “natureza humana”. Com as descobertas relativamente recentes do DNA, RNA, do código genético e de todas as pesquisas biológicas atuais, é possível entender um pouco melhor o que influencia nossa maneira de ser e de agir. Dessa forma, “muitos cientistas sociais consideram que o termo *natureza humana* não se refere ao que é mais específico do comportamento humano – como as pessoas se vestem, como casam, o que comem, como enterram seus mortos, como praticam suas crenças. Esses são costumes socialmente determinados e que variam intensamente.” Conseqüentemente, o termo *natureza humana* tende a ser utilizado mais em relação a tendências básicas enraizadas em nossa herança genética comum e que, portanto, independem do que é específico de cada sociedade e dos comportamentos que as pessoas aprendem no ambiente social em que vivem.

Nessa perspectiva, o termo “natureza humana” estaria referenciado às “necessidades biológicas básicas do ser humano, à sua motivação geneticamente programada para satisfazê-las, à sua dependência, geneticamente baseada, de sistemas socioculturais e, também, ao seu potencial, geneticamente estabelecido para a construção cultural”.

Para acentuar a diferença que distingue os humanos do resto do mundo animal, os antropólogos buscaram vincular o termo *cultura* ao conceito de “símbolos”. Podemos garantir tudo que é fundamental em uma definição de cultura se a consideramos como “os sistemas de símbolos da humanidade e todos os aspectos da vida humana que deles dependem”. De um modo geral esse é o aspecto que mais nos distingue de todos os outros seres vivos. Mas o que são “símbolos” e “sistemas de símbolos”?

Lenski esclarece que todos os mamíferos são capazes de comunicar com outros de sua espécie e o fazem através de “sinais”. Só os humanos, no entanto, usam “símbolos” tanto quanto “sinais”. Símbolos e sinais são *veículos de transmissão de informação*. Mas há uma fundamental diferença: o significado de um sinal é amplamente determinado de forma genética, é uma resposta geneticamente determinada por um estímulo específico. Um exemplo clássico de um sinal é o grito de dor emitido por um animal ferido.

Outro membro do grupo responde instintivamente a esse som ou pode aprender através da

observação e experiência a associá-lo com os humores e ações dos demais membros de seu grupo. E, com isso, ele pode ajustar o seu comportamento. Os sinais são extremamente úteis para ordenar as relações sociais entre os membros de um grupo. Os animais aprendem a associar experiências e por meio de sinais comunicam aos outros de sua espécie, informações essenciais – como uma ameaça de perigo – através de movimentos do corpo, secreções glandulares ou outros métodos e suas combinações. Em geral, no entanto, os sinais são muito limitados em seu poder de comunicação. Os símbolos, em contraste, como não são condicionados geneticamente, são flexíveis e podem ser modificados facilmente. Pense na história de qualquer linguagem. Símbolos linguísticos foram modificados ao longo dos tempos enquanto seus significados permaneceram os mesmos e vice-versa. Isso ocorre porque os significados dos símbolos são atribuídos pelos grupos sociais de maneira arbitrária, adotados pelos seus membros e, portanto, não estão submetidos a regras previamente definidas e podem modificar-se com o tempo e as circunstâncias.

A invenção da escrita, por exemplo, significou uma revolução na história da humanidade porque possibilitou aos seres humanos acumular informação muito além das suas capacidades biológicas. E isso só foi possível através de um sistema de símbolos – as letras do alfabeto. Pela combinação e recombinação das letras somos capazes, indefinidamente, de formar palavras e frases, transmitindo informações de todos os tipos às gerações que se sucedem. E fazemos isso ultrapassando em muito nossa capacidade de memória individual e independentemente do contato pessoal. Considere, também, a grande transformação cultural que ocorre nos nossos dias com o uso ampliado da Internet. São criações humanas que ampliam e atribuem novas formas e características ao mundo em que vivemos. Podemos dizer, portanto, que os símbolos são veículos culturalmente determinados para a transmissão de informações de qualquer natureza.

O antropólogo Clifford Geertz, em seu livro **A Interpretação das Culturas**, ao analisar a relação entre o desenvolvimento da cultura e a evolução da mente humana considera que foi no período pré-histórico da Era Glacial que foram forjadas quase todas as características da existência do ser humano que são mais impressivamente humanas. Em uma mesma época da história evolutiva desenvolveram-se de forma combinada e interativa a totalidade do sistema nervoso do cérebro humano, a estrutura social baseada no tabu do incesto e a capacidade de criar e usar símbolos. “O fato de que essas características distintivas de humanidade”, escreveu Geertz, “emergiram juntas e em interação complexa uma com a outra (...) é de excepcional importância na interpretação da mentalidade humana, porque sugere que o sistema nervoso humano não apenas torna o homem capaz de adquirir cultura mas demanda positivamente que ele assim o faça para que possa funcionar.” Hoje, as pesquisas da neurociência tem comprovado a importância das atividades de natureza cultural que, associadas às atividades físicas, são a melhor maneira de avançar em idade de forma saudável e com lucidez. “O cérebro do *Homo sapiens* tendo se originado no interior da estrutura da cultura humana, não seria viável fora dela”. (Capítulo 3; “O Desenvolvimento da Cultura e a Evolução da Mente”)

Nas sociedades tecnologicamente avançadas dos nossos dias, o volume de informação transmitido de geração para geração tornou-se tão grande que nenhum membro individual consegue dominá-lo. Assim, diz Lenski, “se os indivíduos são os portadores da cultura, a cultura em sua totalidade é a propriedade de uma sociedade. Nesse sentido podemos dizer que os sistemas de símbolos tem uma função do ponto de vista cultural, semelhante ao do sistema genético. Ambos são mecanismos que facilitam a adaptação de populações ao seu ambiente, através da aquisição, de acúmulo, da transmissão e uso de informações relevantes”.

Através da criação de sistemas de símbolos os seres humanos foram capazes de modificar seus comportamentos de maneira significativa, tornando sua adaptação ao ambiente cada vez mais eficiente

e isso sem qualquer transformação orgânica importante. O antropólogo Clifford Geertz, sob a influência do grande cientista social Max Weber, acredita que “o ser humano é um animal envolvido em teias de significados que ele próprio teceu”. Cultura, para Geertz, são essas redes e sua análise deve ser um estudo interpretativo de seus significados. Para analisar e conhecer uma cultura é preciso interpretar os sinais e símbolos que são utilizados nos processos de comunicação de um grupo social, de um povo ou de uma nação.

O conceito de cultura está entre os mais usados na Sociologia e refere-se às formas de vida dos membros de uma sociedade ou de grupos dentro da sociedade, incluindo todas as formas de arte, com suas linguagens próprias (a literatura, a música, as artes plásticas, etc.), as várias formas de expressão que se manifestam no modo de vestir das pessoas, em seus costumes, em seus padrões de comportamento, os seus rituais religiosos, as suas ideias, crenças e princípios orientadores da vida (como as teorias científicas, as doutrinas religiosas e as ideologias). O mundo da cultura é constituído de uma trama complexa dos elementos que contribuem para a organização da vida cotidiana, como os estilos de vida familiar e as atividades de lazer que caracterizam nosso ambiente de convivência, e dos mecanismos sociais desenvolvidos para a resolução dos problemas da vida coletiva, como as formas de organização da vida escolar, da política ou da produção da vida material. A cultura é um vasto campo que abrange tanto as ideias abstratas que traduzem a vida da imaginação e do pensamento, com suas linguagens próprias, quanto os arranjos sociais e os instrumentos que permitem e favorecem a cooperação entre as pessoas nas formas das organizações sociais, possibilitando melhorar nossa habilidade em alcançar o que precisamos e desejamos para nós mesmos. Dessa forma a noção de cultura envolve tanto aspectos “intangíveis” - como valores, crenças, ideias, teorias e normas sociais- quanto aspectos “tangíveis” – como objetos, produtos do trabalho, das artes, da ciência e da tecnologia. Os valores e as normas sociais definem o que é considerado fundamental e desejável para a orientação da vida das pessoas em suas interações sociais. Os valores informam nossas crenças morais dando sentido e direção às nossas vidas, enquanto as normas são regras comportamentais que definem o que é esperado das ações individuais no contexto da convivência social. As normas dizem o que devemos fazer ou é proibido fazer em situações específicas. Em alguma medida as normas sociais, escritas ou não na forma de leis, refletem os valores predominantes de uma cultura em uma determinada sociedade. Todos esses elementos, tangíveis e intangíveis, são constitutivos da cultura e são compartilhados pelos membros da sociedade, formando um contexto comum para os seus integrantes e dando sentido às suas vidas, ações e atividades.

As diversidades culturais

É fácil percebermos, quando entramos em contato com aspectos da vida de outras sociedades, como seus ambientes culturais e os comportamentos de seus membros são diferentes dos nossos e, às vezes, de forma acentuada. Quando temos a oportunidade de conhecer e comparar diversas culturas, por leituras e estudos ou em viagens, adquirimos consciência da importância da dimensão cultural para as nossas vidas e para a vida coletiva em geral. Isso também ajuda a esclarecermos o conceito sociológico de *cultura*. Sociedades de tempos históricos diversos ou em espaços geográficos diferentes, desenvolveram modos de vida, valores e crenças que em muitos aspectos e, às vezes, de maneira bastante radical, diferem e divergem dos nossos.

Ao comparar e comentar diferentes culturas deve-se prestar atenção para eventuais manifestações de “etnocentrismo”, a tendência que desenvolvemos em julgar elementos de outras culturas com base

nos padrões da nossa cultura, o que torna difícil simpatizar com as ideias ou aceitar os comportamentos das pessoas de uma cultura diferente. Os problemas envolvidos nas comparações e avaliações culturais levantam uma questão que tem se tornado fonte de grande debate, transformando-se em foco de tensão no mundo da política global, especialmente para os que lidam na esfera internacional dos direitos humanos. Trata-se do significado e abrangência do *relativismo cultural* no mundo contemporâneo.

A questão é a seguinte: é possível avaliarmos os valores e normas de uma outra cultura? Baseados em que critérios podemos julgar uma outra forma de vida cultural como melhor ou inferior à nossa? Essa é uma questão polêmica que provoca grandes debates nas ciências sociais. O sociólogo Anthony Giddens pergunta: no Afeganistão, “as políticas do Talibã para as mulheres são aceitáveis no início do século XXI?” O relativismo cultural – “ou seja, suspender suas próprias crenças culturais profundamente sustentadas e examinar uma situação de acordo com os padrões de outra cultura – pode ser repleto de incerteza e desafio”. (...) “Questões preocupantes são levantadas. O relativismo cultural significa que *todos* os costumes e comportamentos são igualmente legítimos? Haveria padrões universais aos quais todos os humanos deveriam aderir?” Giddens acrescenta, “não há soluções simples para esse dilema e para dúzias de outros casos nos quais normas e valores culturais não coincidem.” ...E ensina uma lição básica para todo o estudante de Sociologia: “O papel do sociólogo é evitar “respostas automáticas” e examinar questões complexas cuidadosamente a partir de tantos ângulos diferentes quanto possível.” (**Sociologia; 2005**)

Essas inúmeras questões são um alerta e devem intensificar nossa disposição para conhecer os diversos sistemas socioculturais para melhor compreender os mecanismos que facilitam assim como os que dificultam a convivência humana, necessariamente, de cunho social. De um lado a cooperação, a convivência mais equilibrada e harmoniosa, de outro, os antagonismos, os conflitos e as guerras.

Os processos da globalização econômica, da revolução na informática, da mídia, da superação das barreiras geográficas vem transformando o mundo em uma grande “aldeia global”. Em que medida esses fenômenos estão produzindo uma cultura universal, válida para todos os povos? Em que sentido podemos afirmar isso? Quais os possíveis danos para a vida das pessoas e para os diferentes grupos sociais com raízes histórico-culturais distintas? Como fenômeno humano as culturas dos povos são dinâmicas e sofrem mudanças. Os indivíduos agem e reagem às influências do ambiente em que vivem e às transformações de seu tempo. Os grupos sociais se mobilizam e movimentam-se no sentido de alterar as suas condições de vida. Continuidade e mudança são dimensões inerentes à vida das sociedades e das culturas. As mudanças podem ocorrer de forma mais lenta, como nos tempos mais antigos, como podem tornar-se rápidas e permanentes como tem ocorrido desde os tempos modernos.

É importante observar que “as culturas ultrapassam seus criadores”, como diz Lenski. Cada um de nós nasce em uma sociedade com uma cultura estabelecida e é somente através do domínio dessa cultura que somos capazes de satisfazer nossas necessidades e aspirações. Mas, no processo de dominar a cultura, a cultura tende a nos controlar e fazer de nós suas criaturas. Em um sentido, ela define mesmo nossos objetivos na vida e dá forma aos padrões de nossos pensamentos. Por isso encontramos dificuldade em desaprender o que aprendemos no passado. E isso é especialmente marcante nas pessoas mais velhas. Por outro lado é sempre possível uma adaptação consciente e deliberada a um novo ambiente ou a uma mudança cultural. Isso implica que processos de mudança cultural ocorrem e podem até ser controlados e mesmo planejados. Esse tema, o da mudança cultural, é especialmente importante na medida em que envolve o debate em torno das questões que dizem respeito às transformações da sociedade.

Em geral, novos elementos culturais são acrescentados em uma base de continuidade. Em certos momentos ocorre o abandono de componentes culturais que são substituídos por outros novos. Se nós

pensarmos nos vários instrumentos de comunicação utilizados através dos séculos nós teremos uma boa amostra das significativas mudanças culturais e das consequências dessas mudanças para a vida das pessoas. Mas muitas mudanças envolvem, ao mesmo tempo, continuidade, como é o caso do alfabeto que usamos há mais de três mil séculos, assim como o conceito de justiça que perdura desde tempos ainda mais antigos.

A continuidade e a mudança cultural: hábitos e costumes

Os aspectos relacionados à continuidade cultural manifestam-se em dois níveis na sociedade. No nível do comportamento individual, através dos hábitos e no nível do comportamento grupal, através dos costumes. Entretanto, em grande parte, os costumes dependem dos hábitos. Os hábitos são padrões contínuos de ação na vida dos indivíduos como respostas condicionadas para questões recorrentes em nossas vidas. A maior parte de nossos hábitos aprendemos dos outros – como no treinamento da criança - e resultam de esforços deliberados para construir padrões de comportamento almejados. Os hábitos podem se resultantes de imitação consciente ou inconsciente.

Como aprendemos a nos adaptarmos ao nosso ambiente social

Pesquisas em Psicologia, desenvolvidas nos últimos anos, conseguiram mostrar como o ambiente em que vivemos pode dirigir comportamentos que praticamos de forma não consciente através de um processo de dois estágios: (1) percebemos algo no ambiente de maneira espontânea, não intencional, e então (2), automaticamente, desenvolvemos tendências comportamentais através do vínculo que se estabelece entre percepção e comportamento. O que essas pesquisas indicam é que há uma sequência automática entre o que se percebe no ambiente e o comportamento que se segue a essa percepção. E isso ocorre sem que uma escolha consciente desempenhe qualquer papel na produção de tal comportamento.[1] Alguns psicólogos pesquisadores afirmaram que esse mecanismo está por trás dos efeitos da mídia sobre o comportamento e sobre os efeitos modeladores, de uma maneira mais geral (como atitudes, expressões de vários tipos e estilos que viram “moda”).[2]

O vínculo entre percepção e comportamento tem importantes consequências para as interações sociais. Esse mecanismo automático gera o que chamamos de estereótipos, comportamentos que se reproduzem de maneira fixa, inalterável. Sob um aspecto mais negativo, na vida real da convivência social, os estereótipos são acionados por elementos aparentes como a cor da pele das pessoas, as características de gênero (feminino, masculino), e outros aspectos facilmente observáveis em membros do grupo, em outras palavras, pela presença real da pessoa sendo estereotipada. Os estereótipos, em seu lado negativo, são traduzidos em rótulos que costumamos aplicar às pessoas e que muito dificultam a convivência e os relacionamentos sociais.

As análises e as conclusões dessas pesquisas apontam para o papel crucial das categorias mentais. Essas categorias, instrumentos de nossa mente para classificar e entender a realidade, desempenham um papel essencial para simplificar e compreender o ambiente rico de informação auxiliando-nos na tarefa de selecionar os dados relevantes para lidarmos com o mundo que nos cerca. Entretanto, os estereótipos são formas mal adaptadas de categorias porque seus conteúdos não correspondem ao que está realmente

presente ou acontecendo no ambiente. Assim uma pessoa não pode ser categorizada pela cor da sua pele ou pelos seus gestos, uma vez que esses aspectos nada ou muito pouco dizem sobre o seu caráter ou a sua personalidade. Em conclusão podemos dizer que, embora os efeitos dos estereótipos automáticos sobre o comportamento podem causar problemas na interação social, o efeito mais natural da percepção sobre o comportamento seria mais positivo quando a atividade perceptual está baseada sobre o que de fato está acontecendo naquele momento. O claro vínculo entre nossa percepção e nosso comportamento existe, provavelmente, por uma boa razão, uma razão adaptativa, pois nos torna prontamente aptos a agir diante de situações recorrentes da vida cotidiana. Tais ações são apropriadas na ausência de orientações conscientes.

As pesquisas também mostram que, ao mesmo tempo em que agimos sob o efeito da percepção sem a necessidade de uma escolha consciente, somos, também, participantes ativos no mundo e nossas ações são realizadas, com frequência, orientadas por propósitos e objetivos que desejamos atingir. Muitas, talvez a maioria, de nossas respostas ao ambiente são julgamentos, decisões e comportamentos determinados não somente pela informação disponível em nosso ambiente mas, especialmente, pela consideração como tais informações se relacionam com o objetivo que estamos perseguindo naquela situação específica.

As contribuições das pesquisas em Psicologia e na Neurociência tem ajudado os cientistas sociais a melhor compreender os mecanismos que contribuem para o desenvolvimento de certas características culturais dos grupos e de algumas importantes questões relacionadas com a interação e o funcionamento da vida social.

Os costumes, hábitos compartilhados por um grupo social e por um povo, costumam durar ao longo do tempo. Mas não apenas hábitos compartilhados fazem os costumes. Outros padrões de ação duráveis e que funcionam de forma consciente para os membros de uma comunidade ou sociedade, também fazem parte dos costumes. Por exemplo: a resolução de problemas básicos que afetam o trânsito nas ruas e nas estradas (como o lado em que devemos transitar com os veículos), criou alguns costumes resultantes da necessidade de organização e segurança no tráfico e acabaram virando lei, tornando obrigatório para todos os motoristas agir da mesma maneira. Trata-se de normas que definem o comportamento correto em situações específicas no ambiente coletivo.

Para Lenski, as práticas costumeiras dos grupos sociais permitem satisfazer necessidades básicas de uma maneira econômica – economia de tempo e de energia. Escreve ele: “Essa talvez seja a principal razão de nos apegarmos às práticas tradicionais de agir. Mudamos nossa maneira de agir, em geral, quando não temos nada a perder ou quando alguma coisa que valorizamos não está envolvida. Isso explicaria, talvez, a dificuldade de mudança de costumes para as gerações mais velhas.”

A continuidade cultural também está relacionada à incapacidade das crianças de cuidarem de si próprias. Durante vários anos a criança é incapaz de satisfazer por si mesma as suas necessidades básicas. Para chegar à vida adulta ela precisa ser incorporada à cultura da sociedade em que nasceu para dominar os recursos necessários para dar conta dos problemas da existência humana. Até que a criança domine, por exemplo, os símbolos linguísticos de sua sociedade, aprenda as palavras com seus significados e possa se comunicar na linguagem comum, ela é amplamente dependente dos outros. Ao dominar a linguagem ela adquiriu um recurso extraordinário para a sua sobrevivência. E isso é válido para todos os elementos básicos da cultura de seu grupo social.

É bastante evidente que a continuidade sociocultural possibilita um grande benefício sem o que a vida humana seria impossível. O desenvolvimento de hábitos aumenta enormemente a eficiência das

peças, na medida em que evita que precisemos repetidamente buscar soluções para os problemas mais simples e corriqueiros. Da mesma forma, as crianças não sobreviveriam se não encontrassem soluções prontas e ao seu alcance para os problemas da vida. Mais ainda, os homens não podem viver sozinhos, eles dependem da sociedade. Nenhum sistema social pode funcionar se as ações de seus membros não forem previsíveis. E a continuidade sociocultural é um requisito de previsibilidade dos padrões de comportamento no ambiente da vida coletiva.

Fatores que influenciam as mudanças culturais

Por outro lado, a continuidade cultural tem seus custos. No campo da tecnologia, por exemplo, a inovação leva, em geral, a uma maior eficiência no uso da energia e do tempo humano, a uma melhoria no padrão de vida e amplia as possibilidades em diversas áreas. Da mesma forma podem ser grandes os benefícios com as mudanças no campo das organizações sociais. Nenhuma sociedade é perfeita ou adquiriu uma forma acabada e definitiva para a vida em comum. Especialmente no mundo moderno e contemporâneo, após a Revolução Industrial e o desenvolvimento da ciência moderna, a mudança sociocultural tornou-se permanente e intensa. Nos dias de hoje, as sociedades que incluem um mais amplo componente de mudança, tendem a favorecer uma melhor qualidade de vida para uma parcela cada vez maior da sua população.

São vários os fatores que contribuem para a mudança e inovação em uma sociedade: fatores internos à própria sociedade ou fatores externos do ambiente que a cerca. Em nossos dias, tornou-se muito clara a extrema importância da relação entre a sociedade e o seu ambiente. O meio ambiente não é somente uma fonte crucial para o sustento da sociedade com suas características climáticas e geográficas em geral, suas riquezas naturais, suas fontes de energia, sua flora e fauna, tudo isso funcionando como um conjunto de condições em relação ao qual a sociedade deve se adaptar. Nesse processo, a sociedade pode interagir com o seu ambiente em diferentes formas e direções: seja contribuindo para melhorar ou para piorar e prejudicar suas condições de vida. As mudanças no ambiente acabam por forçar mudanças na sociedade. As sociedades, ao longo da história, tiveram necessidade de ajustar-se às mudanças no ambiente. Esse é um processo de adaptação inquestionável.

O ambiente a que uma sociedade deve adaptar-se inclui, também, outras sociedades com as quais ela mantém contato. Uma mudança maior em uma costuma desencadear um processo em cadeia gerando conseqüências para as outras e obrigando a ajustamentos e inovações.

Mas há outras fontes de mudanças. A dinâmica das forças no interior das sociedades, que fazem parte da própria condição do ser humano, impede que a sociedade permaneça estável permanentemente. Em primeiro lugar, na transmissão da herança cultural de uma geração para outra ocorrem alterações de vários tipos. Como vimos anteriormente, os indivíduos não são passivos na formação dos hábitos, na aprendizagem dos costumes e na recepção das informações ao longo de seu crescimento e desenvolvimento. Os seres humanos aparentemente, por sua própria natureza, são motivados a tentar novos padrões de ação. Muitas vezes, a motivação é a simples curiosidade que pode ser intensificada pelo mundo cultural. Ou, então, a motivação pode ser o simples autointeresse material. Os homens buscam maximizar suas recompensas, isto é, ganhar mais e melhor como resultado de suas ações. Dessa forma, a experimentação e as inovações são inevitáveis.

O acaso ou as “chances” desempenham uma parte importante no processo da inovação e das des-

cobertas, mas o conhecimento, a inteligência e a ação com propósito, que movem a disposição maior para a pesquisa, são essenciais. As novas descobertas e as inovações resultam da combinação de “chance”, conhecimento e persistência em uma ação com propósito.

A quantidade de informação acumulada por um grupo social é, talvez, o fator mais importante para a capacidade de inovação e mudança positiva para a vida de seus membros. As invenções que constituem um dos processos básicos de inovação são essencialmente recombinações de elementos existentes da cultura.

Outro fator dos mais importantes no mundo atual, é o contato com outras sociedades. Quanto maior for o relacionamento com outros povos e culturas maior são as oportunidades para incorporar suas descobertas e inovações. É sempre possível incorporar a herança cultural de outras sociedades.

É importante assinalar que esses fatores mencionados, que estimulam e promovem as mudanças e a inovação nas sociedades, são mutuamente interdependentes.

Há outro aspecto na relação entre diferentes sociedades e culturas que devemos considerar. É um engano pensar que a paz entre nações seja um estado normal e que a hostilidade, o conflito e a guerra são condições anormais. Gostaríamos que fosse verdade mas os registros históricos e a realidade de nosso tempo indicam que é diferente.

São várias as razões para explicar porque as guerras e outros confrontos são tão comuns. A causa básica parece ser a mesma que motiva a competição no mundo biológico de maneira geral, isto é, *a escassez de recursos*. Tanto Malthus quanto Darwin reconheceram que uma oferta finita de recursos, independente de seu tamanho, nunca seria suficiente para uma população com uma infinita capacidade para o crescimento. A não ser que uma população, animal ou humana, controle seu crescimento, em algum momento ela esgotaria seus recursos. Isso ajuda a explicar as ações de invasão de territórios e apropriação de recursos de outros grupos sociais, ou povos ou nações. Na medida em que esses recursos são essenciais, a sociedade atingida reage. O conflito, assim, torna-se inevitável.

No caso dos humanos o problema tornou-se especialmente complicado pela existência da cultura. O problema da escassez torna-se mais agudo nas sociedades humanas porque a cultura multiplica enormemente nossos desejos e necessidades. Os desejos dos animais são limitados enquanto os dos seres humanos quanto mais os realizam mais, de um modo geral, desejam. O cientista social americano Thorstein Veblen viu isso com clareza. Em um livro publicado no final do século XIX ele desenvolveu a tese de que uma vez que uma sociedade é capaz de produzir mais do que o necessário para viver, seus membros lutam para adquirir bens e serviços não essenciais por causa de seu valor de prestígio. Um pouco antes, na metade do mesmo século, Karl Marx havia diagnosticado esse mesmo problema ao descrever as sempre novas necessidades criadas artificialmente pelo processo de desenvolvimento da sociedade moderna. Considerando que o prestígio é sempre, para as diferentes pessoas das diversas classes sociais, uma questão relativa (é uma medida da posição social de alguém em relação aos demais), é impossível satisfazer a demanda por bens e serviços gerada pela permanente busca de sempre mais prestígio. A escassez seria, portanto, inevitável não importando o quanto de tecnologia se desenvolva e em quanto se aumente a produção.

Guerras podem destruir culturas e civilizações. E, com isso, acabam gerando grandes transformações sociais e culturais. Formas não militares de poder também acarretam destruição de culturas através de um processo de incorporação de sociedades culturalmente mais vulneráveis porque tecnologicamente menos desenvolvidas. É o caso de muitas sociedades, tribos e etnias antigas, que acabam abandonando sua cultura tradicional, minando sua autonomia como grupo social. Isso acontece especialmente com a

cultura de sociedades menores e economicamente menos desenvolvidas quando entram em contato com sociedades maiores e economicamente mais fortes. Considerem como exemplo o que ocorreu, e continua ocorrendo, com as culturas indígenas e as de etnias africanas, tanto no Brasil como em outros países.

Socialização: uma aprendizagem permanente

O processo através do qual aprendemos a cultura da sociedade em que vivemos é o que chamamos de socialização. De um modo geral, os seres humanos são dotados de uma grande capacidade para aprender a agir de maneira socialmente responsável. A socialização é um processo sociopsicológico bastante complexo que se inicia no momento do nascimento. O objetivo principal de tal processo é adaptar o indivíduo aos costumes, comportamentos e modos da cultura do seu ambiente social para que possa aprender a sobreviver por si mesmo e ser capaz de, gradativamente, controlar seu comportamento de acordo com as exigências da vida em sociedade.

Ao aprender o significado que a Sociologia atribui ao processo de socialização e as maneiras como este processo se desenvolve, podemos ampliar nossa visão e conhecimento sobre os mecanismos que operam nas sociedades e que dizem respeito à vida cultural. Isso possibilita uma melhor compreensão do modo e estilos de vida da sociedade em que nascemos e no qual nossas identidades, pessoal e de grupo, se desenvolvem.

Através do processo de socialização nos tornamos, gradualmente, pessoas autoconscientes e capazes de lidar de forma competente com o mundo a nossa volta.

O estudo dos processos de socialização pode contribuir para uma melhor compreensão de fatores que influenciam na construção das identidades pessoais (autoidentidade) e das identidades dos grupos sociais a que pertencemos como a família, o gênero, o grupo religioso, o grupo de convivência social, o profissional e outros.

O processo de socialização é o principal mecanismo que uma sociedade possui para a transmissão da cultura através do tempo e das gerações. A socialização, além de estar diretamente relacionada com as identidades sociais, deve ser vista como um processo que dura a vida toda na medida em que as nossas ideias e o nosso comportamento são continuamente influenciados pelos relacionamentos sociais e pelo ambiente em que vivemos. É através da socialização que aprendemos e incorporamos os hábitos, os costumes, valores e normas da vida cultural de nossa sociedade. Desde o nascimento, através da infância e da adolescência e mesmo na vida adulta, estamos continuamente a aprender comportamentos e formas de interagir em diversos e novos ambientes a que somos expostos em nossa trajetória de vida. Nossa identidade se modifica ao atingirmos diferentes estágios de desenvolvimento e ao assumirmos papéis sociais diversos que se alternam e multiplicam ao longo da vida.

O papel socializador da família

É importante reconhecer como desde o nascimento somos socializados na cultura de nossa família e como a infância é um período de intensa aprendizagem cultural. Aprendemos a falar com aqueles que cuidam de nós na primeira infância. Nesse primeiro período da vida é quando as crianças aprendem a língua e os padrões básicos de comportamento que formam a base para toda a socialização posterior. É de destaque a importância da família nessa fase primária da socialização. Os relatos dos estudos de casos de crianças que vivenciaram o isolamento social evidenciam o quanto essas crianças foram incapazes de adquirir as habilidades humanas básicas e tenderam a se parecer mais com os animais. É o caso de um menino encontrado em um bosque no sul da França, em 1800. “Ele estava sujo, nu, era incapaz de falar e não aprendera a usar o sanitário. (...) Nenhum pai ou mãe jamais o procurou. Tornou-se conhecido como *o menino selvagem de Aveyron*. Um exame médico completo não encontrou quaisquer anormalidades físicas ou mentais importantes. Por que, então, o menino parecia mais animal que humano?” (caso citado no livro, de vários autores, *Sociologia – sua Bússola para um Novo Mundo*, p. 106). São vários os casos semelhantes relatados na literatura de ciências sociais. O filme alemão *O enigma de Kaspar Hause* apresenta um outro caso de isolamento social na infância e que acarretou sérios danos para o desenvolvimento pessoal de um ser humano, aparentemente, com capacidades normais. Devemos, aqui, mencionar Freud como um dos principais estudiosos da formação da identidade pessoal (o *self*) que, há mais de cem anos, reconheceu na família o agente mais importante da socialização primária. Em nossos dias, questões importantes têm sido levantadas em relação à transformação das famílias nas últimas décadas e ao crescimento das taxas de divórcio. Tais transformações podem estar afetando o cuidado com as crianças e, portanto, a forma de sua socialização, sem ainda termos clareza sobre as suas conseqüências.

O papel socializador da escola

Outro agente fundamental na socialização é o sistema escolar. O papel socializador da educação escolar está relacionado com a formação intelectual e cultural das novas gerações no sentido de prepará-las para a vida social, seu desenvolvimento pessoal mais amplo e para o mundo do trabalho. A educação escolar tem sido analisada criticamente por alguns estudiosos que identificam no sistema escolar uma organização devotada principalmente a reproduzir o sistema de valores e padrões de vida estabelecidos. Entretanto, podemos observar como são freqüentes as situações de tensão e conflito no ambiente escolar, do nível fundamental até o nível superior, quando questionamentos e atividades críticas são desenvolvidas, tanto por estudantes como por professores, visando a superação das limitações identificadas no processo de socialização. A aprendizagem de hábitos, costumes e valores culturais é um processo de natureza complexa, como já foi mencionado anteriormente, na medida em que as influências culturais que recebemos e a que estamos submetidos em nosso ambiente são confrontadas com reações e orientações de caráter propriamente individual ou grupal e que podem ser mais ou menos conscientes.

Não podemos desconsiderar que é através do processo de socialização que as sociedades se tornam um sistema viável, isto é, capaz de existir de forma previsível e de durar no tempo, e que as características de vida que são distintamente humanas só aparecem como resultado de nossa vida em comum, em associação com outros seres humanos. Podemos então dizer, como afirma o sociólogo Gerhard Lenski, que “o potencial genético que cada indivíduo possui só é realizado quando compartilhamos com os outros indivíduos na vida da sociedade”.

Ao sistema escolar é atribuída, pela sociedade, a tarefa de ensinar as novas gerações a aprender com os meios disponíveis o que as culturas acumularam de fundamental através dos tempos – nas artes, nas ciências, desenvolvendo habilidades e proporcionando atividades que contribuam para a formação nos modos do bem viver com os outros. Esses são conteúdos, valores e costumes culturais que expressam as formas civilizadas da vida.

Ao comentar agressões violentas e assassinatos descabidos ocorridos em principais cidades de nosso país, o sociólogo José de Souza Martins, em artigo publicado em jornal, escreveu que tais fatos “confirmam a deterioração dos valores sociais que, de algum modo, têm assegurado a ordem nesta nossa sociedade minada. Ordem superficial constantemente ameaçada, não só em relação à vida, mas também em relação a tudo que possa ser violado quando não há princípios sólidos regulando a conduta de cada um.” Esses assassinatos praticados por pessoas aparentemente “normais”, “dão bem as indicações de quanto todos nós estamos ameaçados”. E indica que talvez não se trate de casos que possam ser resolvidos com mais segurança, dizendo -“o que se precisa é de mais educação”. (publicado no jornal *O Estado de São Paulo*; 15/08/2010)

Pesquisas em Psicologia e na Neurociência têm mostrado que a criança recém-nascida carrega necessidades imperiosas e a determinação de satisfazê-las sem muita preocupação com as outras pessoas. Mas mostram, também, a existência da dependência de base genética de um sistema sociocultural, isto é, os seres humanos possuem um potencial genético para a construção de ambientes culturais o que os faz, ao mesmo tempo, seres individuais autointeressados e seres sociais preocupados e identificados com os outros. Essa talvez seja a principal razão porque a vida das sociedades humanas seja feita de cooperação, solidariedade e harmonia, por um lado, e de conflitos, violência e guerras, por outro.

Questões para refletir e discutir:

A situação das mulheres no Afeganistão, descrita resumidamente por Anthony Giddens em seu livro **Sociologia** (2001, p.42), provoca a discussão de alguns aspectos fundamentais em relação à nossa avaliação de atos e costumes, assim como nosso posicionamento, relativos a outras sociedades quando questões de natureza cultural estão fortemente envolvidas. Ao discutir essas questões não podemos ignorar as mudanças culturais no mundo contemporâneo: um mundo em contínua transformação em que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia assim como o processo de secularização aproximam os países de todos os continentes do planeta. É necessário considerar: 1) como as tecnologias da informação, a mídia e a socialização dos jovens com as novas ferramentas de comunicação, assim como os grandes movimentos migratórios entre as várias regiões do mundo, vêm transformando os valores e costumes tradicionais das sociedades as mais distantes e 2) como as identidades culturais nos dias atuais ultrapassam as fronteiras dos países e como os efeitos da globalização no mundo cultural já se fazem sentir.

No Afeganistão, “sob o domínio do Talibã, as mulheres afegãs foram submetidas a normas rígidas que governam todos os aspectos de suas vidas, incluindo o modo como elas se vestem, seus movimentos em público e seus assuntos particulares. Ao aparecer fora de casa, as mulheres precisam estar completamente cobertas, da cabeça aos pés, e usar um pano para esconder os rostos. As mulheres perderam o direito de trabalhar fora de casa e de serem educadas. A versão da lei islâmica Sharia praticada pelo Talibã é considerada rígida por muitos eruditos muçulmanos. A despeito das críticas da comunidade internacional e de acaloradas campanhas em benefício das mulheres afegãs, o Talibã afirma que suas políticas em relação às mulheres são essenciais para a construção de uma sociedade casta, em que as mulheres sejam comple-

tamente respeitadas e sua dignidade seja reverenciada.” (Giddens, p.42).

Consideremos também as palavras de uma intelectual iraniana, Azar Nafisi, divulgadas por ocasião da condenação à morte por apedrejamento, de Sakineh Mohammadi Ashtiani, uma mulher de 43 anos e mãe de dois filhos, acusada de “adulterio enquanto casada:

“Ao defender os direitos de Sakineh e de inúmeras outras mulheres que se encontram nas prisões iranianas, estamos defendendo também nossos próprios direitos e nossa segurança. Há poucos anos, respondendo ao anúncio de que havia sido distinguida com o Prêmio Nobel da Paz, Shirin Ebadi afirmou que era muçulmana e acreditava nos direitos humanos. Eu escrevi que apoiar os direitos humanos não é um ato filantrópico, mas essencialmente pragmático: defender os direitos dos outros à liberdade e à escolha implica garantir nossos próprios direitos.”

- Qual é a reflexão que a leitura do relato de Giddens sugere? Considerando os aspectos indicados anteriormente, como podemos analisar a questão envolvida no que diz respeito à vida das mulheres afegãs?

Bibliografia básica:

Giddens, Anthony; *Sociologia*, Artmed,2005.

Bomeny, H.; Freire-Medeiros, B.; Emerique. R.B.; O’Donnell, J; *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*; Editora do Brasil, Fundação G. Vargas, 2010.

Brym, Robert e outros; *Sociologia, Sua Bússola para um Novo Mundo*; Thomson, 2006.

Lensky, Gerhard; *Human Societies*; McGraw-HillBook Company, 1970.

Geertz, Clifford; *The Interpretation of Cultures*; Basic Books Inc., 1973. (existe tradução em português)

[1] J. Bargh e T. Chartrand, “The Unbearable Automaticity of Being”, *American Psychologist*, vol.54. n.7, 462-479

[2] Berkowitz,L. 1997, *Advances in Social Cognition*, Vol.10, 83-94

Fonte: <https://www.portaldovestibulando.com/2017/10/cultura-e-sociedade.html>



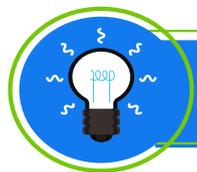
Karl Marx

Marx apresenta a sociedade capitalista como um grande depósito de mercadorias; neste sistema, as relações sociais são baseadas nas trocas comerciais. O sistema de trocas é essencial para a vida em sociedade, pois é impossível um só homem produzir todos os bens de consumo de que necessita, dado que a exigência humana, para a plena satisfação da vida, é grande e variada. Para resolver este problema, as pessoas trocam entre si os produtos que necessitam para viver.

O grande problema deste processo é determinar o valor de cada produto. Na troca simples de mercadorias, o que determina este valor é o tempo de trabalho socialmente gasto para sua produção. É neste contexto que aparece o dinheiro, que possui a função de equivalente geral das mercadorias, ou seja, o dinheiro é uma mercadoria aceita por todos os membros da sociedade. Este processo pode ser representado pela equação MERCADORIA -> DINHEIRO -> MERCADORIA. A função do dinheiro, portanto, nada mais é do que facilitar a troca de mercadorias entre os indivíduos; outra característica das mercadorias é que possuem dois tipos distintos de valores: Valor de Troca (capacidade de ser trocada, valor monetário) e Valor de Uso (utilidade, importância dentro de uma sociedade).

O processo de transição do mercantilismo (acúmulo de metais) para o capitalismo (acúmulo de capitais) é representado pela mudança do setor em que a acumulação de bens ocorre. Enquanto que no mercantilismo a acumulação ocorre através do comércio (troca de mercadorias), no capitalismo a acumulação, e o conseqüente enriquecimento de uma parcela da sociedade, é baseada na indústria (produção de mercadorias); é esta mudança que proporciona, segundo Marx, o surgimento do proletariado e a maior exploração dos proprietários dos meios de produção em relação aos trabalhadores.

Fonte: <https://www.portaldovestibulando.com/2014/07/a-mercadoria-karl-marx.html>



Etnia, Raça e Cultura

O conceito de etnia distingue-se do conceito de raça e cultura. Etnia é um conceito associado a uma referência e/ou origem comum de um povo. Ou seja, são grupos que compartilham os mesmos laços linguísticos, intelectuais, morais e culturais.

Embora possuam uma mesma situação de dependência de instituições e organização social, econômica e política, não constitui ainda em uma nação, mas apenas um agrupamento étnico. Etnia é, portanto, um conceito diferente de raça e cultura.

São exemplos de grupos étnicos, entre outros, os índios xavantes e javaés do interior de Goiás,

que são reconhecidos pelo etnônimo de tapuios. Hoje habitam no Parque Nacional do Xingu, em número extremamente reduzido.

Já a cultura é tudo que as diferentes raças e as diferentes etnias possuem em matéria de vida social, o conjunto de leis que regem o país, a moral, a educação-aprendizagem, as crenças, as expressões artísticas e literárias, costumes e hábitos, ou seja, é a totalidade que abrange o comportamento individual e coletivo de cada grupo, sociedade, nação ou povo.

O termo raças ignifica dizer que há grupos de pessoas que possuem características fisiológicas e biológicas comuns. No entanto, o uso do termo raça acaba classificando um grupo étnico ou sociedade, levando também à hierarquização.

Como se todos nós, seres humanos, fôssemos postos em uma grande escadaria, e em ordem de classificação e hierarquização pelo grau de importância das características físicas de cada grupo étnico; os mais importantes ficariam no topo e assim iria descendo até chegar nos menos importantes. Contudo, qual raça ou grupo étnico pode dizer que é melhor ou mais desenvolvido que outro?

Muitas críticas a esse pensamento foram levantadas, principalmente no final do século XIX, pois tais concepções ajudaram a reforçar a discriminação e o preconceito e, conseqüentemente a legitimação das desigualdades sociais. Apesar de todas as críticas, ainda é possível observar que nos séculos XIX e XX houve um retorno de práticas racistas como, por exemplo, a eugenia e estudos do genoma, que foram muito defendidas por estudiosos adeptos às teorias evolucionistas sobre o progresso físico e comportamental do homem.

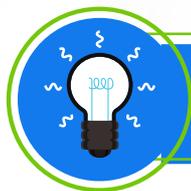
Tais teorias concebiam que determinadas raças e etnias deveriam ser conservadas, por serem modelos de pureza, de superioridade, etc. Contudo, outras que não se enquadrassem nos modelos estabelecidos, ou que fossem, pela situação social que viviam, vítimas de doenças ou epidemias tornavam-se um perigo para o progresso da humanidade e não deveriam existir. Podemos tomar como um exemplo claro deste pensamento, o apartheid ocorrido na África do Sul nos anos de 1948 a 1991, quando toda a população negra foi obrigada a seguir normas e regras rígidas com relação ao convívio social, trabalho, etc., além de toda a forma de violência e discriminação sofrida.

Ou ainda, quem não se lembra do genocídio dos judeus ou mais conhecido como o Holocausto dos Judeus, durante a II Guerra Mundial? O pensamento ideológico que estava por trás daquele terrível ato que exterminou cerca de 6 milhões de judeus, que não eram reconhecidos como seres humanos, era a ideia de superioridade da “raça ariana” alemã. A perseguição e o extermínio dos nazistas alemães contra os judeus ficou conhecido na história por anti-semitismo, uma forma de repudiar tudo o que era contrário à ideologia nazista.

Quando olhamos os três grupos étnicos que se miscigenaram no Brasil Colônia, séculos XVI e XVII, com suas características biológicas específicas e também sócio-culturais, suas tradições, vemos como fizeram toda a diferença no processo de colonização e formação do povo brasileiro, diferentemente de outras colonizações empreendidas pelo mundo.

Nosso país é uma “aquarela” de grupos étnicos! Constituída por meio da colonização (século XVI) e depois, pelas imigrações por volta dos séculos XVIII e XIX. Temos então uma pluralidade de identidades, caracterizada pelas diferenças. Por conta dessa variedade de identidades, povos e tradições, os diferentes grupos étnicos fizeram com que ocorressem em nosso país, um processo chamado de etnicidade.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2013/01/etnia-raca-e-cultura.html>



O surgimento da Sociologia

Como tudo começou!

Apesar da ciência sociológica ser considerada nova, pois ela se consolidou por volta do século XIX, a angústia de se entender as sociedades, por sua vez, não é tão nova assim. Se olharmos para a Grécia Antiga, vamos ver que lá já havia o desejo de se entender a sociedade.

No século V a.C, havia uma corrente filosófica, chamada sofista, que começava a dar mais atenção para os problemas sociais e políticos da época. Porém, não foram os gregos os criadores da Sociologia. Mas foram os gregos que iniciaram o pensamento crítico filosófico. Eles criaram a Filosofia (que significa amor ao conhecimento) e que, por sua vez, foi um impulso para o surgimento daquilo que chamamos, hoje, de ciência, a qual se consolidaria a partir dos séculos XVI e XVII, sendo uma forma de interpretação dos acontecimentos da sociedade mais distanciada das explicações míticas.

Foram com os filósofos gregos Platão (427-347 a.C) e Aristóteles (384-322 a.C), que surgiram os primeiros passos dos trabalhos mais reflexivos sobre a sociedade. Platão foi defensor de uma concepção idealista e acreditava que o aspecto material do mundo seria um tipo de fruto imperfeito das idéias universais, as quais existem por si mesmas. Aristóteles já mencionava que o homem era um ser que, necessariamente, nasce para estar vivendo em conjunto, isto é, em sociedade. No seu livro chamado Política, no qual consta um estudo dos diferentes sistemas de governo existentes, percebe-se o seu interesse em entender a sociedade.

Já na Idade Média...

Séculos mais tarde, no período chamado de Idade Média (que vai do século V ao XV, mas exatamente entre os anos 476 a 1453), houve, segundo os renascentistas (que vamos conhecer mais à frente), um período de “trevas” quanto à maneira de ver o mundo.

Segundo eles, havia um prevalecer da fé, onde os campos mítico e religioso, tendiam a oferecer as explicações mais viáveis para os fatos do mundo. Na Europa Medieval, esse predomínio religioso foi da Igreja Católica

Tal predomínio da fé, de certo modo, e segundo os humanistas renascentistas, asfixiava as tentativas de explicações mais especulativas e racionais (científicas) sobre a sociedade. Não cumprir uma regra ou lei estabelecida pela sociedade, poderia ser entendido como um pecado, tamanha era a mistura entre a vida cotidiana e a esfera sobrenatural.

É claro que se olharmos a Idade Média somente pela ótica dos renascentistas

ela pode ficar com uma “cara meio tenebrosa”. Na verdade, ela também foi um período muito rico para a história da humanidade, importante, inclusive, para a formação da nossa casa, o mundo ocidental. Vale a pena conhecermos um pouco mais sobre essa história. E, na continuidade da história...

Tudo caminhava para o uso da razão

O predomínio, na organização das relações sociais, dos princípios religiosos durou até pelos menos o século XV. Mas já no século XIV começava a acontecer uma renovação cultural. Era o início do período conhecido por Renascimento.

Os renascentistas, com base naquilo que os gregos começaram, isto é, a questionar o mundo de maneira reflexiva (como já contamos anteriormente), rejeitavam tudo aquilo que seria parte da cultura medieval, presa aos moldes da igreja, no caso, a Católica.

O renascimento espalhou-se por muitas partes da Europa e influenciava a arte, a ciência, a literatura e a filosofia, defendendo, sempre, o espírito crítico. Nesse tempo, começaram a aparecer homens que, de forma mais realista, começavam a investigar a sociedade. A exemplo disso temos Nicolau Maquiavel (1469-1527) que, em sua obra intitulada de O Príncipe, faz uma espécie de manual de guerra para Lorenzo de Médici. Ali comenta como o governante pode manipular os meios para a finalidade de conquistar e manter o poder em suas mãos. Obras como estas davam um novo olhar para sociedade, olhar pelo qual, através da razão os homens poderiam dominar a sociedade, longe das influências divinas.

Ensino Médio

Era a doutrina do antropocentrismo ganhando força. O homem passava a ser visto como o centro de tudo, inclusive do poder de inventar e transformar o mundo pelas suas ações. Além de Maquiavel, outros autores renascentistas, como Francis Bacon (1561-1626), filósofo e criador do método científico conhecido por experimental, ajudavam a dar impulso aos tempos de domínio da ciência que se iniciavam.

Não perdendo de vista...

Estamos contando tudo isso para que você perceba que nem sempre as pessoas puderam contar com a ciência para entender o mundo, sobretudo o social, que é o queremos compreender. Dessa maneira, muitas pessoas no passado, ficaram ‘presas’ principalmente, àquelas explicações a respeito da realidade que eram baseadas na tradição, em mitos antigos ou em explicações religiosas.

O Iluminismo

Já no século XVIII, houve um momento na Europa, chamado de Iluminismo, que começou na Inglaterra e na França, mas que posteriormente espalhou-se por todo o continente em que a ideia de valorizar

a ciência e a racionalidade no entendimento da vida social tornou-se ainda mais forte.

Uma característica das idéias do Iluminismo era o combate ao Estado absoluto, ou absolutismo, que começou a surgir na Europa ainda no final da Idade Média, no século XV, em que o rei concentrava todo o poder em suas mãos e governava sendo considerado um representante divino na terra, uma voz de Deus, a qual até a igreja, não raramente, se sujeitava.

Com a ciência ganhando força, era, digamos, inviável o fato de voltar a pensar a vida e a organização social por vias que não levassem em conta as considerações da ciência em debate com as de fundo religioso. Como por exemplo, imaginar os governantes como sendo representantes sobrenaturais. Nesse período, a continuada consolidação da reflexão sistemática sobre a sociedade foi ajudada por autores como Voltaire (1694-1778), filósofo que defendia a razão e combatia o fanatismo religioso; Jean Jacques Rousseau (1712-1778), que estudou sobre as causas das desigualdades sociais e defendia a democracia; Montesquieu (1689-1755), que criticava o absolutismo, e defendia a criação de poderes separados (legislativo, judiciários e executivo), os quais dariam maior equilíbrio ao Estado, uma vez que não haveria centralidade de poder na mão do governante.

Portanto, com a contribuição Iluminista...

A partir das teorias sobre a sociedade que no período Iluminista surgiram, é que começa a ser impulsionada, ou preparada, a ideia da existência de uma ciência que pudesse ajudar a interpretar os movimentos da própria sociedade.

Consolidação do Capitalismo e a Revolução Industrial!

Estamos mudando de assunto?

Mudando em parte, porém não estamos deixando de falar do surgimento da Sociologia. Há outros elementos que a motivaram surgir.

As transformações na sociedade européia não estavam ocorrendo somente no campo das idéias, como era o caso da consolidação da ciência como ferramenta de interpretação do mundo, que vimos até aqui.

Há também a consolidação do sistema capitalista, culminando com a Revolução Industrial, que ocorreu em meados do século XVIII, na Inglaterra, gerando grandes alterações no estilo de vida das pessoas, sobretudo nas das que viviam no campo ou do artesanato. Estes temas despertavam o interesse de críticos da época. Dessa maneira, quando a Sociologia iniciou os seus trabalhos, ela o fez com base em pensadores que viram os problemas sociais ocasionados a partir da crise gerada pelos fatos acima mencionados.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2017/01/o-surgimento-da-sociologia.html>

O Estado como detentor do monopólio e violência



As teorias sobre o Estado constituem-se num legado histórico importante para a compreensão da violência. Max Weber foi um dos autores que refletiu sobre o processo de organização do Estado moderno e acentuou que se trata de uma instituição que detém uma autoridade sobre os cidadãos, bem como controla todas as ações que ocorrem em sua jurisdição ou em seu território. No espaço por ele controlado, como já citamos, o Estado detém o monopólio do uso da força, considerado legítimo na medida em que necessário para a manutenção da ordem e da segurança.

A proposição é polêmica, à medida que não há mecanismos de controle do uso da força e cabe distinguir, a cada ação, o uso legítimo da força e o abuso de poder. Isso é bastante complicado, porque quem decidirá sobre a intensidade da força e qual o momento de utilizá-la?

Alguns são mais iguais que outros

Karl Marx na sua crítica à sociedade burguesa, salienta que em uma sociedade fundada na desigualdade econômica e social as garantias de liberdade e segurança do cidadão, que o Estado deve suprir, tornam-se, na maioria das vezes, apenas garantia da propriedade. Em A Questão Judaica Marx reflete sobre os conceitos de liberdade e igualdade gerados no bojo da Revolução Francesa de 1789, concluindo que tanto a existência quanto a defesa da propriedade privada no contexto das Constituições geradas no processo de revolução burguesa delimitam a vivência da liberdade e tornam a igualdade apenas um elemento formal que dissimula a desigualdade realmente existente, ou seja, a igualdade proposta pela burguesia e primeiramente a igualdade na troca é baseada no contrato de cidadãos livres e iguais, – é também a igualdade jurídica e a lei é igual para todos e todos são iguais; perante a lei. Sabe-se, hoje, que a igualdade jurídica – esconde, na verdade, a desigualdade dos indivíduos concretos.

É a liberdade individual, com a sua aplicação, que forma a sociedade burguesa. Ela faz com que cada homem seja, nos outros homens, não a realização, mas antes a limitação de sua liberdade. Proclama, antes de tudo o mais, o direito de usufruir e de dispor à sua vontade de seus bens, dos seus rendimentos, do fruto do seu trabalho e da sua indústria. Restam ainda os outros direitos do homem, a igualdade e a segurança. A palavra igualdade não tem aqui um significado político; é simplesmente a igualdade da liberdade acima definida: todos os homens são igualmente considerados como mônada fechada sobre si própria. A Constituição de 1795 determina o sentido desta igualdade. Art. 5:

A igualdade consiste no fato de a lei ser a mesma para todos, quer proteja, quer puna”. E quanto à segurança? (...) A segurança é a mais elevada noção social da sociedade burguesa, a noção de polícia: a sociedade inteira só existe para garantir a cada um de seus membros a conservação de sua pessoa, dos seus direitos e das suas propriedades (MARX, 1978. p. 38-39).

Se pensarmos na sociedade brasileira, a perceberemos como uma sociedade autoritária e hierarquizada em que os direitos das pessoas não existem. Não existem para a elite, porque ela não precisa, pois tem privilégios – do latim *privilegium*= “lei especial”, vantagem concedida a alguém com exclusão de outros e contra o direito comum – está acima de qualquer direito. Não existe para a grande massa da população que é pobre, desempregada e despossuída, pois suas tentativas de consegui-los são sempre encaradas como caso de polícia e tratadas com o rigor do aparato repressor do Estado quase onipotente. (CHAUÍ,1986)

A extrema liberalidade com que é tratada a pequena elite corresponde à extrema repressão do povo, sobretudo quando os trabalhadores se organizam e lutam. Episódios recentes de nossa história revelam que nem mesmo a vida humana é encarada com alguma seriedade (BUFFA,2002, p. 28-9).

“Esses 19 homens (membros do MST) foram assassinados na tarde de 17 de abril de 1996, em Eldorado dos Carajás, Pará. Seus algozes foram 155 policiais, divididos em dois grupos. O primeiro, saído de Paraupabas(...) era composto por 69 homens armados com 2 metralhadoras 9 mm, 1 revólver calibre 38, 10 revólveres calibre 32 e 38 fuzis calibre 7,62. Ocuparam uma das extremidades do Km 96 da Rodovia PA-150. A outra tropa veio de Marabá e tomou conta do outro lado da estrada. Seus 85 policiais militares estavam armados com 8 submetralhadoras 9 mm, 6 revólveres calibre 38, 1 revólver calibre 32, 28 fuzis calibre 7,62, 29 bastões e 14 escudos.” (<http://www.dhnet.org.br>).

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2014/07/o-estado-como-detentor-do-monopolio-da.html>

Identidade Nacional Brasileira: Um Mito Chamado Brasil



Diogenes Antônio Moreira Júnior

A bandeira brasileira não exprime a política nem a história. É um símbolo da natureza: floresta, ouro, céu, estrela e ordem. É o Brasil-jardim, o Brasil-paraíso terrestre. O mesmo fenômeno pode ser observado no Hino Nacional, que canta mares mais verdes, céus mais azuis, bosques como as flores e nossa vida de 'mais amores'. (...) O mito do país-paraíso nos persuade de que nossa identidade e grandeza se acham predeterminadas no plano natural: somos sensuais, alegres e não-violentos.

(CHAUÍ, Marilena. Folha de São Paulo, 26/03/2000.)

A formação da identidade nacional no Brasil foi um processo longo e com ritmos bem distintos. Hoje, é indiscutível o sucesso dessa formatação cultural. Em um país que abrigou tantas matrizes étnicas desde a colonização portuguesa, onde essas etnias estiveram por diversas vezes em condição de conflito social, onde as dimensões territoriais continentais fomentam a diversidade e as heranças históricas continuam promovendo distinções raciais, religiosas e culturais, essa tarefa tornava-se inviável. Entretanto, poucos países abrigam um povo tão identificado com seu país e conectado por laços de identidade como o Brasil. Ao longo da história forjou-se um país, um povo, uma cultura: a cultura brasileira.

Etapas da formação da identidade nacional brasileira

- Período colonial: Raízes e inserção na atual sociedade brasileira

Nesse momento da história do Brasil não havia ainda uma nação. O Estado brasileiro só surge com a independência, portanto não havia autonomia política. Também não havia o sentimento de pertencimento ao território. O Brasil era extensão do Império português e nas relações socioeconômicas criadas aqui, a identificação dos grupos era com sua condição social, isto é, um grande proprietário de terras, um funcionário português ou um escravo, cada qual buscando impor sua condição social ou romper com ela. Uma das poucas relações que foi se desconfigurando foi a do indígena com a terra. Com o passar dos séculos, a Igreja foi se apropriando cada vez mais do comportamento dos índios e desconfigurando os padrões de cultura desse segmento social. Uma vez catequizados, a fronteira entre os indígenas e a cultura indígena ficava cada vez maior.

E não estamos afirmando que a inexistência de identidade seja um fenômeno dos primeiros momentos de colonização. Em pleno século XVIII, revoltas separatistas no Brasil lutavam por causas extremamente regionais. A Inconfidência Mineira é o maior paradigma dessa ausência de patriotismo. Os inconfidentes não lutavam por uma causa nacional, mas sim por seus interesses. A própria Independência do Brasil serve como exemplo. Sem participação popular e com poucas batalhas, nada foi além do que uma soma de interesses entre algumas elites. Não havia um movimento nacional organizado em um território com tantos escravos e onde a terra era tão concentrada, a conquista política não podia envolver as multidões. Os conceitos de liberdade e igualdade poderiam levar a uma percepção de exclusão e ausência de democracia racial, perigosa demais para as elites brasileiras.

Na construção da história oficial do Brasil isso sempre foi um entrave. Sem heróis e símbolos nacionais, as versões oficiais criaram falsos mitos, como Tiradentes, ou falsas versões dos fatos, como a idealizada imagem de independência da tela de Pedro Américo, pintado entre 1886 e 1888, período de decadência da monarquia.

Mas antes de analisar os primeiros passos da formação da identidade cultural brasileira através de ações oficiais do Estado, é fundamental identificar todos os elementos fundadores da cultura brasileira, presentes nos processos de conflitos sociais inerentes a colonização. Na formação cultural brasileira destacamos os seguintes elementos:

- Catolicismo.

Através da atuação direta dos jesuítas e secundária da Inquisição, a religião tornou-se o maior veículo de dominação cultural portuguesa no Brasil. Contudo, não impediram o enraizamento das manifestações religiosas africanas na produção cultural dos escravos, principalmente os Iorubás. A flexibilidade jesuítica para alcançar a confiança indígena e a permissividade da Igreja com os ritos africanos para não atrapalhar a escravidão e também com os padrões sexuais e culturais da elite para não criar atritos políticos, criou uma qualidade única de católico, o não praticante. Esse processo também determinou o hibridismo entre a cultura europeia e as culturas africanas, marca ímpar da cultura brasileira.

Observe como séculos depois, o povo brasileiro se manifesta como católico, muitas vezes por identificar status maior nessa religião do que por frequência e crença nos dogmas:

Religião a que pertence			
	Frequência	Percentual	Percentual Válido
Espírita	47	4,6	4,6
Evangélico(a)	235	22,9	22,9
Católico(a) Praticante	446	43,4	43,4
Católico(a) Não Praticante	210	20,4	20,4
Religião do Orixás	9	0,9	0,9
Não tem Religião	54	5,2	5,2
Outra	26	2,6	2,6
Não Respondeu	1	0,01	0,01
Total	1028	100,0	100,0

- A língua portuguesa.

Por mais que grande parte dos habitantes do Brasil ainda não falasse o idioma europeu no século XVIII, a sobreposição do português sobre os dialetos africanos e as línguas indígenas, indica estreita relação entre a dominação econômica portuguesa e a sobreposição cultural dos europeus. A partir da popularização do ensino público no século XX, os parâmetros educacionais não visavam uma democracia

cultural no Brasil. Na verdade, poucas vezes a Educação e a cultura oficial brasileira criaram espaços para a valorização das culturas afro-brasileira ou indígenas, fator mais recorrente nos últimos dez anos, inclusive com deliberações jurídicas.

Porém, aqui vale também ressaltar que centenas de palavras de nossa língua são tributárias do universo linguístico indígena e até afro-brasileira ou mesmo que as variações regionais do português são impressionantes. Não foi uma superposição sem limitações.

- O sincretismo cultural.

Em muitos países a unidade cultural é uma marca forte. No Brasil esse traço seria impossível. Através da resistência escrava e da necessidade em negociar algum grau de autonomia cultural para evitar fugas, suicídios, revoltas, ou seja, grandes prejuízos, os donos de escravos e os agentes portugueses da administração tiveram que tolerar e permitir algumas práticas da cultura africana e afro-brasileira. Esse foi um processo fantástico, na medida em que mostrou a humanização dos escravos e impôs à cultura brasileira um traço mais heterogêneo, apesar do racismo e dos limites sociais de acesso a oportunidades secundarizarem grande parte dessas manifestações. Podemos destacar como marcas que atravessaram os séculos e a rejeição discriminatória de boa parte da sociedade brasileira, manifestações como a capoeira, a feijoada, o candomblé, o samba de raiz, o jongo, entre muitas outras.

Dois aspectos dessa imposição cultural afro-brasileira são ainda mais expressivos:

Na esfera da religiosidade, o preconceito ainda é marcante. As religiões afro-brasileiras ainda não são valorizadas como manifestações legítimas e são vistas e tratadas com muita discriminação. Aliás, o reconhecimento das manifestações culturais afro-brasileiras por parte da sociedade depende muito da utilidade da mesma para as massas. O melhor exemplo está na musicalidade. Os mesmos ritmos que são demonizados nos terreiros, movimentam milhares de brasileiros nas festas regionais e no carnaval. O samba ganhou status, apesar das mesmas raízes históricas e sociais dos terreiros.

Foi a cultura afro-brasileira e a cultura indígena que produziram a maior parte das grandes festas regionais do Brasil. Hoje, são produções múltiplas que fomentam o folclore nacional e associam inúmeras dimensões da cultura brasileira, ou seja, danças, músicas, culinária, literatura, entre tantas outras, em quase todas as regiões, produzindo uma aquarela cultural regionalizada que é vista como uma das maiores riquezas do país.

- O racismo.

Esse traço social é um dos maiores problemas da história do Brasil. Apesar da evolução expressiva nas relações inter-raciais no país, da própria constituição de 1988 combater o racismo como crime inafiançável, ainda existe muita discriminação com a cultura negra e alguns índices sociais apresentam esse problema. Níveis de escolaridade e de renda per capita muito baixo, pouco acesso a moradia, pequeno fluxo

nos círculos de poder e de mídia, tudo isso demonstra o quanto o problema racial se enraizou na organização da sociedade brasileira. Definitivamente a escravidão criou o racismo e a forma como ela foi abolida (Lei Áurea- 1888) não foi suficiente para inverter essa realidade. Muito pelo contrário, nos primórdios da república as manifestações culturais dos negros eram reprimidas e o Estado republicano não organizou nenhuma política de afirmação social para os ex-escravos ou seus descendentes. Faltou emprego, acesso as escolas, saúde pública de qualidade, moradia digna e aceitação social.

Esse fator está na origem do período colonial brasileiro. Com a desvalorização da condição social do escravo (mercadoria, propriedade e mão de obra) e a relação direta entre essa condição e a condição racial deles (negros), surgiu o racismo. O que era produção social dos negros era visto como inferior porque era uma produção cultural escravista.

Vejam os dados abaixo:

“Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelam que dos 22 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha de pobreza extrema ou indigência, 70% são negros. Entre os 53 milhões de pobres do país, 63% são negros.”

“Segundo dados de 2001 sobre a população ocupada de 25 anos ou mais de idade, 41,1% das pessoas brancas que trabalhavam ocupavam empregos formais [empregados (as) com carteira assinada ou funcionários(as)]. No entanto, esse era o caso de apenas 33,1% dos afrodescendentes. Dos empregados sem carteira assinada, 12,3% são de empregados brancos, contra 17,3% de empregados afrodescendentes. Finalmente, notamos que os empregadores brancos totalizavam 7,1% enquanto os afrodescendentes, apenas, 2,8%.”

“Dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e da Justiça revelam que o rendimento médio dos homens brancos é de 6,3 salários mínimos, da mulher branca é de 3,6 SM, do homem negro é de 2,9 SM e da mulher negra 1,7 SM. Ou seja, as mulheres ganham em média metade do que ganham os homens, sendo que as mulheres negras ganham quatro vezes menos que os homens brancos. O emprego doméstico continua sendo a principal fonte de ocupação feminina, sendo que 56% dessa categoria são mulheres negras, no entanto, apenas 1/3 tem seus direitos trabalhistas assegurados.”

É fundamental não criar um discurso unilateral sobre questões raciais e atuar nessa conjuntura com políticas públicas mais amplas, mas não podemos fechar os olhos para as implicações do passado escravista e da inexistência de um planejamento político efetivo para combater os problemas raciais desde a lei áurea. Nesse campo cultural, a questão das cotas é a que tem mais evidência e ganha mais polêmica, mas que ainda está aquém de inverter o quadro apresentado pelos números acima. É preciso ir muito além para criar um país onde realmente a questão racial não seja um critério de acesso ou de oportunidades.

- O Papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) do Romantismo na construção da identidade nacional brasileira no século XIX

Após a independência, o Brasil passava a condição de nação, ao menos no sentido político. Apesar da construção do Estado nacional começar a se configurar com a constituição de 1824 e com o reconheci-

mento externo, o discurso nacional só começou a ganhar forma no II Reinado. Sob o comando de D. Pedro II, o Estado brasileiro passou a construir uma imagem oficial do Brasil através da valorização dos valores nacionais defendidos pelo romantismo e pela publicação da história do Brasil, produção do IHGB, criado naquele momento.

O romantismo no Brasil criou uma cultura genuinamente brasileira. Como uma forma de publicidade do Brasil, os autores brasileiros procuravam expressar uma opinião, um gosto, uma cultura e um jeito autênticos, livres de traços europeus. A valorização da natureza e do índio de forma idealizada abriram caminho para a formação da consciência nacional brasileira, porém uma consciência mitificada e distante dos reais padrões sociais do país. A exaltação da natureza tornou-se a partir desse momento um mecanismo poderoso da mitificação do Brasil. A poesia “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, ecoou como um hino da identidade brasileira.

Trecho: Canção do Exílio

“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores. “

Daí em diante a construção do “Brasil- paraíso”, do “gigante adormecido”, do “país do futuro” se sustenta principalmente pelas belezas naturais do país. Muitos mitos se reproduziram no século XX a partir dessa exaltação da natureza brasileira. Entre os mais populares estão “Amazônia, o pulmão do mundo”, “Rio, a cidade maravilhosa.”, “ Brasil, o país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”. O problema dessa idealização do Brasil apenas pelas belezas naturais é ocultar as questões cotidianas do cenário político e econômico e criar um falso paradigma de desenvolvimento. Natureza sem tecnologia não representa garantia de crescimento positivo para o país.

Marilena Chauí apresenta essa idealização da natureza como um grave problema para a consciência social do brasileiro:

“A bandeira brasileira não exprime a política nem a história. É um símbolo da natureza: floresta, ouro, céu, estrela e ordem. É o Brasil-jardim, o Brasil-paraíso terrestre. O mesmo fenômeno pode ser observado no Hino Nacional, que canta mares mais verdes, céus mais azuis, bosques como as flores e nossa vida de ‘mais amores’. (...) O mito do país-paraíso nos persuade de que nossa identidade e grandeza se acham predeterminadas no plano natural: somos sensuais, alegres e não-violentos.”

(CHAUÍ, Marilena. Folha de São Paulo, 26/03/2000.)

Sem dúvida o maior legado do Romantismo para a formação da identidade brasileira foi a mitificação da natureza, mas o movimento também criou a ideia do índio como herói nacional. A imagem do índio através do romance de José de Alencar como personagem nobre, valoroso e fiel, personifica a imagem do brasileiro que o movimento idealiza e busca romper com as imagens do passado colonial, as imagens que retratam o índio como selvagem. Dentro dessa perspectiva, a obra da Igreja não pode ser crítica como um desrespeito a diferença cultural e sim como regeneradora, uma visão utópica e irreal do passado brasileiro.

O índio romântico é uma absurda invenção literária, sem reconhecimento na história.

Já o IHGB forjou a primeira história do Brasil. Nela os conflitos raciais e as desigualdades não apareciam e a idealização das belezas naturais fundiu-se a promessa do país de todas as raças. Fica difícil de interpretar qual das visões é mais irreal, a do Brasil excelente por natureza ou do Brasil, o país da democracia racial.

“A História do Brasil, a ser escrita pelos membros do IHGB, deveria ressaltar os valores ligados à unidade nacional e à centralização política, colocando a jovem nação brasileira como herdeira e continuadora da tarefa civilizadora portuguesa. A nação, cujo passado o IHGB iria construir, deveria surgir como fruto de uma civilização branca e européia nos trópicos.”

O IHGB não só forjou a identidade nacional, ele sustentou a centralização política da monarquia como uma necessidade para a unidade brasileira.

- Mitos do Brasil República

Em momentos diferentes do século XX, o Estado republicano acelerou o discurso de formação da identidade brasileira. Alienar a população, evitar movimentos sociais de contestação a ordem política, ocultar problemas econômicos, projetar necessidades imediatas de transformações para o futuro. Em cada conjuntura o discurso político serviu para uma finalidade diferente da elite brasileira.

Temos uma sequência de mitos públicos:

- Com Getúlio Vargas consolidou-se o mito do povo trabalhador e a integração nacional começou a ser feita pelo rádio. Só havia dignidade no governo de Getúlio para quem ajudasse o crescimento do país com o suor do trabalho. A criação da carteira de trabalho e a inserção de Vargas como o primeiro trabalhador do Brasil personificava com perfeição o mito.

Getúlio fez da cultura e do rádio o maior veículo de propagação da identificação entre o povo, o Estado, o território e a cultura. Era um momento de modernização do processo de criação de identidade nacional.

- Na Ditadura Militar, o potencial de desenvolvimento estava nas “forças naturais” do país e na importância do ideal de “ordem e progresso”. A partir do paradigma “NINGUÉM SEGURA ESSE PAÍS” o povo brasileiro era portador da capacidade criativa de fazer o país crescer e era colaborador direto do governo por ser cordial, manso e trabalhador. A ditadura construiu um “ufanismo autoritário”. A valorização do futebol como símbolo de unidade também ganhou força nos anos 70. O Brasil era a “pátria de chuteiras.” e a seleção brasileira na copa de 70, o maior expoente da publicidade política sobre a força do

Brasil.

“Noventa milhões em ação/ Pra frente Brasil/ Salve a Seleção/ Todos juntos vamos/ Pra frente Brasil/ Salve a Seleção/ De repente é aquela corrente pra frente/ Todos num só coração”.

E essa valorização não parou mais. Nos anos 80 e 90 o esporte era o maior agregador dos mitos brasileiros. Ayrton Senna da Silva personificou a força do povo brasileiro, “aquele que sofre, mas não desiste”, “que conquista grandes vitórias apesar da dificuldade”.

Esse quadro político precisa ser compreendido de forma crítica. Através de todos esses discursos, as imagens da identidade brasileira legitimam um país maravilhoso e uma população que tudo suporta, visões que em nada colaboram para a formação da cidadania e da democracia plena.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2013/03/identidade-nacional-brasileira-um-mito.html>

E aí, quais as vantagens e desvantagens da indústria cultural?

Pensar a indústria cultural como vantajosa, é dizer que a partir dela mesma e dos meios de comunicação de massa, uma parcela da população, que sempre esteve alheia a fontes de informações, passa a ter possibilidade de maior acesso a tais fontes informativas, o que contribui para uma maior informação do público.

Outro argumento é o fato de que, pela indústria cultural, os diferentes gostos e culturas poderiam ser vistos e encarados de maneira mais sensível e abrangente. Ou seja, os meios de comunicação poderiam estar trabalhando com a temática do multiculturalismo, aproximando os diferentes, culturalmente falando, e diminuindo os entraves causados por tais distinções e preconceitos culturais.

Mas nem tudo parece ser bom...

O lado desvantajoso da indústria cultural é seu caráter coercitivo que se caracteriza na imposição à padronização, pondo em igual patamar todas as diferentes manifestações culturais, ou seja, vende uma imagem de “harmonia” de cultura única, descaracterizando as diferenças.

Outro argumento é quanto à criação de uma falsa necessidade de consumo pelas propagandas, como já discutimos acima. Além de desestimular o público a pensar e refletir a respeito do que vê, uma vez que tudo é traduzido em forma de entretenimento, informação rápida e pronta, torna-se um meio de comunicação alienante, pois a maioria do público em geral que somente tem acesso às “informações-re-lâmpago” é geralmente passivo e não consegue refletir com clareza de detalhes sobre os acontecimentos sociais.

Portanto, devemos ter a consciência de que os produtos veiculados na mídia são, em sua maioria, criados por grupos poderosos e que visam a lucratividade. Essa linha de raciocínio nos leva a imaginar a necessidade de continuar com o processo da industrialização da cultura, porém, não se deve perder a noção

da existência da dominação, ou seja, que há grupos que desejam manipular as massas a comprarem tudo o que vêem e a viverem da maneira que eles, os donos do capital, querem.

A indústria cultural, com suas vantagens e desvantagens, pode ser caracterizada pela transformação da cultura em mercadoria, com produção em série e de baixo custo, para que todos possam ter acesso. É uma indústria como qualquer outra, que deseja o lucro e que trabalha para conquistar o seu cliente, vendendo imagens, seduzindo o seu público a ter necessidades que antes não tinham.

Podemos nos posicionar frente à indústria cultural? A indústria cultural, característica da sociedade contemporânea, deve ser pensada quanto ao seu papel. Torna-se necessária uma reflexão sobre que valores culturais estão sendo veiculados na mídia e a quem eles servem. Uma atitude otimista quanto à cultura de massa pode existir, porém uma atitude crítica deve permear os processos de transmissão e assimilação das informações veiculadas.

FONTE: <https://www.portaldovestibulando.com/2013/03/e-ai-quais-as-vantagens-e-desvantagens.html>

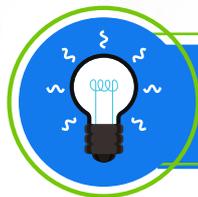


BIO
EXATAS
MS
PRÉ-VESTIBULARES

SOCIOLOGIA

CARLOS IGOR

EXERCÍCIOS



Lista de Exercícios I

01. (Unicamp 2019) Como regime social, o fascismo social pode coexistir com a democracia política liberal. Em vez de sacrificar a democracia às exigências do capitalismo global, trivializa a democracia até o ponto de não ser necessário sacrificá-la para promover o capitalismo. Trata-se, pois, de um fascismo pluralista e, por isso, de uma forma de fascismo que nunca existiu. Podemos estar entrando num período em que as sociedades são politicamente democráticas e socialmente fascistas.

(Adaptado de Boaventura de Sousa Santos, Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 47.)

De acordo com o texto e os conhecimentos sobre o assunto, a coexistência entre fascismo e democracia é

- a) facilitada por processos eleitorais que dão continuidade a fascismos que sempre existiram.
- b) promovida pela aceitação social que banaliza a democracia em favor do capitalismo global.
- c) dificultada por processos eleitorais que renovam a democracia, inviabilizando os fascismos.
- d) possibilitada pela aceitação social de sociedades politicamente fascistas e socialmente democráticas.

02. (Ufsc 2019) [...] embora (Durkheim) esteja correto ao afirmar que os projetos socialistas compartilham da intenção de submeter as atividades econômicas ao controle da sociedade como um todo, ele deixa de lado as razões normativas subjacentes a essa intenção. Os primeiros socialistas exigiam que a esfera econômica fosse submetida às diretivas sociais [...] não só para assegurar uma distribuição mais justa de recursos por meio de uma nova ordem econômica, mas também para assegurar que a produção servisse o propósito moral de retirar da liberdade proclamada pela Revolução Francesa seu caráter meramente privado e egoísta. Ao invés disso, a liberdade deveria ser entendida como uma forma de cooperação livre, para se ajustar, assim, à promessa revolucionária da fraternidade. Visto dessa perspectiva, o movimento socialista tem se baseado numa crítica imanente da ordem capitalista moderna; ele aceita as bases normativas dessa ordem – liberdade, igualdade e fraternidade – mas argumenta que esses valores só são compatíveis entre si se a liberdade for interpretada de maneira menos individualista e mais intersubjetiva.

HONNETH, Axel. The idea of socialis. Cambridge: Polity Press, 2017, p. 13.

Com base no texto acima, é correto afirmar que:

- 01) os ideais da Revolução Francesa – liberdade, igualdade, fraternidade – jamais podem ser aplicados ao projeto socialista.
- 02) a noção de liberdade é incompatível com a noção do socialismo.
- 04) os projetos socialistas defendem uma interpretação menos individualista e mais intersubjetiva da noção de liberdade.

- 08) os projetos socialistas defendem que as atividades econômicas em geral estejam submetidas ao controle da sociedade.
- 16) a ideia de liberdade do autor deve estar associada à noção de cooperação entre os indivíduos, a fim de realizar o ideal da fraternidade.
- 32) os primeiros socialistas aceitavam a ideia de liberdade, mas não aceitavam a ideia de fraternidade.
- 64) os primeiros socialistas defendiam que uma nova ordem econômica asseguraria a distribuição mais justa de recursos.

03. (Famerp 2018) No livro *Investigação sobre a natureza e a causa da riqueza das nações*, publicado em 1776, Adam Smith argumentou que um agente econômico, procurando o lucro, movido pelo seu próprio interesse, acaba favorecendo a sociedade como um todo. Esse ponto de vista é um dos fundamentos

- a) do liberalismo, que dispensou a regulamentação da economia pelo Estado.
- b) do utilitarismo, que defendeu a produção especializada de objetos de consumo.
- c) do corporativismo, que propôs a organização da sociedade em grupos econômicos.
- d) do socialismo, que expôs a contradição entre produção e apropriação de riqueza.
- e) do mercantilismo, que elaborou princípios de protecionismo econômico.

04. (Enem 2017) No período anterior ao golpe militar de 1964, os documentos episcopais indicavam para os bispos que o desenvolvimento econômico, e claramente o desenvolvimento capitalista, orientando-se no sentido da justa distribuição da riqueza, resolveria o problema da miséria rural e, conseqüentemente, suprimiria a possibilidade do proselitismo e da expansão comunista entre os camponeses. Foi nesse sentido que o golpe de Estado, de 31 de março de 1964, foi acolhido pela igreja.

MARTINS, J. S. A política do Brasil: lúmpen e místico. São Paulo: Contexto. 2011 (adaptado).

Em que pesem as divergências no interior do clero após a instalação da ditadura civil-militar, o posicionamento mencionado no texto fundamentou-se no entendimento da hierarquia católica de que o(a)

- a) luta de classes é estimulada pelo livre mercado.
- b) poder oligárquico é limitado pela ação do Exército.
- c) doutrina cristã é beneficiada pelo atraso do interior.
- d) espaço político é dominado pelo interesse empresarial.
- e) manipulação ideológica é favorecida pela privação material.

05. (Unesp 2017) Texto 1

O professor não se aproveitará da audiência cativa dos estudantes para promover os seus próprios interesses, opiniões ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias. Ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma jus-

ta – isto é com a mesma profundidade e seriedade –, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito. O professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.

www.programaescolasempartido.org. Adaptado.

Texto 2

Ciências sempre incluem controvérsias, mesmo física e química. Se não ensinamos isso também, ensinamos errado. E o mesmo vale para história e sociologia – o professor precisa ensinar Karl Marx, mas também Adam Smith e Émile Durkheim. Mas o conhecimento que precisa ser passado é essencialmente científico – o que não inclui o criacionismo, que é uma teoria religiosa. Com todo respeito, mas família é família, e sociedade é sociedade: a família pode ter crenças de preconceito homofóbico ou contra a mulher, por exemplo, e não se pode deixar que um jovem nunca seja exposto a um ponto de vista diferente desses. Ele tem que ser exposto a outros valores.

Renato Janine Ribeiro. <https://educacao.uol.com.br>, 21.07.2016. Adaptado.

O confronto entre os dois textos permite concluir corretamente que

- a) ambos atribuem a mesma importância à fé religiosa e à ciência como fundamentos educativos.
- b) ambos defendem o relativismo no campo dos valores morais, valorizando a aceitação das diferenças.
- c) as duas abordagens valorizam a doutrinação ideológica do professor sobre o aluno no campo educativo.
- d) o texto 1 assume uma posição moralmente conservadora, enquanto o texto 2 defende uma educação pluralista.
- e) o texto 1 é contrário a preconceitos morais, enquanto o texto 2 denuncia o cientificismo na educação.

06. (Unesp 2017) Texto 1

Nunca houve no mundo tanta gente vivendo com suas necessidades básicas atendidas, nunca uma porcentagem tão alta da população mundial viveu fora da miséria – uma vitória espetacular, num planeta com 7 bilhões de habitantes. Nunca houve menos fome. Nunca tantos tiveram tanta educação nem tanto acesso à saúde.

José Roberto Guzzo. “Um mundo de angústias”. Veja, 25.01.2017.

Texto 2

Mais sóbrio – e talvez mais pessimista – é olhar para quanto cada grupo se apropriou do crescimento total: os 10% mais ricos da população global se apropriaram de 60% de todo o crescimento do mundo entre 1988 e 2008. Uma grande massa de população melhorou de vida, é verdade, mas o que esse dado demonstra é que poderia ter melhorado muito mais se o resultado do crescimento não terminasse tão concentrado nas mãos dos ricos. O que está em jogo é mais do que dinheiro. Em um mundo globalizado, os estados nacionais perdem força. Um grupo pequeno de pessoas com muita riqueza tem grande poder de colocar as cartas a seu favor. Em casos extremos, a desigualdade é uma

ameaça à democracia.

Marcelo Medeiros. “O mundo é o lugar mais desigual do mundo”. <http://piaui.folha.uol.com.br>, junho de 2016. Adaptado.

O confronto entre os dois textos permite concluir corretamente que

- a) ambos manifestam um ponto de vista liberal em termos ideológicos, pois repercutem as vantagens da valorização do livre mercado e da meritocracia.
- b) o texto 1 pressupõe concordância com o liberalismo econômico, enquanto o texto 2 integra problemas econômicos com tendências de retrocesso político.
- c) o texto 1 critica o progresso entendido como aperfeiçoamento contínuo da humanidade, enquanto o texto 2 valoriza a globalização econômica.
- d) ambos apresentam um enfoque crítico e negativo sobre os efeitos do neoliberalismo econômico e suas fortes tendências de diminuição dos gastos públicos.
- e) ambos manifestam um ponto de vista socialista em termos ideológicos, pois enfatizam a necessidade de diminuição da concentração de renda mundial.

07. (Enem PPL 2017) TEXTO I

Frantz Fanon publicou pela primeira vez, em 1952, seu estudo sobre colonialismo e racismo, *Pele negra, máscaras brancas*. Ao dizer que “para o negro, há somente um destino” e que esse destino é branco, Fanon revelou que as aspirações de muitos povos colonizados foram formadas pelo pensamento colonial predominante.

BUCKINGHAM, W. et al. O livro da filosofia. São Paulo: Globo, 2011 (adaptado).

TEXTO II

Mesmo que não queiramos cobrar desses estabelecimentos (salões de beleza) uma eficácia política nos moldes tradicionais da militância, uma vez que são estabelecimentos comerciais e não entidades do movimento negro, o fato é que, ao se autodenominarem “étnicos” e se apregoarem como divulgadores de uma autoimagem positiva do negro em uma sociedade racista, os salões se colocam no cerne de uma luta política e ideológica.

GOMES, N. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Disponível em: www.rizoma.ufsc.br. Acesso em: 13 fev. 2013.

Os textos apresentam uma mudança relevante na constituição identitária frente à discriminação racial. No Brasil, o desdobramento dessa mudança revela o(a)

- a) valorização de traços culturais.
- b) utilização de resistência violenta.
- c) fortalecimento da organização partidária.

- d) enfraquecimento dos vínculos comunitários.
- e) aceitação de estruturas de submissão social.

08. (Uema 2016) Hoje, tudo que chamam de “reformas” constitui de fato um conjunto de recuos sucessivos em matéria de direitos sociais, de proteção aos assalariados, com privilégios para os poderosos e prerrogativas ampliadas para o grande patronato. Isso provoca no povo uma rejeição de qualquer ideia de “reforma”, pois ele pressente que em nome dessa palavra mágica vão lhe pedir novos sacrifícios.

DION, Jack. A esquerda esqueceu do povo (entrevista). In: Carta Capital. Ano XXI. Nº 850.

O texto retrata a visão de uma corrente político-ideológico, que tende a exercer o controle sobre a sociedade, denominada de

- a) Comunismo.
- b) Democracia.
- c) Neoliberalismo.
- d) Aristocracia.
- e) Socialismo.

09. (Unisc 2016) Anarquismo é uma corrente de pensamento com variadas expressões no pensamento filosófico e político. Os anarquistas têm em comum a defesa da liberdade pessoal, da participação direta dos cidadãos em todos os assuntos políticos e a recusa às diferentes formas de autoridade e de governo. São contrários à representação política e à delegação de poder. Entendem que a ordem social não requer a existência de governo. Há um segundo sentido do termo, comum na linguagem popular, em que anarquista significa ser apoiador da desordem e do caos.

Dicionário de Filosofia Política, Edunisinos, 2010.

Considerando o primeiro sentido, próprio do pensamento filosófico e político, assinale a alternativa condizente com a visão anarquista.

- a) Voto universal e eleições diretas para todos os cargos governamentais.
- b) Cooperativas e sindicatos de trabalhadores.
- c) Organização terrorista anticapitalista, militarizada e hierarquizada, tipo Al-Qaeda.
- d) Parlamentos livres (de deputados, senadores ou vereadores).
- e) Democracia representativa.

10. (Uem-pas 2015) Valéria Pilão informa que, por ocasião da Copa do Mundo de 1970, durante a ditadura militar estabelecida no país, Miguel Gustavo compôs a canção “Pra frente Brasil”, que incitava:

“Noventa milhões em ação

Pra frente Brasil do meu coração

Todos juntos vamos

Pra frente Brasil

Salve a seleção (...)”

(PILÃO, Valéria. Movimento estudantil. In: LORENSETTI, Everaldo et al. Sociologia: ensino médio. Curitiba: SEED-PR, 2006, p. 275)

Levando em consideração o conteúdo do trecho citado e o contexto em que a música foi elaborada, é correto afirmar que:

- 01) o compositor, com suas palavras, dá a entender um descontentamento com o regime político.
- 02) a canção dirige-se à população brasileira, estimulando sentimentos de grandiosidade nacionalista.
- 04) a letra cria uma identificação entre a nação e a seleção, como se a vitória desta significasse avanço daquela.
- 08) o compositor busca estimular os sentimentos críticos dos jogadores e da comissão técnica, em relação ao momento político vivenciado pelo país.
- 16) a letra, apesar de tratar de futebol, tema pelo qual o brasileiro é apaixonado, fala do assunto de modo imparcial, sereno.

**Lista de Exercícios II**

01. (Uem 2018) Auguste Comte (1798-1857), a quem se atribui a formulação do termo Sociologia, foi o principal representante e sistematizador do Positivismo. Acerca do pensamento comteano, é correto afirmar que

- 01) considerava os problemas sociais malefícios do desenvolvimento econômico das sociedades industriais.
- 02) teve grande influência sobre o pensamento social brasileiro do século XIX e início do XX.
- 04) a inspiração para o método de investigação dos fenômenos sociais de Comte veio das ciências da natureza.
- 08) era uma tentativa de constituição de um método objetivo para a observação dos fenômenos sociais.
- 16) considerava o progresso e a evolução social um princípio da história humana.

02. (Upe-ssa 1 2018) Leia os textos a seguir:

TEXTO I

Convicto de que a reorganização da sociedade exigiria a elaboração de uma nova maneira de conhecer a realidade, Comte procurou estabelecer os princípios que deveriam nortear os conhecimentos humanos. Seu ponto de partida era a ciência e o avanço que ela vinha obtendo em todos os campos de investigação. (...) O advento da sociologia representava para Comte o coroamento da evolução do conhecimento científico, já constituído em várias áreas do saber.

MARTINS, Carlos Benedito. O que é Sociologia. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 44.

TEXTO II

O conjunto da nova filosofia tenderá sempre a fazer sobressair, tanto na vida ativa como na especulativa, a ligação de cada um a todos, sob uma série de aspectos diversos, de modo a tornar involuntariamente familiar o sentimento íntimo da solidariedade social, (...) Não somente a ativa busca do bem público será sempre privada, será sempre representada como a maneira mais conveniente de assegurar a felicidade privada; mas, por uma influência (...) dos pendores generosos, se tornará a principal fonte da felicidade pessoal.

COMTE, August. Discurso sobre o espírito positivo. São Paulo: Escala, s/d, p. 74.

A Revolução Industrial e a Revolução Francesa impulsionaram o surgimento da Sociologia como ciência voltada para compreender as novas relações entre as pessoas. Essas relações envolviam agora um complexo de hábitos e costumes e eram provocadas por causa da maneira de se produzirem e se consumirem os excedentes na Europa do século XIX. Sobre esse período da Sociologia e com base na concepção apresentada nos textos I e II, é CORRETO afirmar que

- a) a Sociologia foi chamada de física social e deveria utilizar os métodos da filosofia teológica como instrumento de compreensão da sociedade.
- b) as investigações sociológicas deveriam utilizar os mesmos procedimentos das ciências naturais, ou seja, a observação, a experimentação e a comparação.
- c) o positivismo foi a corrente filosófica, que fundamentou o surgimento da Sociologia como ciência da sociedade, pois tinha uma visão metafísica das relações entre as pessoas.
- d) o principal representante da Sociologia nesse período foi August Comte, que tinha uma visão positiva de sociedade, ou seja, uma reflexão sobre a essência e o significado abstrato das relações sociais.
- e) as ideias de Comte tinham como objetivo encontrar leis universais para explicar as relações sociais, com base nos princípios de subjetividade e parcialidade, utilizados pelas ciências da natureza.

03. (Uel 2016) A ordem e o progresso constituem partes fundamentais da Sociologia de Auguste Comte.

Com base nas ideias comteanas, assinale a alternativa correta.

- a) A ordem social total se estabelece de acordo com as leis da natureza, e as possíveis deficiências existentes podem ser retificadas mediante a intervenção racional dos seres humanos.
- b) A liberdade de opinião e a diferença entre os indivíduos são fundamentos da solidariedade na formação da estática social; essa diversidade produz vantagens para a evolução, em comparação com a homogeneidade.
- c) O desenvolvimento das forças produtivas é a base para o progresso e segue uma linha reta, sem oscilações e, portanto, a interferência humana é incapaz de alterar sua direção ou velocidade.
- d) O progresso da sociedade, em conformidade com as leis naturais, é resultado da competição entre os indivíduos, com base no princípio de justiça de que os mais aptos recebem as maiores recompensas.
- e) O progresso da sociedade é a lei natural da dinâmica social e, considerado em sua fase intelectual, é expresso pela evolução de três estados básicos e sucessivos: o doméstico, o coletivo e o universal.

04. (Uel 2015) Leia o texto a seguir.

Até o século XVIII, a maioria dos campos de conhecimento, hoje enquadrados sob o rótulo de ciências, era ainda, como na Antiguidade Clássica, parte integral dos grandes sistemas filosóficos. A constituição de saberes autônomos, organizados em disciplinas específicas, como a Biologia ou a própria Sociologia, envolverá, de uma forma ou de outra, a progressiva reflexão filosófica, como a liberdade e a razão.

Adaptado de: QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. O.; OLIVEIRA, M. G. M. Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p.12.

Com base nos conhecimentos sobre o surgimento da Sociologia, assinale a alternativa que apresenta, corretamente, a relação entre conhecimento sociológico de Auguste Comte e as ideias iluministas.

- a) A ideia de desenvolvimento pela revolução social foi defendida pelo Iluminismo, que influenciou o Positivismo.
- b) A crença na razão como promotora do progresso da sociedade foi compartilhada pelo Iluminismo e pelo Positivismo.
- c) O Iluminismo forneceu os princípios e as bases teóricas da luta de classes para a formulação do Positivismo.
- d) O reconhecimento da validade do conhecimento teológico para explicar a realidade social é um ponto comum entre o Iluminismo e o Positivismo.
- e) Os limites e as contradições do progresso para a liberdade humana foram apontados pelo Iluminismo e aceitos pelo Positivismo.

05. (Ueg 2013) A sociologia nasce no séc. XIX após as revoluções burguesas sob o signo do positivismo elaborado por Auguste Comte. As características do pensamento comtiano são:

- a) a sociedade é regida por leis sociais tal como a natureza é regida por leis naturais; as ciências humanas devem utilizar os mesmos métodos das ciências naturais e a ciência deve ser neutra.
- b) a sociedade humana atravessa três estágios sucessivos de evolução: o metafísico, o empírico e o teológico, no qual predomina a religião positivista.
- c) a sociologia como ciência da sociedade, ao contrário das ciências naturais, não pode ser neutra porque tanto o sujeito quanto o objeto são sociais e estão envolvidos reciprocamente.
- d) o processo de evolução social ocorre por meio da unidade entre ordem e progresso, o que necessariamente levaria a uma sociedade comunista.

06. (Uema 2012) Auguste Comte, Karl Marx e Émile Durkheim são considerados os grandes pilares da Sociologia como ciência burguesa. Nessa época, a Sociologia, para se afirmar no campo das ciências, adotou o Positivismo. Assinale a assertiva que melhor expressa o sentido do Positivismo sociológico.

- a) Busca da complexidade e dualidade – sociedade concebida como prenhe de conflitos e contradições; há uma circularidade entre todo e parte, ou seja, um determina o outro simultaneamente.
- b) Busca da objetividade e neutralidade – sociedade concebida como um organismo combinado de partes integradas e coesas que funcionam harmoniosamente, de acordo com um modelo físico ou mecânico de organização.
- c) Busca da singularidade e objetividade – sociedade concebida como mutável, visto que não há homem e nem sociedade ideal isolados na natureza, mas ambos conjugados concretamente a um momento histórico definido.
- d) Busca da complexidade e singularidade – sociedade e seus sistemas não atemporais. Privilégio da parte sobre o todo.
- e) Busca de subjetividade e pluralidade – sociedade é uma verdadeira máquina organizada, cujas partes, todas elas, contribuem de uma maneira diferente para o avanço do conjunto, adequando-se às demandas do mercado.

07. (Ufrgs 2012) Tanto Augusto Comte quanto Karl Marx identificam imperfeições na sociedade industrial capitalista, embora cheguem a conclusões bem diferentes: para o positivismo de Comte, os conflitos entre trabalhadores e empresários são fenômenos secundários, deficiências, cuja correção é relativamente fácil, enquanto, para Karl Marx, os conflitos entre proletários e burgueses são o fato mais importante das sociedades modernas. A respeito das concepções teóricas desses autores, é CORRETO afirmar:

- a) Comte pensava que a organização científica da sociedade industrial levaria a atribuir a cada indivíduo um lugar proporcional à sua capacidade, realizando-se assim a justiça social.
- b) Comte considera que a partir do momento em que os homens pensam cientificamente, a atividade principal das coletividades passa a ser a luta de classes que leva necessariamente à resolução de todos os conflitos.
- c) Marx acredita que a história humana é feita de consensos e implica, por um lado, o antagonismo entre opressores e oprimidos; por outro lado, tende a uma polarização em dois blocos: burgueses e proletários.
- d) Para Karl Marx, o caráter contraditório do capitalismo manifesta-se no fato de que o crescimento dos meios de produção se traduz na elevação do nível de vida da maioria dos trabalhadores embora não elimine as desigualdades sociais.
- e) Tanto Augusto Comte quanto Karl Marx concordam que a sociedade capitalista industrial expressa a predominância de um tipo de solidariedade, que classificam como orgânica, cujas características se refletem diretamente em suas instituições.

08. (Unioeste 2012) ,A filosofia da História – o primeiro tema da filosofia de Augusto Comte – foi sistematizada pelo próprio Comte na célebre “Lei dos Três Estados” e tinha o objetivo de mostrar por que o pensamento positivista deve imperar entre os homens. Sobre a “Lei do Três Estados” formulada por Comte, é correto afirmar que

- a) Augusto Comte demonstra com essa lei que todas as ciências e o espírito humano desenvolvem-se na seguinte ordem em três fases distintas ao longo da história: a positiva, a teológica e a metafísica.
- b) na “Lei dos Três Estados” a argumentação desempenha um papel de primeiro plano no estado teológico. O estado teológico, na sua visão, corresponde a uma etapa posterior ao estado positivo.
- c) o estado teológico, segundo está formulada na “Lei dos Três Estados”, não tem o poder de tornar a sociedade mais coesa e nenhum papel na fundamentação da vida moral.
- d) o estado positivista apresenta-se na “Lei dos Três Estados” como o momento em que a observação prevalece sobre a imaginação e a argumentação, e na busca de leis imutáveis nos fenômenos observáveis.
- e) para Comte, o estado metafísico não tem contato com o estado teológico, pois somente o estado metafísico procura soluções absolutas e universais para os problemas do homem.

09. (Unimontes 2012) Auguste Comte (1798-1857) foi um pensador positivista que propôs uma nova ciência social à Sociologia, que inicialmente foi chamada de Física Social. Sobre os princípios dessa ciência para esse autor, analise as afirmativas e assinale as alternativas, marcando V para verdadeiro ou F para falso.

- () No estágio positivo, a vida social será explicada pela filosofia, triunfando sobre todas as outras formas de pensamento.
- () A imposição da disciplina era, para os positivistas, uma função primordial da escola, pois ali os membros de uma sociedade aprenderiam, desde pequenos, a importância da obediência e da hierarquia.
- () A maturidade do espírito seria encontrada na ciência; por isso, na escola de inspiração positivista, os estudos literários e artísticos prevalecem sobre os científicos.
- () Defendeu a necessidade de substituir a educação europeia, ainda essencialmente teológica, metafísica e literária, por uma educação positiva, conforme o espírito da civilização moderna.

A sequência correta é

- a) F,V,V.F.
- b) F,V,F,V.
- c) V,F,F,F.
- d) V,V,V,F.

10. (Ufu 1998) Sobre o positivismo, como uma das formas de pensamento social, podemos afirmar que

- I. é a primeira corrente teórica do pensamento sociológico preocupada em definir o objeto, estabelecer conceitos e definir uma metodologia.
- II. derivou-se da crença no poder absoluto e exclusivo da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis naturais.
- III. foi um pensamento predominante na Alemanha, no século XIX, nascido principalmente de correntes filosóficas da Ilustração.
- IV. nele, a sociedade foi concebida como um organismo constituído de partes integradas e coisas que funcionam harmoniosamente, segundo um modelo físico ou mecânico.

- a) II, III e IV estão corretas. b) I, II e III estão corretas.
- c) I, II e IV estão corretas.
- d) I e III estão corretas.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

11. (Unicentro 2011) Para Augusto Comte, uma das funções da Sociologia ou Física Social era encontrar leis sociais que conduzissem o progresso da humanidade. Sobre os estágios do progresso social discutidos pelo autor, é correto afirmar:

- a) O estágio teológico nega a existência de apenas uma explicação divina para os fenômenos naturais e sociais.
- b) O positivismo é o estágio superior do progresso social, porque se sustenta nos métodos científicos.
- c) O estágio mais simples é o mítico, seguido pelo teológico e pelo científico, que é o mais elaborado.
- d) O primeiro estágio do conhecimento é o metafísico, em que conceitos abstratos explicam o mundo.
- e) A Europa exemplificava uma sociedade em estado de desenvolvimento teológico.

12. (Uncisal 2011) O lema “Prever para Prover” é inspirado no pensamento social do pensador da sociologia:

- a) Auguste Comte.
- b) Max Weber.
- c) Karl Marx.
- d) Rui Barbosa.
- e) Joaquim Nabuco.

**Lista de Exercícios III**

01. (Unesp 2019) Por muitíssimo tempo escreveu-se a história sem se preocupar com as mulheres. No século XII assim como hoje, masculino e feminino não andam um sem o outro. As damas de Guínes e as damas de Ardres tiveram todas por marido um ás da guerra, senhor de uma fortaleza que seu mais remoto ancestral havia edificado.

(Georges Duby. Damas do século XII: a lembrança das ancestrais, 1997. Adaptado.)

O texto trata de relações desenvolvidas num meio social específico, durante a Idade Média ocidental. Nele,

- a) as mulheres passavam a maior parte de seu tempo nas igrejas, o que incluía o trabalho de orientação religiosa, e os homens atravessavam as noites em tabernas e restaurantes.
- b) os homens controlavam os espaços públicos, o que incluía as ações militares, e as mulheres, confinadas ao espaço doméstico, eram associadas à maternidade e, ocasionalmente, à santidade.
- c) os homens responsabilizavam-se pelos assuntos culturais, o que incluía a instrução dos filhos, e as mulheres dedicavam-se ao preparo das refeições cotidianas e, ocasionalmente, de banquetes.
- d) as mulheres eram obrigadas a pagar impostos, o que incluía o dízimo, e os homens, livres de qualquer tributo, conseguiam acumular mais bens e, ocasionalmente, enriquecer.
- e) os homens dedicavam-se ao comércio, o que incluía deslocamentos para regiões afastadas de casa, e as mulheres incumbiam-se do trabalho nas lavouras e, ocasionalmente, na forja de metais.

02. (Udesc 2019) Vários foram os movimentos sociais que ganharam força e visibilidade a partir dos anos 60. O movimento feminista é, reconhecidamente, um deles. As questões de gênero, bastante debatidas nos dias atuais, advêm das pautas e das reivindicações deste movimento.

A respeito das questões de gênero e com base nas informações acima, assinale a alternativa correta.

- a) As discussões sobre gênero visam instaurar uma supremacia do feminino sobre o masculino.
- b) As relações de gênero são fundamentadas, exclusivamente, na biologia e podem ser compreendidas como sinônimo de “sexo”.
- c) As chamadas relações de gênero são constituídas por elementos de ordem política, econômica e social.
- d) As questões de gênero desconsideram os aspectos históricos, que fundamentam uma sociedade.
- e) As questões de gênero não possuem relação com os movimentos feministas.

03. (Uerj 2017) O século XXI tem assistido à ampliação do debate acerca das uniões homoafetivas, o que possibilitou algumas mudanças, como a observada no quadro.

		LEGALIZAÇÃO DE UNIÕES HOMOAFETIVAS									
Ano	2000	2003	2005	2006	2009	2010	2012	2013		2014	2015
País	Paises Baixos	Bélgica	Canadá Espanha	África do Sul	Noruega Suécia	Argentina Portugal Islândia	Dinamarca	Brasil França Inglaterra Nova Zelândia Pais de Gales Uruguai	Escócia Luxemburgo	Estados Unidos Finlândia Irlanda México	

Adaptado de hypescience.com.

Essa mudança de costumes expressa principalmente o reconhecimento do seguinte princípio entre os direitos humanos:

- a) inclusão política
- b) diversidade cultural
- c) uniformidade jurídica
- d) igualdade econômica

04. (Uel 2017) Observe a figura e leia o texto a seguir.



Orlan, *Autorretrato*, fotografia digital, 2004.

Orlan foi a primeira artista a utilizar a cirurgia estética nas suas performances com a intenção de transformar a operação em um evento artístico e não obter um resultado final que adequasse seu rosto aos padrões de beleza vigentes. A figura faz parte de uma série de autorretratos produzidos a partir da apropriação de práticas de intervenções corporais provenientes de outras tradições e da hibridização do seu rosto com imagens de registros etnográficos, por meio da manipulação digital. Esses autorretratos buscam o mesmo apelo visual que as propagandas de produtos de beleza.

Adaptado de Entrevista: “Orlan, artiste: Mon corps est devenu un lieu public de débat”.

(Orlan, artista: Meu corpo se tornou um lugar público de debate). In: Le Monde. Paris, 22 abr. 2009.

Com base na figura e no texto, considere as afirmativas a seguir.

I. Ao evidenciar a falta de um padrão universal de beleza feminina, Orlan indica que a beleza é construída socialmente.

II. Orlan, ao problematizar o estatuto do corpo e da beleza nas sociedades de culturas tradicionais, questiona os padrões de beleza da sociedade ocidental contemporânea.

III. Ao recorrer às imagens e às práticas de intervenções corporais de outras culturas, Orlan revela que o que é considerado feio diz respeito às culturas tradicionais.

IV. O processo de hibridização da imagem do rosto de Orlan com máscaras africanas, ou outras representações, visa à constituição de um novo conceito de beleza.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

05. (Enem 2017) A participação da mulher no processo de decisão política ainda é extremamente limitada em praticamente todos os países, independentemente do regime econômico e social e da estrutura institucional vigente em cada um deles. É fato público e notório, além de empiricamente comprovado, que as mulheres estão em geral sub-representadas nos órgãos do poder, pois a proporção não corresponde jamais ao peso relativo dessa parte da população.

TABAK, F. Mulheres públicas: participação política e poder. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2002.

No âmbito do Poder Legislativo brasileiro, a tentativa de reverter esse quadro de sub-representação tem envolvido a implementação, pelo Estado, de

- a) leis de combate à violência doméstica.
- b) cotas de gênero nas candidaturas partidárias.
- c) programas de mobilização política nas escolas.
- d) propagandas de incentivo ao voto consciente.
- e) apoio financeiro às lideranças femininas.

06. (Enem PPL 2017) No Brasil, assim como em vários outros países, os modernos movimentos LGBT representam um desafio às formas de condenação e perseguição social contra desejos e comportamentos sexuais anticonvencionais associados à vergonha, imoralidade, pecado, degeneração, doença. Falar do movimento LGBT implica, portanto, chamar a atenção para a sexualidade como fonte de estigmas, intolerância, opressão.

In: BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M. Cidadania, um projeto em construção. São Paulo: Claro Enigma, 2012 (adaptado).

O movimento social abordado justifica-se pela defesa do direito de

- a) organização sindical.
- b) participação partidária.
- c) manifestação religiosa.
- d) formação profissional.
- e) afirmação identitária.

07. (Uel 2016) Leia o texto a seguir.

Inevitavelmente, nós consideramos a sociedade um lugar de conspiração, que engole o irmão que muitas de nós temos razões de respeitar na vida privada, e impõe em seu lugar um macho monstruoso, de voz tonitruante, de pulso rude, que, de forma pueril, inscreve no chão signos em giz, místicas linhas de demarcação, entre as quais os seres humanos ficam fixados, rígidos, separados, artificiais. Lugares em que, ornado de ouro ou de púrpura, enfeitado de plumas como um selvagem, ele realiza seus ritos místicos e usufrui dos prazeres suspeitos do poder e da dominação, enquanto nós, “suas” mulheres, nos vemos fechadas na casa da família, sem que nos seja dado participar de nenhuma das numerosas sociedades de que se compõe a sociedade.

(WOOLF, V. *Trois Guinées*. Paris: Éditions des Femmes, 1997. p.200. apud Bourdieu, P. *A Dominação Masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p.4.)

Em sua obra, Virginia Woolf reflete sobre a condição social das mulheres. Tal condição foi historicamente abordada com base no pensamento binário, a exemplo da díade masculino-feminino, também presente na oposição entre ordem e caos, o que pode ser encontrado em diferentes culturas e no pensamento científico. O binarismo, no entanto, é uma forma de racionalização da vida social criticada por diferentes correntes teóricas.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre as críticas ao pensamento binário aplicado às explicações das relações sociais de gênero, considere as afirmativas a seguir.

I. Nesse trecho, Virginia Woolf invoca o paradigma do construtivismo social e entende que os posicionamentos sociais das mulheres e dos homens são fruto de forças sociais que tendem a transcender as vontades individuais e a gerar opressões.

II. Para Virginia Woolf, as separações entre o mundo dos homens e o mundo das mulheres são intransponíveis, havendo correspondência real entre as representações sociais e as práticas dos sujeitos empreendidas na experiência concreta.

III. As evidências de que diferentes sociedades atribuem posição de domínio ao masculino fornecem a comprovação de que os valores culturais são determinados pelas diferenças biológicas entre os sexos, o que se expressa em uma cultura universal.

IV. Pelos exemplos históricos conhecidos, os esquemas binários de representação do masculino e do feminino produzem hierarquias entre esses dois termos, de modo a reservar um status superior aos atributos classificados como masculinos.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

08. (Uema 2016) Um dos fenômenos sociais de destaque nos estudos sociológicos são as instituições sociais. Conceituadas como “toda forma ou estrutura social estabelecida, constituída, sedimentada na sociedade e com caráter normativo – ou seja, ela define regras e exerce formas de controle social”. Por isso, mudanças nas instituições sociais geralmente envolvem disputas entre conservadores e progressistas.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. Introdução à Sociologia. São Paulo: Ática, 2008.

A situação que tem gerado disputa ideológica na sociedade brasileira tanto no discurso de senso comum como nas instâncias de poder, em virtude do processo de mudança na formatação da instituição social denominada de família, é

- a) a comemoração ao divórcio.
- b) o casamento religioso entre viúvos.
- c) a união estável para os casais idosos.
- d) a adoção de crianças por casais do mesmo sexo.
- e) a perda da guarda dos filhos por abandono de incapaz.

09. (Enem 2016) Texto I



Tradução: "As mulheres do futuro farão da Lua um lugar mais limpo para se viver".

Disponível em: www.propagandashistoricas.com.br. Acesso em: 16 out. 2015.

Texto II

Metade da nova equipe da NASA é composta por mulheres

Até hoje, cerca de 350 astronautas americanos já estiveram no espaço, enquanto as mulheres não chegam a ser um terço desse número. Após o anúncio da turma composta 50% por mulheres, alguns internautas escreveram comentários machistas e desrespeitosos sobre a escolha nas redes sociais.

Disponível em: <https://catracalivre.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2016.

A comparação entre o anúncio publicitário de 1968 e a repercussão da notícia de 2016 mostra a

- a) elitização da carreira científica.
- b) qualificação da atividade doméstica.
- c) ambição de indústrias patrocinadoras.
- d) manutenção de estereótipos de gênero.
- e) equiparação de papéis nas relações familiares.

10. (Unioeste 2016) No dia 22 de junho de 2015, a Assembleia Legislativa do Paraná colocou como pauta de discussão o debate sobre a “ideologia de gênero” nas escolas do Paraná. Sabe-se que o conceito de gênero é fundamental para a compreensão das desigualdades entre homens e mulheres e coloca em xeque as atribuições relacionais que a sociedade constrói para homens e mulheres. Dada a repercussão do tema e a relevância da temática, é CORRETO afirmar sobre questões de gênero.

- a) O debate sobre gênero na educação interessa apenas aos homens e para as pessoas que só têm atração sexual por pessoas do sexo oposto.
- b) Nas concepções sobre gênero, o sexo biológico corresponde a uma identidade cultural que se mantém inalterada até o final da vida.
- c) A identidade de gênero é determinada biologicamente e não pode ser modificada pela cultura, pelo meio social, pela educação nem por todas as relações sociais que fazem parte da vida dos indivíduos.
- d) A compreensão da temática de gênero perpassa um sistema de relações de poder, baseadas em um conjunto de papéis, identidade, comportamentos e estereótipos atribuídos a mulheres e homens.
- e) As relações de gênero não estão ligadas a contextos de relações de poder e desigualdade, ao contrário das relações travadas entre as classes sociais e os grupos étnicos.

**Lista de Exercícios IV**

01. (Ufu 2017) A Secretaria Municipal da Saúde de Curitiba alerta pais e responsáveis por crianças e adolescentes e os profissionais da educação e saúde em relação ao ‘jogo’ Baleia Azul, que propõe 50 desafios aos participantes e sugere o suicídio como última etapa.

Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/noticias/curitiba-regiao/jogo-baleia-azul-deixa-curitiba-em-alerta-oito-ja-brincaram-com-morte/>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

Esse foi um dos alertas, nos últimos meses, relacionados ao “jogo Baleia Azul” e à possibilidade de suicídios de adolescentes (13 a 17 anos) ligadas a ele.

Pode-se realizar uma relação desses possíveis suicídios com os tipos de suicídios de Durkheim, pois, para esse pensador, os indivíduos são determinados pela realidade coletiva.

Assim, os suicídios gerados pelo “jogo” seriam classificados como:

- a) Suicídio egoísta.
- b) Suicídio anômico.
- c) Suicídio etnocêntrico.
- d) Suicídio cultural.

02. (Ufu 2016) A Sociologia surge no século XIX, momento marcado por uma intensa crise social na Europa. Émile Durkheim não deixou de ser influenciado por esse contexto. Nesse sentido, um dos seus objetivos era fazer da Sociologia uma disciplina científica capaz de criar repostas aos desafios enfrentados pela sociedade moderna.

Entre os desafios, colocava-se a crescente contradição entre capital e trabalho, entendida pelo autor como um exemplo dos efeitos de um estado de anomia, caracterizado

- a) pela excessiva regulamentação estatal sobre as atividades econômicas.
- b) pela intensificação dos laços de solidariedade mecânica no interior das corporações.
- c) pela ausência de instituições capazes de exercerem um poder moral sobre os indivíduos.
- d) pelo aprofundamento da desigualdade econômica.

03. (Ufu 2016) Em 1987, a então Primeira-Ministra da Grã-Bretanha, Margaret Thatcher, deu uma declaração durante uma entrevista que resumia, em parte, o seu ideário político liberal: “A sociedade não existe. Existem homens, existem mulheres e existem famílias”.

O governo de Thatcher ficaria conhecido como um dos precursores do chamado Estado neoliberal, que enfatizava, entre outros ideais, o individualismo. Assim, esta concepção de governo contradiz os fundamentos da Sociologia de Durkheim, segundo o qual a sociedade poderia ser identificada

- a) como a soma de indivíduos que definem seus valores em comum, unindo-se por laços de solidariedade voluntária.
- b) a partir da existência de um contrato social que dá origem ao Estado e à sociedade civil.
- c) como o resultado da ação da classe dominante, capaz de reunir e controlar as massas.
- d) pela síntese de ações e sentimentos individuais que originam uma vida psíquica sui generis.

04. (Ueg 2016) O objeto de estudo da sociologia, para Durkheim, é o fato social, que deve ser tratado como “coisa” e o sociólogo deve afastar suas prenoções e preconceitos. A construção durkheimiana do objeto de estudo da sociologia pode ser considerada

- a) positivista, pois se fundamenta na busca de objetividade e neutralidade.
- b) dialética, pois reconhece a existência de uma realidade exterior ao pesquisador.
- c) kantiana, pois trata da “coisa em si” e realiza a coisificação da realidade.
- d) nietzschiana, pois coloca a “vontade de poder” como fundamento para a pesquisa.
- e) weberiana, pois aborda a ação social racional atribuída por um sujeito.

05. (Unioeste 2015) “Solidariedade orgânica” e “solidariedade mecânica” são conceitos propostos pelo sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) para explicar a ‘coesão social’ em diferentes tipos de sociedade. De acordo com as teses desse estudioso, nas sociedades ocidentais modernas, prevalece a ‘solidariedade orgânica’, onde os indivíduos se percebem diferentes embora dependentes uns dos outros. A lógica do mercado capitalista, entretanto, baseada na competição individualista em busca do lucro, pode corromper os vínculos de solidariedade que asseguram a coesão social e conduzir a uma situação de ‘anomia’.

De acordo com os postulados de Durkheim, é CORRETO dizer que o conceito de “anomia” indica

- a) a necessidade de todos demonstrarem solidariedade com os mais necessitados.
- b) uma situação na qual aqueles indivíduos portadores de um senso moral superior devem se colocar como líderes dos grupos dos quais fazem parte.
- c) a condição na qual os indivíduos não se identificam como membros de um grupo que compartilha as mesmas regras e normas e têm dificuldades para distinguir, por exemplo, o certo do errado e o justo do injusto.

- d) o consumismo exacerbado das novas gerações, representado pelo aumento do número de shopping centers nas cidades.
- e) a solidariedade que as pessoas demonstram quando entoam cantos nacionalistas e patrióticos em manifestações públicas como os jogos das seleções nacionais de futebol.

06. (Unimontes 2015) Coube a Émile Durkheim (1858-1917) a institucionalização da Sociologia como disciplina acadêmica. Para o sociólogo clássico francês, a sociedade moderna implica uma diferenciação substancial de funções e ocupações profissionais. Sobre as análises desse autor, é CORRETO afirmar:

- a) O problema social é estritamente econômico e depende de vontades individuais.
- b) O desenvolvimento da sociedade moderna deve passar por um processo de ruptura social e permanente anomia.
- c) A questão social é também um problema de moralização e organização consciente da vida econômica.
- d) Para Durkheim, na sociedade moderna não há possibilidades de desenvolvimento das coletividades, por necessitar de novos pactos políticos dos governantes.

07. (Ufu 2015) A concepção da Sociologia de Durkheim se baseia em uma teoria do fato social. Seu objetivo é demonstrar que pode e deve existir uma Sociologia objetiva e científica, conforme o modelo das outras ciências, tendo por objeto o fato social.

ARON, R. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 336.

Em vista do exposto, assinale a alternativa correta.

- a) Durkheim demonstrou que o fato social está desconectado dos padrões de comportamento culturais do indivíduo em sociedade e, portanto, deve ser usado para explicar apenas alguns tipos de sociedade.
- b) Segundo Durkheim, a primeira regra, e a mais fundamental, é considerar os fatos sociais como coisas para serem analisadas.
- c) O estado normal da sociedade para Durkheim é o estado de anomia, quando todos os indivíduos exercem bem os fatos sociais.
- d) A solidariedade orgânica, para Durkheim, possui pequena divisão do trabalho social, como pode ser demonstrada pela análise dos fatos sociais da sociedade.

08. (Uel 2014) A cidade desempenha papel fundamental no pensamento de Émile Durkheim, tanto por exprimir o desenvolvimento das formas de integração quanto por intensificar a divisão do trabalho social a ela ligada. Com base nos conhecimentos acerca da divisão de trabalho social nesse autor, assinale a alternativa correta.

- a) A crescente divisão do trabalho com o intercâmbio livre de funções no espaço urbano torna obsoleta a presença de instituições.
- b) A solidariedade orgânica é compatível com a sociedade de classes, pois a vida social necessita de trabalhos diferenciados.
- c) Ao criar seres indiferenciados socialmente, o “homem massa”, as cidades recriam a solidariedade mecânica em detrimento da solidariedade orgânica.
- d) O efeito principal da divisão do trabalho é o aumento da desintegração social em razão de trabalhos parcelares e independentes.
- e) O equilíbrio e a coesão social produzidos pela crescente divisão do trabalho decorrem das vontades e das consciências individuais.

09. (Uncisal 2012) O modo de vestir determina a identidade de grupos sociais, simboliza o poder e comunica o status dos indivíduos. Seu caráter institucional assume grande importância à medida que inclui ou exclui indivíduos de categorias ou estratos sociais. Ele exemplifica bem aquilo que Durkheim afirmava ser o objeto de estudo dos sociólogos: uma representação coletiva que além de ser válida para todos os indivíduos que fazem parte de um determinado grupo, expressa a exterioridade e a coercitividade. Assinale nas opções a seguir aquela que apresenta o objeto de estudo da Sociologia segundo Durkheim.

- a) Fatos sociais.
- b) Expressões culturais.
- c) Ações sociais.
- d) Estruturas políticas.
- e) Relações sociais.

10. (Unioeste 2012) Émile Durkheim é considerado um dos fundadores das Ciências Sociais e entre as suas diversas obras se destacam “As Regras do Método Sociológico”, “O Suicídio” e “Da Divisão do Trabalho Social”. Sobre este último estudo, é correto afirmar que

- a) a divisão do trabalho possui um importante papel social. Muito além do aumento da produtividade econômica, a divisão garante a coesão social ao possibilitar o surgimento de um tipo específico de solidariedade.
- b) a solidariedade mecânica é o resultado do desenvolvimento da industrialização, que garantiu uma robotização dos comportamentos humanos.
- c) a solidariedade orgânica refere-se às relações sociais estabelecidas nas sociedades mais tradicionais. O nome remete ao entendimento da harmonia existentes nas comunidades de menor taxa demográfica.
- d) indiferente dos tipos de solidariedade predominantes, o crime necessita ser punido por representar uma ofensa às liberdades e à consciência individual existente em cada ser humano.
- e) a consciência coletiva está vinculada exclusivamente às ações sociais filantrópicas estabelecidas pelos indivíduos na contemporaneidade, não tendo nenhuma relação com tradições e valores morais comuns.

**Lista de Exercícios V**

01. (Enem 2017) Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 27 abr. 2017.

A persistência das reivindicações relativas à aplicação desse preceito normativo tem em vista a vinculação histórica fundamental entre

- a) etnia e miscigenação racial.
- b) sociedade e igualdade jurídica.
- c) espaço e sobrevivência cultural.
- d) progresso e educação ambiental.
- e) bem-estar e modernização econômica.

02. (Enem 2017) Fala-se muito nos dias de hoje em direitos do homem. Pois bem: foi no século XVIII — em 1789, precisamente — que uma Assembleia Constituinte produziu e proclamou em Paris a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Essa Declaração se impôs como necessária para um grupo de revolucionários, por ter sido preparada por uma mudança no plano das ideias e das mentalidades: o iluminismo.

FORTES, L. R. S. O Iluminismo e os reis filósofos. São Paulo: Brasiliense, 1981 (adaptado).

Correlacionando temporalidades históricas, o texto apresenta uma concepção de pensamento que tem como uma de suas bases a

- a) modernização da educação escolar.
- b) atualização da disciplina moral cristã.
- c) divulgação de costumes aristocráticos.
- d) socialização do conhecimento científico.
- e) universalização do princípio da igualdade civil.

03. (Unisinos 2017) A legislação trabalhista vigente no Brasil, neste início do século XXI, foi construída ao longo de quase 200 anos, dentro e fora do Brasil. Nesse processo, é correto afirmar que

I. a Inglaterra é o berço do movimento sindical e aliou-o à luta por conquistas trabalhistas e direitos políticos. Entre os principais movimentos de trabalhadores ingleses do século XIX, encontram-se o Ludismo, o Cartismo, o Trade Unions;

II. o Tratado de Versalhes garantiu a criação da Organização Internacional de Trabalho (OIT). A OIT formula e aplica normas internacionais – convenções e recomendações. As convenções, uma vez ratificadas por decisão soberana de um país, passam a fazer parte de seu ordenamento jurídico. O Brasil é membro fundador da OIT e participa da Conferência Internacional do Trabalho desde a primeira reunião;

III. no Brasil, as longas lutas por direitos trabalhistas têm, entre seus marcos, as Greves de 1906 e 1917, que foram lideradas pelos movimentos anarquistas e tinham na pauta a luta contra a carestia, as melhorias gerais das condições de trabalho, a jornada de trabalho de 8 horas, o fim do trabalho infantil, as férias remuneradas, a aposentadoria.

IV. as reivindicações dos trabalhadores brasileiros foram reconhecidas pela formulação e implementação da CLT, por decreto do Presidente Getúlio Vargas, em 1943. Os direitos foram ampliados até chegar-se à chamada Constituição Cidadã de 1988, que equiparou a CLT brasileira às dos países mais desenvolvidos socialmente.

Sobre as proposições acima, pode-se afirmar que

- a) apenas I está correta.
- b) apenas IV está correta.
- c) apenas I e III estão corretas.
- d) apenas II e III estão corretas.
- e) I, II, III e IV estão corretas.

04. (Uern 2013) Cidadania e cidadão são palavras que vêm do latim “civitas”. O termo indicava a convivência das pessoas que participavam das decisões sobre os rumos da sociedade.

(Cotrim, Gilberto. 1955. História Global – Brasil e Geral. Volume único. 8ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 81.)

A história cumpre o papel de educar as novas gerações com concepções, ideias e informações consideradas válidas, adequadas ou corretas, segundo consensos mínimos que vão se construindo nas gerações anteriores e se legitimando ao longo do tempo. O conceito e a prática de cidadania são exemplos disso. Acerca do sentido atual do conceito de cidadania e do papel da história na construção desse conceito, assinale a afirmativa correta.

- a) Ao longo do século passado, através das mudanças sociopolíticas ocorridas principalmente no Brasil, o conceito de cidadania se destituiu totalmente do sentido social, passando a ser um ato puramente individual.
- b) Ser cidadão hoje é apenas estar em dia com suas obrigações eleitorais, mantendo-se informado sobre os pleitos e os trâmites das eleições, já que a palavra cidadania é sinônimo de “política” enquanto forma de governo.
- c) Na atual conjuntura, a partir de discussões constantes e uma educação mais intensa e democrática, o termo cidadania ganha um sentido mais amplo de participação na vida social e, principalmente, de legitimidade de direitos e deveres.
- d) A partir dos conceitos históricos que vão sendo deflagrados a cada período e em cada cultura específica, o conceito de cidadania perde o sentido inicial e passa a ser sinônimo de condição socioeconômica, ou seja, o cidadão e quem detém poder.

05. (Unesp 2012) Se um governo quer reduzir o índice de abortos e o risco para as mulheres em idade reprodutiva, não deveria proibi-los, nem restringir demais os casos em que é permitido. Um estudo publicado em “The Lancet” revela que o índice de abortos é menor nos países com leis mais permissivas, e é maior onde a intervenção é ilegal ou muito limitada. “Aprovar leis restritivas não reduz o índice de abortos”, afirma Gilda Sedgh (Instituto Guttmacher, Nova York), líder do estudo, “mas sim aumenta a morte de mulheres”. “Condenar, estigmatizar e criminalizar o aborto são estratégias cruéis e falidas”, afirma Richard Horton, diretor de “The Lancet”. “É preciso investir mais em planejamento familiar”, pediu a pesquisadora, que assina o estudo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Os seis autores concluem que “as leis restritivas não estão associadas a taxas menores de abortos”. Por exemplo, o sul da África, onde a África do Sul, que o legalizou em 1997, é dominante, tem a taxa mais baixa do continente.

(<http://noticias.uol.com.br>, 22.01.2012. Adaptado.)

Na reportagem, o tema do aborto é tratado sob um ponto de vista

- a) fundamentalista-religioso, defendendo a validade de sua proibição por motivos morais.
- b) político-ideológico, assumindo um viés ateu e materialista sobre essa questão.
- c) econômico, considerando as despesas estatais na área da saúde pública em todo o mundo.
- d) filosófico-feminista, defendendo a autonomia da mulher na relação com o próprio corpo.
- e) estatístico, analisando a ineficácia das restrições legais que proíbem o aborto.

06. (Uerj simulado 2018) “Direitos Humanos” é uma daquelas expressões que, por sua amplitude, tem sido usada de várias maneiras e a serviço de diversas ideologias. Cada um que queira definir quais são os direitos, cada qual que queira estabelecer seu padrão do “humano”.

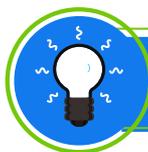
No Brasil, por exemplo, a mídia relaciona a dita expressão quase sempre com a questão policial, atribuindo-lhe um sentido negativo de estímulo à impunidade. Essa imagem, além de reducionista, por desprezar outras dimensões como a dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (DESCs) e a dos Direitos de Solidariedade, é também falsa. No particular da luta contra a tortura, o que se defende não é o “criminoso”, mas a pessoa, independentemente de quem seja e de que título carregue: assassino, estuproador, menor infrator, policial, governador...

Não se milita pela impunidade, mas pelo respeito às garantias mínimas estabelecidas em nossa Constituição, por um sistema prisional mais ressocializador, por uma polícia que transmita menos medo e mais segurança. Luta-se também contra a impunidade daqueles que se julgam acima da lei.

Adaptado de fundacaomargaridaalves.org.br, 06/09/2006.

A expressão analisada no texto tem como fundamento o seguinte princípio iluminista:

- a) legítima defesa
- b) igualdade jurídica
- c) soberania popular
- d) liberdade individual



Lista de Exercícios VI

01. (Enem) Ninguém nasce mulher; torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Na década de 1960, a proposição de Simone de Beauvoir contribuiu para estruturar um movimento social que teve como marca o(a)

- a) ação do Poder Judiciário para criminalizar a violência sexual.
- b) pressão do Poder Legislativo para impedir a dupla jornada de trabalho.
- c) organização de protestos públicos para garantir a igualdade de gênero.
- d) oposição de grupos religiosos para impedir os casamentos homoafetivos.
- e) estabelecimento de políticas governamentais para promover ações afirmativas.

02. (Ufu) A sociedade contemporânea abriga inúmeros e diversificados movimentos sociais, dentre eles, os movimentos feministas que visam à transformação da situação feminina e das relações entre mulheres e homens na sociedade, em diversos aspectos.

A despeito de suas diversas configurações – liberal, socialista, radical, pós-moderna etc., são bandeiras comuns às diversas agendas feministas

- a) a luta contra a discriminação sexual no trabalho, o combate à violência de gênero e a elaboração de uma grande teoria capaz de aglutinar as mulheres e unificá-las no bojo da categoria universal “mulher”.
- b) a luta contra as desigualdades assentadas sobre as diferenças sexuais dos sujeitos sociais; a igualdade de oportunidades para mulheres e homens; o combate à violência de gênero.
- c) o combate à violência de gênero; a luta pela preservação de guetos ocupacionais femininos e masculinos; a defesa de direitos sexuais e reprodutivos.
- d) o combate à propriedade privada como mecanismo de opressão de gênero; a defesa de direitos sexuais e reprodutivos; a luta contra a discriminação no trabalho.

03. (Ucs) Apesar de todas as mudanças sociais, culturais, econômicas, políticas, dos meios de comunicação e de valores ocorridas no século XX, a discriminação da mulher é ainda um fato comum na sociedade atual.

Considere as seguintes afirmações sobre o papel da mulher na sociedade brasileira.

I. Getúlio Vargas, em 1934, promulgou uma Constituição que dava às mulheres o direito de voto e o direito de serem votadas.

II. A participação feminina na população economicamente ativa, a partir da década de 60, teve um aumento significativo, devido à necessidade de as mulheres trabalharem fora de casa para ajudar no orçamento familiar.

III. As mulheres organizaram várias ONGs feministas, na década de 80, para terem participação na vida social e política nacional, e nessa década foi criado o Conselho Nacional da Condição Feminina, ligado ao Ministério da Justiça.

Das afirmações acima,

- a) apenas I está correta.
- b) apenas II está correta.
- c) apenas III está correta.
- d) apenas II e III estão corretas.
- e) I, II e III estão corretas.

04. (Uel) “Em geral, o feminismo veio demonstrar que a opressão tem muitas faces, uma das quais é a opressão das mulheres por via da discriminação sexual. Ao privilegiar a opressão de classe, o marxismo secundarizou e, no fundo, ocultou a opressão sexual e, nessa medida, o seu projeto emancipatório ficou irremediavelmente truncado. [...] Se para as feministas marxistas, a primazia explicativa das classes é admissível desde que seja articulada com o poder e a política sexual, para a maioria das correntes feministas não é possível estabelecer, em geral, a primazia das classes sobre o sexo ou sobre outro fator de poder e de desigualdade e algumas feministas radicais atribuem mesmo a primazia explicativa ao poder sexual.”

(SOUZA S., Boaventura. Pela mão de Alice, o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1996. p. 41.)

De acordo com o texto, é correto afirmar:

- a) A teoria marxista das classes, como explicação das relações de gênero, é o fundamento dos movimentos feministas.
- b) Ao priorizar a opressão de classe, o marxismo eclipsou a opressão feminina, destituindo-a de sua relevância social.
- c) As feministas marxistas defendem a primazia do poder sexual sobre a de classes.
- d) O feminismo radical, ao explicitar a discriminação sexual como forma de opressão, fortaleceu o entendimento marxista da sociedade.
- e) O projeto emancipatório das feministas teve significativo impulso após a adoção do marxismo enquanto

modelo explicativo da opressão feminina.

05. (Ufu) A luta das mulheres, no Brasil, por igualdade de condições com os homens no mercado de trabalho apresenta hoje os seguintes resultados:

- I. crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho.
- II. predomínio da igualdade salarial entre homens e mulheres que executam as mesmas tarefas.
- III. ocupação, pela mulher, de cargos de direção nas empresas em proporções iguais às do homem.
- IV. qualificação profissional da mão de obra feminina em ritmo acelerado.

Selecione a alternativa correta.

- a) I, II e III
- b) I e IV
- c) II, III e IV
- d) III e IV

**Lista de Exercícios VII**

1. (Enem 2016) A linhagem dos primeiros críticos ambientais brasileiros não praticou o elogio laudatório da beleza e da grandeza do meio natural brasileiro. O meio natural foi elogiado por sua riqueza e potencial econômico, sendo sua destruição interpretada como um signo de atraso, ignorância e falta de cuidado.

PADUA, J. A. Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Zahar, 2002 (adaptado).

Descrevendo a posição dos críticos ambientais brasileiros dos séculos XVIII e XIX, o autor demonstra que, via de regra, eles viam o meio natural como

- a) ferramenta essencial para o avanço da nação.
- b) dádiva divina para o desenvolvimento industrial.
- c) paisagem privilegiada para a valorização fundiária.
- d) limitação topográfica para a promoção da urbanização.
- e) obstáculo climático para o estabelecimento da civilização.

2. (Uea 2014)



Disponível em <http://engenhariacivilemeioambiente.blogspot.com.br/>

A questão colocada em debate pela charge é

- a) o desenvolvimento que não pode ser alcançado com a presença de áreas verdes.
- b) a falta de materiais de proteção individual para as pessoas próximas às caçambas.
- c) o caráter efêmero das construções civis que um dia serão destruídas.
- d) a situação precária dos trabalhadores ligados ao transporte de carga no Brasil.
- e) o descarte irregular de lixo e os impactos ambientais e sociais implicados.

3. (Fgv 2016) Em junho de 2015, o Papa Francisco tornou pública a encíclica Laudato sí (Louvado sejas), na qual trata do meio ambiente e da atual crise ecológica, conforme trecho a seguir.

O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. De fato, a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta: “Tanto a experiência comum da vida quotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres”. Por exemplo (...), a poluição da água afeta particularmente os mais pobres que não têm possibilidades de comprar água engarrafada, e a elevação do nível do mar afeta principalmente as populações costeiras mais pobres que não têm para onde se transferir. O impacto dos desequilíbrios atuais manifesta-se também na morte prematura de muitos pobres, nos conflitos gerados pela falta de recursos e em muitos outros problemas que não têm espaço suficiente nas agendas mundiais.

Apud http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

No trecho selecionado da encíclica, o papa estabelece

- a) a relação entre a desigualdade social e a fragilidade do equilíbrio ecológico planetário.
- b) o vínculo entre a responsabilidade humana no aquecimento global e a elevação do nível do mar.
- c) a interdependência entre o desenvolvimento tecnológico e o progresso material e moral.
- d) o papel da política internacional para o uso responsável das fontes hídricas.
- e) a importância de preservar o bem comum, sobretudo a água potável.

4. (Enem 2015) Diante de ameaças surgidas com a engenharia genética de alimentos, vários grupos da sociedade civil conceberam o chamado “princípio da precaução”. O fundamento desse princípio é: quando uma tecnologia ou produto comporta alguma ameaça à saúde ou ao ambiente, ainda que não se possa avaliar a natureza precisa ou a magnitude do dano que venha a ser causado por eles, deve-se evitá-los ou deixá-los de quarentena para maiores estudos e avaliações antes de sua liberação.

SEVCENKO, N. A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa. São Paulo: Cia. das Letras, 2001 (adaptado).

O texto expõe uma tendência representativa do pensamento social contemporâneo, na qual o desenvolvimento de mecanismos de acautelamento ou administração de riscos tem como objetivo

- a) priorizar os interesses econômicos em relação aos seres humanos e à natureza.
- b) negar a perspectiva científica e suas conquistas por causa de riscos ecológicos.
- c) instituir o diálogo público sobre mudanças tecnológicas e suas consequências.
- d) combater a introdução de tecnologias para travar o curso das mudanças sociais.
- e) romper o equilíbrio entre benefícios e riscos do avanço tecnológico e científico.

5. (Enem 2015) A questão ambiental, uma das principais pautas contemporâneas, possibilitou o surgimento de concepções políticas diversas, dentre as quais se destaca a preservação ambiental, que sugere uma ideia de intocabilidade da natureza e impede o seu aproveitamento econômico sob qualquer justificativa.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A globalização da natureza e a natureza da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 (adaptado).

Considerando as atuais concepções políticas sobre a questão ambiental, a dinâmica caracterizada no texto quanto à proteção do meio ambiente está baseada na

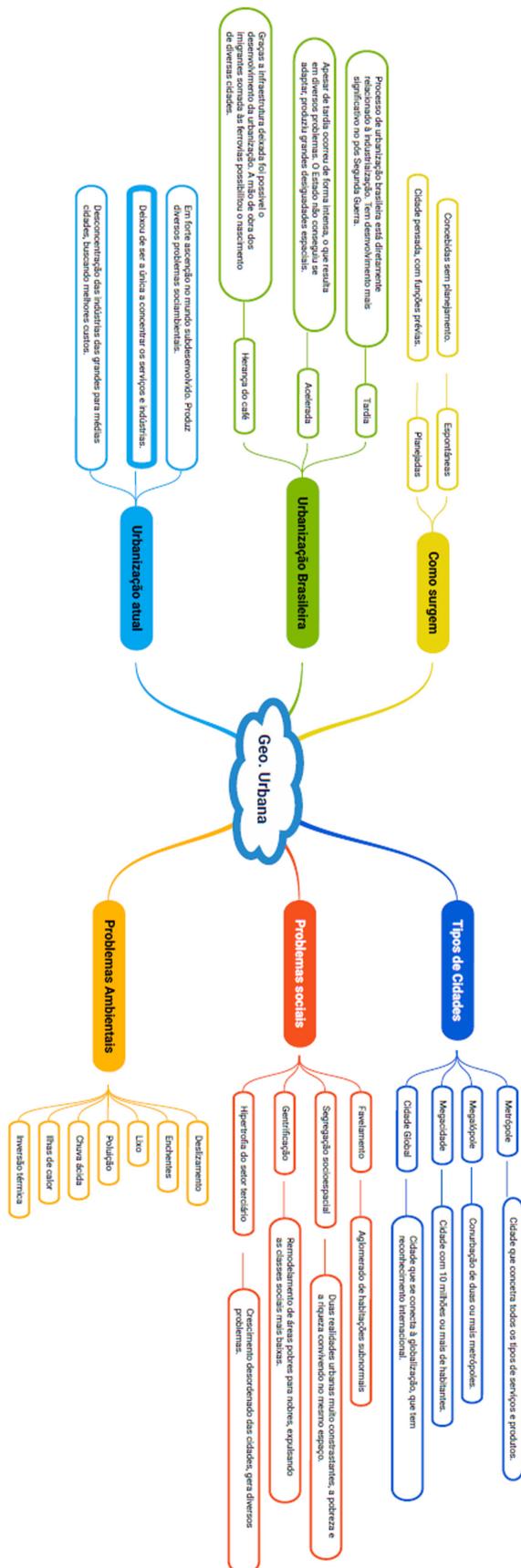
- a) prática econômica sustentável.
- b) contenção de impactos ambientais.
- c) utilização progressiva dos recursos naturais.
- d) proibição permanente da exploração da natureza.
- e) definição de áreas prioritárias para a exploração econômica.



BIO
EXATAS
MS
PRÉ-VESTIBULARES

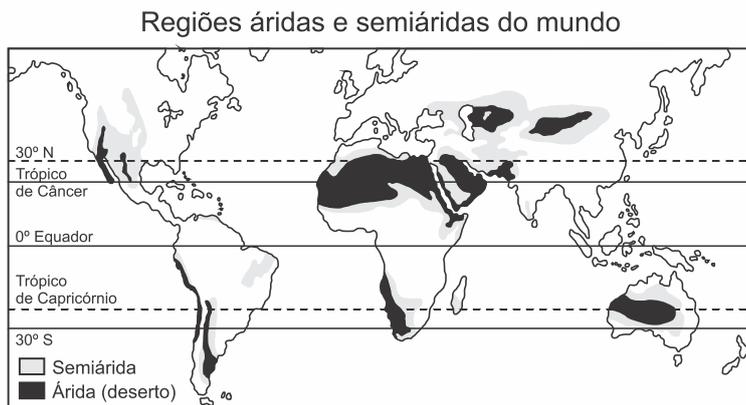
GEOGRAFIA

MARIVALDO



**ENEM 2019/2020**

1. (Enem 2019)



SALGADO-LABOURIAL, M.L., *História ecológica da Terra*.
São Paulo: Edgard Blucher, 1994 (adaptado).

No Hemisfério Sul, a sequência latitudinal dos desertos representada na imagem sofre uma interrupção no Brasil devido à seguinte razão:

- Existência de superfícies de intensa refletividade.
- Preponderância de altas pressões atmosféricas.
- Influência de umidade das áreas florestais.
- Predomínio de correntes marinhas frias.
- Ausência de massas de ar continentais.

2. (Enem 2019) A comunidade de Mumbuca, em Minas Gerais, tem uma organização coletiva de tal forma expressiva que coopera para o abastecimento de mantimentos da cidade do Jequitinhonha, o que pode ser atestado pela feira aos sábados. Em Campinho da Independência, no Rio de Janeiro, o artesanato local encanta os frequentadores do litoral sul do estado, além do restaurante quilombola que atende aos turistas.

ALMEIDA, A. W. B. (Org.). *Cadernos de debates nova cartografia social: Territórios quilombolas e conflitos*. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; UEA Edições, 2010 (adaptado).

No texto, as estratégias territoriais dos grupos de remanescentes de quilombo visam garantir:

- a) Perdão de dívidas fiscais.
- b) Reserva de mercado local.
- c) Inserção econômica regional.
- d) Protecionismo comercial tarifário.
- e) Benefícios assistenciais públicos.

3. (Enem 2019) Tratava-se agora de construir um ritmo novo. Para tanto, era necessário convocar todas as forças vivas da Nação, todos os homens que, com vontade de trabalhar e confiança no futuro, pudessem erguer, num tempo novo, um novo Tempo. E, à grande convocação que conclamava o povo para a gigantesca tarefa, começaram a chegar de todos os cantos da imensa pátria os trabalhadores: os homens simples e quietos, com pés de raiz, rostos de couro e mãos de pedra, e no calcanho, em carro de boi, em lombo de burro, em paus-de-arara, por todas as formas possíveis e imagináveis, em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria... Terra de sol, Terra de luz... Brasil! Brasil! Brasília!

MORAES, V.; JOBIM, A. C. Brasília, sinfonia da alvorada. III – A chegada dos candangos. Disponível em: www.viniciusdemoraes.com.br. Acesso em: 14 ago. 2012 (adaptado).

No texto, a narrativa produzida sobre a construção de Brasília articula os elementos políticos e socioeconômicos indicados, respectivamente, em:

- a) Apelo simbólico e migração inter-regional.
- b) Organização sindical e expansão do capital.
- c) Segurança territorial e estabilidade financeira.
- d) Consenso partidário e modernização rodoviária.
- e) Perspectiva democrática e eficácia dos transportes.

4. (Enem 2019) Localizado a 160 km da cidade de Porto Velho (capital do estado de Rondônia), nos limites da Reserva Extrativista Jaci-Paraná e Terra Indígena Karipunas, o povoado de União Bandeirantes surgiu em 2000 a partir de movimentos de camponeses, madeireiros, pecuaristas e grileiros que, à revelia do ordenamento territorial e diante da passividade governamental, demarcaram e invadiram terras na área rural fundando a vila. Atualmente, constitui-se na região de maior produção agrícola e leiteira do município de Porto Velho, fornecendo, inclusive, alimentos para a Hidrelétrica de Jirau.

SILVA, R. G. C. Amazônia globalizada – o exemplo de Rondônia. *Confins*, n. 23, 2015 (adaptado).

A dinâmica de ocupação territorial descrita foi decorrente da

- a) mecanização do processo produtivo.
- b) adoção da colonização dirigida.
- c) realização de reforma agrária.
- d) ampliação de franjas urbanas.
- e) expansão de frentes pioneiras.

5. (Enem 2019)



Disponível em: <https://hypescience.com>.
Acesso em: 1 dez. 2018 (adaptado).

A divisão política do mundo como apresentada na imagem seria possível caso o planeta fosse marcado pela estabilidade do(a)

- a) ciclo hidrológico.
- b) processo erosivo.
- c) estrutura geológica.
- d) índice pluviométrico.
- e) pressão atmosférica.

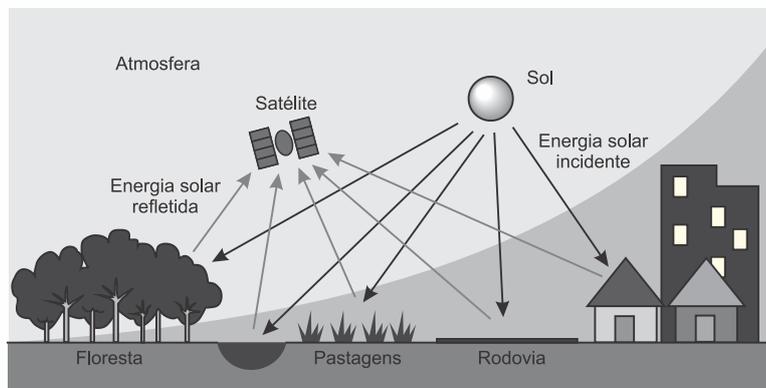
6. (Enem 2019) A pegada ecológica gigante que estamos a deixar no planeta está a transformá-lo de tal forma que os especialistas consideram que já entramos numa nova época geológica, o Antropoceno. E muitos defendem que, se não travarmos a crise ambiental, mais rapidamente transformaremos a Terra em Vênus do que iremos a Marte. A expressão “Antropoceno” é atribuída ao químico e prêmio Nobel Paul Crutzen, que a propôs durante uma conferência em 2000, ao mesmo tempo que anunciou o fim do Holoceno – a época geológica em que os seres humanos se encontram há cerca de 12 mil anos, segundo a União Internacional das Ciências Geológicas (UICG), a entidade que define as unidades de tempo geológicas.

SILVA, R. D. Antropoceno: e se formos os últimos seres vivos a alterar a Terra? Disponível em: www.publico.pt. Acesso em: 5 dez. 2017 (adaptado).

A concepção apresentada considera a existência de uma nova época geológica concebida a partir da capacidade de influência humana nos processos:

- a) eruptivos.
- b) exógenos.
- c) tectônicos.
- d) magmáticos.
- e) metamórficos.

7. (Enem 2019)



Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 11 dez. 2018 (adaptado).

A geração de imagens por meio da tecnologia ilustrada depende da variação do(a):

- a) Albedo dos corpos físicos.
- b) Profundidade do lençol freático.
- c) Campo de magnetismo terrestre.
- d) Qualidade dos recursos minerais.
- e) Movimento de translação planetária.

8. (Enem 2019) **Os moradores de Utqiagvik passaram dois meses quase totalmente na escuridão**

Os habitantes desta pequena cidade no Alasca – o estado dos Estados Unidos mais ao norte – já estão acostumados a longas noites sem ver a luz do dia. Em 18 de novembro de 2018, seus pouco mais de 4 mil habitantes viram o último pôr do sol do ano. A oportunidade seguinte para ver a luz do dia ocorreu no dia 23 de janeiro de 2019, às 13 h 04 min (horário local).

Disponível em: www.bbc.com. Acesso em: 16 maio 2019 (adaptado).

O fenômeno descrito está relacionado ao fato de a cidade citada ter uma posição geográfica condicionada pela

- a) continentalidade.
- b) maritimidade.
- c) longitude.
- d) latitude.
- e) altitude.

9. (Enem 2019) O bônus demográfico é caracterizado pelo período em que, por causa da redução do número de filhos por mulher, a estrutura populacional fica favorável ao crescimento econômico. Isso acontece porque há proporcionalmente menos crianças na população, e o percentual de idosos ainda não é alto.

GOIS, A. O Globo, 5 abr. 2015 (adaptado).

A ação estatal que contribui para o aproveitamento do bônus demográfico é o estímulo à

- a) atração de imigrantes.
- b) elevação da carga tributária.
- c) qualificação da mão de obra.
- d) admissão de exilados políticos.
- e) concessão de aposentadorias.

10. (Enem 2019) A reestruturação global da indústria, condicionada pelas estratégias de gestão global da cadeia de valor dos grandes grupos transnacionais, promoveu um forte deslocamento do processo produtivo, até mesmo de plantas industriais inteiras, e redirecionou os fluxos de produção e de investimento. Entretanto, o aumento da participação dos países em desenvolvimento no produto global deu-se de forma bastante assimétrica quando se compara o dinamismo dos países do leste asiático com o dos demais países, sobretudo os latino-americanos, no período 1980-2000.

SARTI, F.; HIRATUKA, C. Indústria mundial: mudanças e tendências recentes. Campinas: Unicamp, n. 186, dez. 2010.

A dinâmica de transformação da geografia das indústrias descrita expõe a complementaridade entre dispersão espacial e

- a) autonomia tecnológica.
- b) crises de abastecimento.
- c) descentralização política.
- d) concentração econômica.
- e) compartilhamento de lucros.

11. (Enem 2019) O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) está investigando o extermínio de abelhas por intoxicação por agrotóxicos em colmeias de São Paulo e Minas Gerias. Os estudos com inseticidas do tipo neonicotinoides devem estar concluídos no primeiro semestre de 2015. Trata-se de um problema de escala mundial, presente, inclusive, em países do chamado primeiro mundo, e que traz, como consequência, grave ameaça aos seres vivos do planeta, inclusive ao homem.

IBAMA. *Polinizadores em risco de extinção são ameaça à vida do ser humano*. Disponível em: www.mma.gov.br. Acesso em: 10 mar. 2014.

Qual solução para o problema apresentado garante a produtividade da agricultura moderna?

- a) Preservação da área de mata ciliar.
- b) Adoção da prática de adubação química.
- c) Utilização da técnica de controle biológico.
- d) Ampliação do modelo de monocultura tropical.
- e) Intensificação da drenagem do solo de várzea.

12. (Enem 2019) A fome não é um problema técnico, pois ela não se deve à falta de alimentos, isso porque a fome convive hoje com as condições materiais para resolvê-la.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Geografia da riqueza, fome e meio ambiente. In: OLIVEIRA, A. U.; MARQUES, M. I. M. (Org.). *O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social*. São Paulo: Casa Amarela; Paz e Terra, 2004 (adaptado).

O texto demonstra que o problema alimentar apresentado tem uma dimensão política por estar associado ao(à)

- a) escala de produtividade regional.
- b) padrão de distribuição de renda.
- c) dificuldade de armazenamento de grãos.
- d) crescimento da população mundial.
- e) custo de escoamento dos produtos.

13. (Enem 2019) No sistema capitalista, as muitas manifestações de crise criam condições que forçam a algum tipo de racionalização. Em geral, essas crises periódicas têm o efeito de expandir a capacidade produtiva e de renovar as condições de acumulação. Podemos conceber cada crise como uma mudança do processo de acumulação para um nível novo e superior.

HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005 (adaptado).

A condição para a inclusão dos trabalhadores no novo processo produtivo descrito no texto é a

- a) associação sindical.
- b) participação eleitoral.
- c) migração internacional.
- d) qualificação profissional.
- e) regulamentação funcional.

14. (Enem 2019) **Brasil, Alemanha, Japão e Índia pedem reforma do Conselho de Segurança**

Os representantes do G4 (Brasil, Alemanha, Índia e Japão) reiteraram, em setembro de 2018, a defesa pela ampliação do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) durante reunião em Nova York (Estados Unidos). Em declaração conjunta, de dez itens, os chanceleres destacaram que o órgão, no formato em que está, com apenas cinco membros permanentes e dez rotativos, não reflete o século 21. “A reforma do Conselho de Segurança é essencial para enfrentar os desafios complexos de hoje. Como aspirantes a novos membros permanentes de um conselho reformado, os ministros reiteraram seu compromisso de trabalhar para fortalecer o funcionamento da ONU e da ordem multilateral global, bem como seu apoio às respectivas candidaturas”, afirma a declaração conjunta.

Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br>. Acesso em: 7 dez. 2018 (adaptado).

Os países mencionados no texto justificam sua pretensão com base na seguinte característica comum:

- a) Extensividade de área territorial.
- b) Protagonismo em escala regional.
- c) Investimento em tecnologia militar.
- d) Desenvolvimento de energia nuclear.
- e) Disponibilidade de recursos minerais

15. (Enem 2019) **TEXTO I**

Ouve o barulho do rio, meu filho
Deixa esse som te embalar
As folhas que caem no rio, meu filho
Terminam nas águas do mar
Quando amanhã por acaso faltar
Uma alegria no seu coração
Lembra do som dessas águas de lá
Faz desse rio a sua oração.

MONTE, M. et al. O rio. In: Infinito particular. Rio de Janeiro: Sony: Universal Music, 2006 (fragmento).

TEXTO II

O atrativo ecoturístico não é somente o banho de cachoeira, sentar e caminhar pela praia, cavalgar, mas conhecer a biodiversidade, às vezes supostamente em extinção. Observar baleias, nadar com o golfinho, tocar em corais, sair ao encontro de dezenas de jacarés em seu habitat natural são símbolos que fascinam um ecoturista. A natureza é transformada em espetáculo diferente da vida urbana moderna.

SANTANA, P. V. Ecoturismo: uma indústria sem chaminé? São Paulo: Labur Edições, 2008.

São identificadas nos textos, respectivamente, as seguintes posturas em relação à natureza:

- a) Exploração e romantização.
- b) Sacralização e profanação.
- c) Preservação e degradação.
- d) Segregação e democratização.
- e) Idealização e mercantilização.

16. (Enem 2019)



Fala-se aqui de uma arte criada nas ruas e para as ruas, marcadas antes de tudo pela vida cotidiana, seus conflitos e suas possibilidades, que poderiam envolver técnicas, agentes e temas que não fossem encontrados nas instituições mais tradicionais e formais.

VALVERDE, R. R. H. F. Os limites da inversão: a heterotopia do Beco do Batman. Boletim Goiano de Geografia (Online). Goiânia, v. 37, n. 2, maio/ago. 2017 (adaptado).

A manifestação artística expressa na imagem e apresentada no texto integra um movimento contemporâneo de

- a) regulação das relações sociais.
- b) apropriação dos espaços públicos.
- c) padronização das culturas urbanas.
- d) valorização dos formalismos estéticos.
- e) revitalização dos patrimônios históricos.

17. (Enem 2019) **TEXTO I**

Os segredos da natureza se revelam mais sob a tortura dos experimentos do que no seu curso natural.

BACON, F. Novum Organum, 1620. In: HADOT, P. O véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza. São Paulo: Loyola, 2006.

TEXTO II

O ser humano, totalmente desintegrado do todo, não percebe mais as relações de equilíbrio da natureza. Age de forma totalmente desarmônica sobre o ambiente, causando grandes desequilíbrios ambientais.

GUIMARÃES, M. A dimensão ambiental na educação. Campinas: Papirus, 1995.

Os textos indicam uma relação da sociedade diante da natureza caracterizada pela

- a) objetificação do espaço físico.
- b) retomada do modelo criacionista.
- c) recuperação do legado ancestral.
- d) infalibilidade do método científico.
- e) formação da cosmovisão holística.

18. (Enem 2020) Escudos antigos ou maciços cristalinos são blocos imensos de rochas antigas. Estes escudos são constituídos por rochas cristalinas (magmático-plutônicas), formadas em eras pré-cambrianas, ou por rochas metamórficas (material sedimentar) do Paleozoico. São resistentes, estáveis, porém bastante desgastadas. Correspondem a 36% da área territorial e dividem-se em duas grandes porções: o Escudo das Guianas (norte da Planície Amazônica) e o Escudo Brasileiro (porção centro-oriental brasileira).

Disponível em: <http://ambientes.ambientebrasil.com.br>. Acesso em: 25 jun. 2015.

As estruturas geológicas indicadas no texto são importantes economicamente para o Brasil por concentrarem

- a) fontes de águas termais.
- b) afloramentos de sal-gema.
- c) jazidas de minerais metálicos.
- d) depósitos de calcário agrícola.
- e) reservas de combustível fóssil.

19. (Enem 2020) O planejamento deixou de controlar o crescimento urbano e passou a encorajá-lo por todos os meios possíveis e imagináveis. Cidades, a nova mensagem soou em alto e bom som, eram máquinas de produzir riquezas: o primeiro e principal objetivo do planejamento devia ser o de azeitar a máquina.

HALL, P. Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX. São Paulo: Perspectiva, 2016 (adaptado).

O modelo de planejamento urbano problematizado no texto é marcado pelo(a)

- a) primazia da gestão popular.
- b) uso de práticas sustentáveis.
- c) construção do bem-estar social.
- d) soberania do poder governamental.
- e) ampliação da participação empresarial.

20. (Enem 2020) A expansão das cidades e a formação das aglomerações urbanas no Brasil foram marcadas pela produção industrial e pela consolidação das metrópoles como locais de seu desenvolvimento. Na segunda metade do século XX, as metrópoles brasileiras estenderam-se por áreas de ocupação contínua, configurando densas regiões urbanizadas.

MOURA, R. Arranjos urbano-regionais no Brasil: especificidades e reprodução de padrões. Disponível em: www.ub.edu. Acesso em: 11 fev. 2015.

O resultado do processo geográfico descrito foi o(a)

- a) valorização da escala local.
- b) crescimento das áreas periféricas.
- c) densificação do transporte ferroviário.
- d) predomínio do planejamento estadual.
- e) inibição de consórcios intermunicipais.

21. (Enem 2020) **O cântico da terra**

Eu sou a terra, eu sou a vida.
A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.
E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.
Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.

CORALINA, C. Textos e contextos: poemas dos becos de Goiás e estórias mais. São Paulo: Global, 1997 (fragmento).

No contexto das distintas formas de apropriação da terra, o poema de Cora Coralina valoriza a relação entre

- a) grileiros e controle territorial.
- b) meeiros e divisão do trabalho.
- c) camponeses e uso da natureza.
- d) indígenas e manejo agroecológico.
- e) latifundiários e fertilização do solo.

22. (Enem 2020) A propriedade compreende, em seu conteúdo e alcance, além do tradicional direito de uso, gozo e disposição por parte de seu titular, a obrigatoriedade do atendimento de sua função social, cuja definição é inseparável do requisito obrigatório do uso racional da propriedade e dos recursos ambientais que lhe são integrantes. O proprietário, como membro integrante da comunidade, se sujeita a obrigações crescentes que, ultrapassando os limites do direito de vizinhança, no âmbito do direito privado, abrangem o campo dos direitos da coletividade, visando o bem-estar geral, no âmbito do direito público.

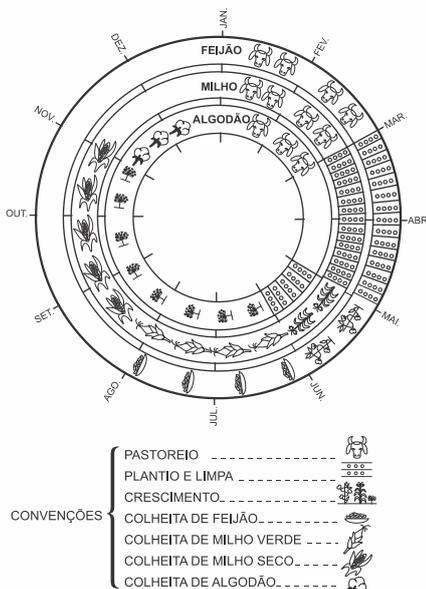
JELINEK, R. O princípio da função social da propriedade e sua repercussão sobre o sistema do Código Civil. Disponível em: www.mp.rs.gov.br. Acesso em: 20 fev. 2013.

Os movimentos em prol da reforma agrária, que atuam com base no conceito de direito à propriedade apresentado no texto, propõem-se a

- a) reverter o processo de privatização fundiária.
- b) ressaltar a inviabilidade da produção latifundiária.
- c) defender a desapropriação dos espaços improdutivos.
- d) impedir a produção exportadora nas terras agricultáveis.
- e) coibir o funcionamento de empresas agroindustriais no campo.

23. (Enem 2020)

Zona de pastoreio e cultura do algodão e cereais do agreste (1963)



ANDRADE, M. C. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1963.

A dinâmica produtiva apresentada na imagem tem como estratégia central

- a) separação pelo tipo de solo.
- b) exportação da colheita sazonal.
- c) priorização da tecnologia moderna.
- d) adequação pelo tempo da natureza.
- e) intensificação da atividade pecuária.

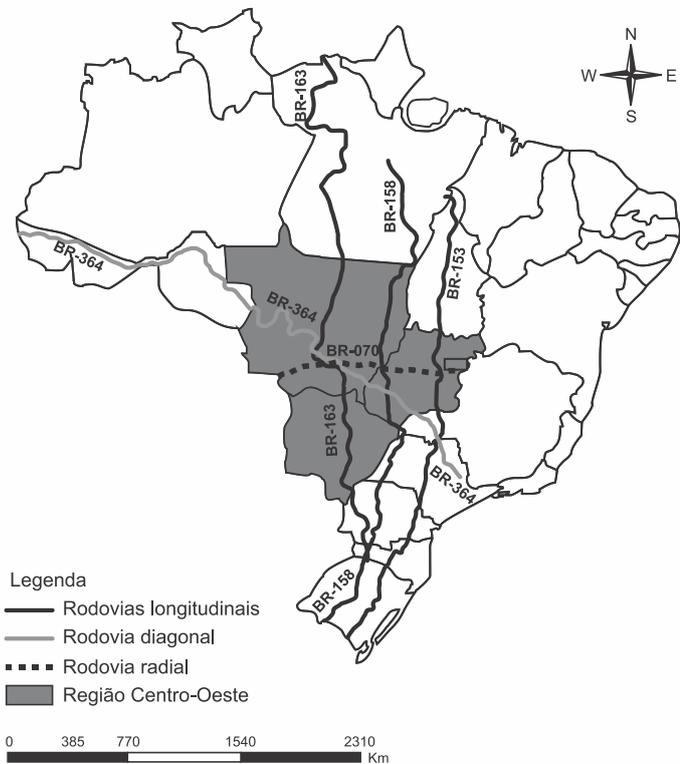
24. (Enem 2020) As estatísticas mais recentes do Brasil rural revelam um paradoxo que interessa a toda sociedade: o emprego de natureza agrícola definha em praticamente todo o país, mas a população residente no campo voltou a crescer; ou pelo menos parou de cair. Esses sinais trocados sugerem que a dinâmica agrícola, embora fundamental, já não determina sozinha os rumos da demografia no campo. Esse novo cenário é explicado em parte pelo incremento do emprego não agrícola no campo. Ao mesmo tempo, aumentou a massa de desempregados, inativos e aposentados que mantêm residência rural.

SILVA, J. G. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. Estudos Avançados, n. 43, dez. 2001.

Sobre o espaço brasileiro, o texto apresenta argumentos que refletem a

- a) heterogeneidade do modo de vida agrário.
- b) redução do fluxo populacional nas cidades.
- c) correlação entre força de trabalho e migração sazonal.
- d) indissociabilidade entre local de moradia e acesso à renda.
- e) desregulamentação das propriedades nas zonas de fronteira.

25. (Enem 2020)



O conjunto representado pelo agronegócio demanda condições específicas que passam a ser exigidas dos territórios. Como há uma elevação da formação de fluxos, materiais e imateriais, a crescente articulação com as escalas que vão do local ao global terminam por pressionar o Estado a agir visando uma instalação no território de fixos diversos, bem como de uma regulação específica.

LIMA, R. C.; PENNA, N. A. A logística de transportes do agronegócio em Mato Grosso (Brasil). *Con-
fins*, n. 26. fev. 2016.

O mapa e o texto se complementam indicando que a expansão das rodovias se deu como resposta ao(à)

- alteração da matriz econômica.
- substituição do modal hidroviário.
- retração do contingente demográfico.
- projeção do escoamento produtivo.
- estagnação de lavouras policultoras.

26. (Enem 2020) Embora inegáveis os benefícios que ambas as economias têm auferido do intercâmbio comercial, o Brasil tem reiterado seu objetivo de desenvolver com a China uma relação comercial menos assimétrica. Os números revelam com clareza a assimetria. As exportações brasileiras de produtos básicos, especialmente soja, minério de ferro e petróleo, compõem, dependendo do ano, algo entre 75% e 80% da pauta, ao passo que as importações brasileiras consistem, aproximadamente, em 95% de produtos industrializados chineses, que vão desde os mais variados bens de consumo até máquinas e equipamentos de alto valor.

LEÃO, V. C. Prefácio. in: CINTRA, M. A. M.; SILVA FILHO, E. B.; PINTO, E. C. (Org). China em transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Ipea, 2015.

Uma ação estatal de longo prazo capaz de reduzir a assimetria na balança comercial brasileira, conforme exposto no texto, é o (a)

- a) expansão do setor extrativista.
- b) incremento da atividade agrícola.
- c) diversificação da matriz energética.
- d) fortalecimento da pesquisa científica.
- e) monitoramento do fluxo alfandegário.

27. (Enem 2020) Os seringueiros amazônicos eram invisíveis no cenário nacional nos anos 1970. Começaram a se articular como um movimento agrário no início dos anos 1980, e na década seguinte conseguiram reconhecimento nacional, obtendo a implantação das primeiras reservas extrativas após o assassinato de Chico Mendes. Assim, em vinte anos, os camponeses da floresta passaram da invisibilidade à posição de paradigma de desenvolvimento sustentável com participação popular.

ALMEIDA, M. W. B. Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 55, 2004.

De acordo com o texto, a visibilidade dos seringueiros amazônicos foi estabelecida pela relação entre

- a) crescimento econômico e migração de trabalhadores.
- b) produção de borracha e escassez de recursos naturais.
- c) reivindicação de terra e preservação de mata nativa.
- d) incentivo governamental e conservação de territórios.
- e) modernização de plantio e comércio de látex.

28. (Enem 2020) **TEXTO I**

Rio Tietê, São Paulo (SP). Foto: Delfim Martins/Pulsar.

TEXTO II

O Rio Tietê está morto. Ao menos uma parte dele: 137 quilômetros, para ser mais preciso. Uma pesquisa da Fundação SOS Mata Atlântica mostra que, em 2016, o trecho do rio com qualidade de água classificada como ruim ou péssima começa em Itaquaquecetuba, passa por toda a Região Metropolitana de São Paulo e chega até Cabreúva, já no interior de São Paulo. Nesse trecho, a água não tem oxigênio suficiente para abrigar vida.

Disponível em: <http://epoca.globo.com>. Acesso em: 7 dez. 2017 (adaptado).

Considerando a análise dos textos, a condição atual desse rio tem como origem a

- a) valorização do sítio urbano.
- b) extinção da vegetação nativa.
- c) recepção de densa carga de dejetos.
- d) captação desordenada do regime pluvial.
- e) expansão do uso de defensivos químicos.

29. (Enem 2020) **TEXTO I**

O aumento de casos suspeitos de febre amarela em Minas pode estar relacionado à tragédia de Mariana, em 2015, segundo a bióloga da Fiocruz Márcia Chame. A hipótese tem como ponto de partida a localização das cidades mineiras que identificaram até o momento casos de pacientes com sintomas da doença. Grande parte está na região próxima do Rio Doce, afetado pelo rompimento da Barragem de Fundão, em novembro de 2015.

FORMENTI, L. Para bióloga, surto de febre amarela pode ter relação com tragédia de Mariana. O Estado de São Paulo, 14 jan 2017.

TEXTO II

Por outro lado, Servio Ribeiro considera remota a possibilidade de influência da tragédia de Mariana (MG) neste surto de febre amarela em Minas Gerais. “A febre amarela é uma doença de interior de floresta. O mosquito que a transmite põe ovos em cavidades de árvores e em bromélias. É um mosquito da estrutura da floresta. Ele não se relaciona muito com grandes corpos-d’água e com rios. As cidades afetadas pela doença estão em uma região onde os rejeitos não chegaram com força para derrubar a floresta”, diz o biólogo.

RODRIGUES, L. Especialistas investigam relação entre febre amarela e degradação ambiental. Agência Brasil, 25 jan. 2017

Sobre a tragédia de Mariana, os textos apresentam divergência quanto ao (à)

- a) poluição dos rios locais.
- b) identificação da área afetada.
- c) destruição da vegetação nativa.
- d) aparecimento de enfermidade endêmica.
- e) surgimento de comunidades desabrigadas.

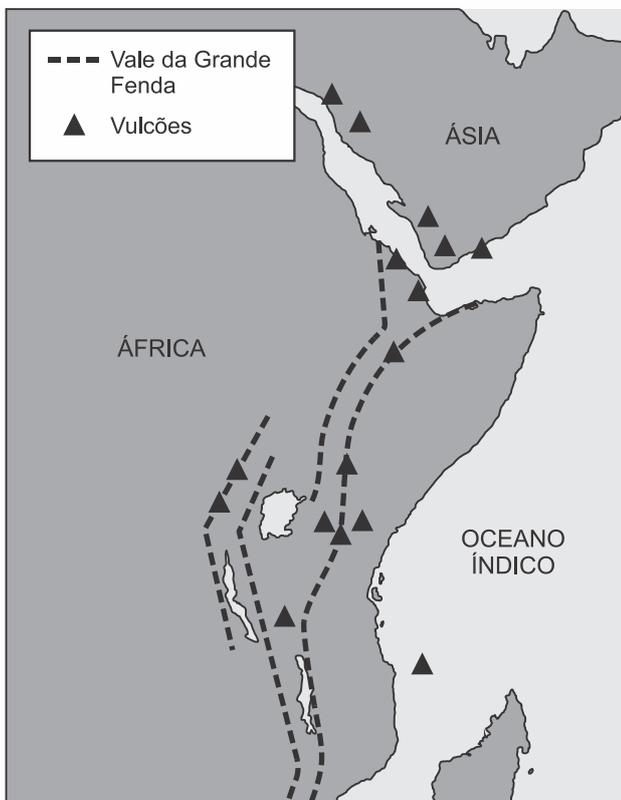
30. (Enem 2020) A colisão entre uma placa continental e uma oceânica provocará a subducção desta última sob a placa continental, que, a exemplo dos arcos e ilhas, produzirá um arco magmático na borda do continente, composto por rochas vulcânicas acompanhado de deformações e metamorfismo tanto de rochas preexistentes como de parte das rochas formadas no processo.

TEIXEIRA, W. et al. (Org.). Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.

Qual feição fisiográfica é gerada pelo processo tectônico apresentado?

- a) Planícies abissais.
- b) Planaltos cristalinos.
- c) Depressões absolutas.
- d) Bacias sedimentares.
- e) Dobramentos modernos.

31. (Enem 2020)



Disponível em: <https://noticias.uol.com.br>. Acesso em: 13 jun. 2018 (adaptado).

Os aspectos físicos apresentados originam-se da atuação da força natural de

- a) colisão de placas tectônicas.
- b) rifteamento da crosta terrestre.
- c) subducção da plataforma oceânica.
- d) formação de cadeias montanhosas.
- e) metamorfismo de bordas continentais.

32. (Enem 2020) As cidades de Puebla, no México, e Legazpi, nas Filipinas, não têm quase nada em comum. Estão muito longe uma da outra e são habitadas por povos muito diferentes. O que as une é um trágico detalhe de sua geografia. Elas foram erguidas na vizinhança de alguns dos vulcões mais perigosos do mundo: o mexicano Popocatepétl e o filipino Mayon. Seus habitantes precisam estar prontos para correr a qualquer hora. Eles fazem parte dos 550 milhões de indivíduos que moram em zonas de risco vulcânico no mundo. Ao contrário do que seria sensato, continuam ali, indiferentes ao perigo que os espreita.

ANGELO, C. Disponível em: <http://super.abril.com.br>. Acesso em: 24 out. 2015 (adaptado).

A característica física que justifica a fixação do homem nos locais apresentados no texto é a ocorrência de

- a) solo fértil.
- b) encosta íngreme.
- c) vegetação diversificada.
- d) drenagem eficiente
- e) clima ameno.

33. (Enem 2020) “Devo estar chegando perto do centro da Terra. Deixe ver: deve ter sido mais de seis mil quilômetros, por aí...” (como se vê, Alice tinha aprendido uma porção de coisas desse tipo na escola, e embora essa não fosse uma oportunidade lá muito boa de demonstrar conhecimentos, já que não havia ninguém por perto para escutá-la, em todo caso era bom praticar um pouco) “... sim, deve ser mais ou menos essa a distância... mas então qual seria a latitude ou longitude em que estou?” (Alice não tinha a menor ideia do que fosse latitude ou longitude, mas achou que eram palavras muito imponentes).

CARROLL, L. Aventuras de Alice: no País das Maravilhas, Através do espelho e olmos textos. São Paulo: Summus, 1980.

O texto descreve uma confusão da personagem em relação

- a) ao tipo de projeção cartográfica.
- b) aos contornos dos fusos horários.
- c) à localização do norte magnético.
- d) aos referenciais de posição relativa.
- e) às distorções das formas continentais.

34. (Enem 2020) A demanda mundial para a produção de alimentos aumenta progressivamente a taxas muito altas. Atualmente, na maioria dos países, continentes e regiões, a água consumida na agricultura é de cerca de 70% da disponibilidade total.

TUNDISI, J. G. Recursos hídricos no futuro: problemas e soluções. Estudos Avançados, n. 63, 2008 (adaptado).

Para que haja a redução da pressão sobre o recurso natural mencionado, a expansão da agricultura demanda melhorias no(a)

- a) fertilização química do solo.
- b) escoamento hídrico do terreno.
- c) manutenção de poços artesianos.
- d) eficiência das técnicas de irrigação.
- e) velocidade das máquinas colheitadeiras.

35. (Enem 2020) No caso do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a ênfase está posta no traçado de uma estratégia geral de desarticulação, não só dos inimigos reais como dos potenciais, inserida na concepção preventiva que supõe que a mínima dissidência é um sinal de perigo e de guerra futura. Deve-se ter capacidade para responder a uma guerra convencional tanto quanto para enfrentar um inimigo difuso, atentando simultaneamente para todas as áreas geográficas do planeta. Trata-se, sem dúvida, da estratégia com pretensões mais abrangentes que se desenvolveu até agora.

CECEÑA, A. E. Hegemonias e emancipações no século XXI. Buenos Aires: Clacso, 2005 (adaptado).

Tomando o texto como parâmetro, qual tendência contemporânea impulsiona a formulação de estratégias mais abrangentes por parte do Estado americano?

- a) Erradicação dos conflitos em territórios.
- b) Propagação de organizações em redes.
- c) Eliminação das diferenças regionais.
- d) Ampliação de modelo democrático.
- e) Projeção da diplomacia mundial.



BIO
EXATAS
MS
PRÉ-VESTIBULARES

LINGUAGENS

HB

**APREENSÃO E COMPREENSÃO DE TEXTOS**

01. (Enem 2020) Uma das mais contundentes críticas ao discurso da aptidão física relacionada à saúde está no caráter eminentemente individual de suas propostas, o que serve para obscurecer outros determinantes da saúde. Ou seja, costuma-se apresentar o indivíduo como o problema e a mudança do estilo de vida como a solução. Argumenta-se ainda que o movimento da aptidão física relacionada à saúde considera a existência de uma cultura homogênea na qual todos seriam livres para escolher seus estilos de vida, o que não condiz com a realidade. O fato é que vivemos numa sociedade dividida em classes sociais, na qual nem todas as pessoas têm condições econômicas para adotar um estilo de vida ativo e saudável. Há desigualdades estruturais com raízes políticas, econômicas e sociais que dificultam a adoção desses estilos de vida.

FERREIRA, M. S. Aptidão física e saúde na educação física escolar; ampliando o enfoque. RBCE, n. 2. jan. 2001 (adaptado).

Com base no texto, a relação entre saúde e estilos de vida

- a) constrói a ideia de que a mudança individual de hábitos promove a saúde.
- b) considera a homogeneidade da escolha de hábitos saudáveis pelos indivíduos.
- c) reforça a necessidade de solucionar os problemas de saúde da sociedade com a prática de exercícios.
- d) problematiza a organização social e seu impacto na mudança de hábitos dos indivíduos.
- e) reproduz a noção de que a melhoria da aptidão física pela prática de exercícios promove a saúde.

02. (Enem 2020) Por que a indústria do empreendedorismo de palco irá destruir você

Se, antigamente, os livros, enormes e com suas setecentas páginas, cuspiam fórmulas, equações e cálculos que te ensinavam a lidar com o fluxo de caixa da sua empresa, hoje eles dizem: “Você irá chegar lá! Acredite, você irá vencer!”.

Mindset, empoderamento, millennials, networking, coworking, deal, business, deadline, salesman com perfil hunter... tudo isso faz parte do seu vocabulário. O pacote de livros é sempre idêntico e as experiências são passadas da mesma forma: você está a um único centímetro da vitória. Não pare!

Se desistir agora, será para sempre. Tome, leia a estratégia do oceano azul. Faça mais uma mentoria, participe de mais uma sessão de coaching. O problema é que o seu mindset não está ajustado. Você precisa ser mais proativo. Vamos fazer mais um powermind? Eu consigo um precinho bacana para você...

CARVALHO, I. C. Disponível em: <https://medium.com>. Acesso em: 17 ago. 2017 (adaptado).

De acordo com o texto, é possível identificar o “empreendedor de palco” por

- a) livros por ele indicados.
- b) suas habilidades em língua inglesa.

- c) experiências por ele compartilhadas.
- d) padrões de linguagem por ele utilizados.
- e) preços acessíveis de seus treinamentos.

**03. (Enem PPL 2018)** Filha do compositor Paulo Leminski lança disco com suas canções

“Leminskanções” dá novos arranjos a 24 composições do poeta

Frequentemente, a cantora e compositora Estrela Ruiz é questionada sobre a influência da poesia de seu pai, Paulo Leminski, na música que ela produz. “A minha infância foi música, música, música”, responde veementemente, lembrando que, antes de poeta, Leminski era compositor.

Estrela frisa a faceta musical do pai em Leminskanções. Duplo, o álbum soma Essa noite vai ter sol, com 13 composições assinadas apenas por Leminski, e Se nem for terra, se transformar, que tem 11 parcerias com nomes como sua mulher, Alice Ruiz, com quem compôs uma única faixa, Itamar Assumpção e Moraes Moreira.

BOMFIM, M. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br>. Acesso em: 22 ago. 2014 (adaptado).

Os gêneros textuais são caracterizados por meio de seus recursos expressivos e suas intenções comunicativas. Esse texto enquadra-se no gênero

- a) biografia, por fazer referência à vida da artista.
- b) relato, por trazer o depoimento da filha do artista.
- c) notícia, por informar ao leitor sobre o lançamento do disco.
- d) resenha, por apresentar as características do disco.
- e) reportagem, por abordar peculiaridades sobre a vida da artista.

4. (Enem PPL 2018) Deserto de sal

O silêncio ajuda a compor a trilha que se ouve na caminhada pelo Salar de Atacama.

Com 100 quilômetros de extensão, o Salar de Atacama é o terceiro maior deserto de sal do mundo. De acordo com estudo publicado pela Universidade do Chile, o Salar de Atacama é uma depressão de 3 500 quilômetros quadrados entre a Cordilheira dos Andes e a Cordilheira de Domeiko. Sua origem está no movimento das placas tectônicas. Mais tarde, a água evaporou-se e, desta forma, surgiram os desertos de sal do Atacama. Além da crosta de sal que recobre a superfície, há lagoas formadas pelo degelo de neve acumulada nas montanhas.

FORNER, V. Terra da Gente, n. 96, abr. 2012.

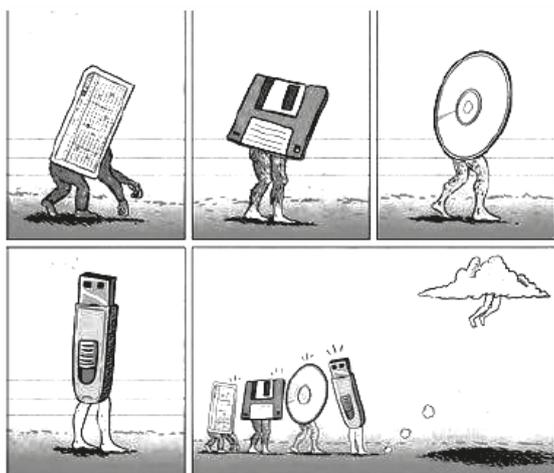
Os gêneros textuais são textos materializados que circulam socialmente. O texto *Deserto de sal* foi veiculado em uma revista de circulação mensal. Pelas estratégias linguísticas exploradas, conclui-se que o fragmento apresentado pertence ao gênero

- a) relato, pela apresentação de acontecimentos ocorridos durante uma viagem ao Salar de Atacama.
- b) verbete, pela apresentação de uma definição e de exemplos sobre o termo Salar de Atacama.
- c) artigo de opinião, pela apresentação de uma tese e de argumentos sobre o Salar de Atacama.
- d) reportagem, pela apresentação de informações e de dados sobre o Salar de Atacama.
- e) resenha, pela apresentação, descrição e avaliação do Salar de Atacama.



LEITURA DE TEXTOS SINCRÉTICOS E NÃO-VERBAIS

05. (Enem PPL 2020)



MORAIS, G. Disponível em: www.gusmoraes.com. Acesso em: 1 ago. 2013.

Os quadrinhos apresentam a sequência de certos dispositivos eletrônicos criados no decorrer da história, destacando

- a) a alienação provocada pelo uso excessivo da tecnologia nas sociedades urbanas contemporâneas.
- b) o estágio mais recente da evolução tecnológica para o armazenamento de dados digitais.
- c) os diferentes tipos de dispositivos usados atualmente para a gravação de dados digitais.
- d) o desperdício de matéria-prima proveniente da indústria tecnológica.
- e) a comparação entre evolução humana e tecnológica.

06. (Enem PPL 2019)

VERISSIMO, L. F. As cobras em: se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM, 2000.

No que diz respeito ao uso de recursos expressivos em diferentes linguagens, o cartum produz humor brincando com a

- a) caracterização da linguagem utilizada em uma esfera de comunicação específica.
- b) deterioração do conhecimento científico na sociedade contemporânea.
- c) impossibilidade de duas cobras conversarem sobre o universo.
- d) dificuldade inerente aos textos produzidos por cientistas.
- e) complexidade da reflexão presente no diálogo.

7. (Enem 2020) TEXTO I

Poesia em cartaz

O caminho habitual para o trabalho, aquele em que a gente já nem repara direito, pode ficar mais belo com um poema. O projeto #UmLambePorDia nasceu desta intenção: trazer mais cor e alegria para a cidade por meio de cartazes coloridos ao estilo lambe-lambe. Quem teve a ideia foi o escritor Leonardo Beltrão, em Belo Horizonte. “Em meio a olhares cada vez mais viciados, acabamos nos esquecendo da beleza envolvida em cada esquina e no próprio poder transformador da palavra”. Assim, a cada dia um cartaz é colocado por aí, para nos lembrar de reparar na cidade, na vida que corre ao redor e também em nós mesmos.

TEXTO II



Disponível em: www.vidasimples.uol.com.br. Acesso em: 6 dez. 2017 (adaptado).

Considerando-se a função que os cartazes colados em postes normalmente exercem nas ruas das cidades grandes, esse texto evidencia a

- a) disseminação da arte poética em um veículo não convencional.
- b) manutenção da expectativa das pessoas ao andarem pelas ruas.
- c) necessidade de exposição de poemas pequenos em diferentes suportes.
- d) característica corriqueira do suporte lambe-lambe, muito comum nas ruas.
- e) exposição da beleza escondida das esquinas da cidade de Belo Horizonte.

8. (Enem 2020)



Disponível em: www.acontecendoaquil.com.br. Acesso em: 15 jun. 2018.

Nessa campanha publicitária, a imagem da família e o texto verbal unem-se para reforçar a ideia de que

- a) a família que adota é mais feliz.
- b) a adoção tardia é muito positiva.
- c) as famílias preferem adotar bebês.
- d) a adoção de adolescentes é mais simples.
- e) filhos adotivos são companheiros dos pais.



09. (Enem PPL 2011) Já reparei uma coisa: bola de futebol, seja nova, seja velha, é um ser muito compreensivo, que dança conforme a música: se está no Maracanã, numa decisão de título, ela rola e quiçá com um ar dramático, mantendo sempre a mesma pose adulta, esteja nos pés de Gérson ou nas mãos de um gandula. Em compensação, num racha de menino, ninguém é mais sapeca: ela corre para cá, corre para lá, quiçá no meio-fio, para de estalo no canteiro, lambe a canela de um, deixa-se espremer entre mil canelas, depois escapa, rolando, doida, pela calçada. Parece um bichinho.

NOGUEIRA, A. Peladas. Os melhores da crônica brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977 (frag-

mento).

O texto expressa a visão do cronista sobre a bola de futebol. Entre as estratégias escolhidas para dar corídeo a sua expressão, identifica-se, predominantemente, uma função da linguagem caracterizada pela intenção do autor em

- a) manifestar o seu sentimento em relação ao objeto bola.
- b) buscar influenciar o comportamento dos adeptos do futebol.
- c) descrever objetivamente uma determinada realidade.
- d) explicar o significado da bola e as regras para seu uso.
- e) ativar e manter o contato dialógico com o leitor.

10. (Enem cancelado 2009) Em uma famosa discussão entre profissionais das ciências biológicas, em 1959, C. P. Snow lançou uma frase definitiva: “Não sei como era a vida antes do clorofórmio”. De modo parecido, hoje podemos dizer que não sabemos como era a vida antes do computador. Hoje não é mais possível visualizar um biólogo em atividade com apenas um microscópio diante de si; todos trabalham com o auxílio de computadores. Lembramo-nos, obviamente, como era a vida sem computador pessoal. Mas não sabemos como ela seria se ele não tivesse sido inventado.

PIZA, D. Como era a vida antes do computador? OceanAir em Revista, nº 1, 2007 (adaptado).

Neste texto, a função da linguagem predominante é

- a) emotiva, porque o texto é escrito em primeira pessoa do plural.
- b) referencial, porque o texto trata das ciências biológicas, em que elementos como o clorofórmio e o computador impulsionaram o fazer científico.
- c) metalinguística, porque há uma analogia entre dois mundos distintos: o das ciências biológicas e o da tecnologia.
- d) poética, porque o autor do texto tenta convencer seu leitor de que o clorofórmio é tão importante para as ciências médicas quanto o computador para as exatas.
- e) apelativa, porque, mesmo sem ser uma propaganda, o redator está tentando convencer o leitor de que é impossível trabalhar sem computador, atualmente.

11. (Enem 2011) Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

VANDRE. G. Disponível em: <http://www.letras.terra.com.br>. Acesso em 29 jun. 2011.

Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor

- a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos.
- b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção.
- c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento.
- d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção.
- e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

12. (Enem PPL 2020) As cartas de amor

deveriam ser fechadas

com a língua.

Beijadas antes de enviadas.

Sopradas. Respiradas.

O esforço do pulmão

capturado pelo envelope,

a letra tremendo

como uma pálpebra.

Não a cola isenta, neutra,

mas a espuma, a gentileza,

a gripe, o contágio.

Porque a saliva

acalma um machucado.

As cartas de amor

deveriam ser abertas

com os dentes.

CARPINEJAR, F. Como no céu. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2005.

No texto predomina a função poética da linguagem, pois ele registra uma visão imaginária e singularizada de mundo, construída por meio do trabalho estético da linguagem. A função conativa também contribui para esse trabalho na medida em que o enunciador procura

- a) influenciar o leitor em relação aos sentimentos provocados por uma carta de amor, por meio de opiniões pessoais.
- b) definir com objetividade o sentimento amoroso e a importância das cartas de amor.

- c) alertar para consequências perigosas advindas de mensagens amorosas.
- d) esclarecer como devem ser escritas as mensagens sentimentais nas cartas de amor.
- e) produzir uma visão ficcional do sentimento amoroso presente em cartas de amor.



13. (Enem digital 2020) O gramático tem uma percepção muito estrita da língua. Ele se vê como alguém que tem de defender a língua da mudança. O problema é que eles, ao se esforçarem para que as pessoas obedeam às normas da língua, não viram que estavam dando um cala-boca no cidadão brasileiro. Como se dissessem: “Tem de falar e escrever de acordo com as regras. Não fale errado!”. E as pessoas, com medo de não conseguir, falam e escrevem pouco. O dono da língua é o falante, não o gramático. Aprendemos com o falante a língua como ele fala e procuramos saber por que está falando de um jeito ou de outro. Dizer que está falando errado não é uma atitude científica, de descoberta. A linguística substituiu o cala-boca ao prazer da descoberta científica. Foi só com a linguística que se ampliou o olhar e se passou a considerar que qualquer assunto é digno de estudo.

Entrevista de Ataliba de Castilho. Pesquisa Fapesp, n. 259, set. 2017 (adaptado).

Com base na tese defendida na conclusão do texto, infere-se a intenção do autor de

- a) atribuir à gramática os desvios do português brasileiro.
- b) defender uma atitude política diante das regras da língua.
- c) contrapor o trabalho do linguista às prescrições gramaticais.
- d) contribuir para reverter a escassez de produções textuais no país.
- e) isentar o falante da responsabilidade de seguir as normas linguísticas.

14. (Enem PPL 2020) De acordo com alguns estudos, uma inovação do português brasileiro é o R caipira, às vezes tão intenso que parece valer por dois ou três, como em porrrta ou carrrne.

Associar o R caipira apenas ao interior paulista é uma imprecisão geográfica e histórica, embora o R tenha sido uma das marcas do estilo matuto do ator Mazzaropi em 32 filmes. Seguindo as rotas dos bandeirantes paulistas em busca de ouro, os linguistas encontraram o R supostamente típico de São Paulo em cidades de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, formando um modo de falar similar ao português do século XVIII.

Quem tiver paciência e ouvido apurado poderá encontrar também na região central do Brasil o S chiado, uma característica típica do falar carioca que veio com os portugueses em 1808 e era um sinal de prestígio por representar o falar da Corte.

A história da língua portuguesa no Brasil está revelando as características preservadas do português, como a troca do L pelo R, resultando em pranta em vez de planta. Camões registrou essa troca em Os

Lusíadas – lá está um frutas no lugar de flautas –, e o cantor e compositor paulista Adoniran Barbosa a deixou registrada em frases como “frechada do teu olhar”, do samba Tiro ao Álvaro.

FIORAVANTI, C. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Com base na afirmação de que “associar o R caipira apenas ao interior paulista é uma imprecisão geográfica e histórica”, o texto propõe uma discussão sobre a(s)

- a) relevância da fala de prestígio na época da Corte portuguesa.
- b) inovação do português brasileiro sem equivalente em Portugal.
- c) razões históricas do preconceito sobre a fala regional no Brasil.
- d) importância do estudo, da preservação e do respeito à língua falada no Brasil.
- e) variedade de uso da língua, característica da literatura e da música brasileiras.



PROGRESSÃO TEXTUAL E COESÃO

15. (Enem 2015) Em junho de 1913, embarquei para a Europa a fim de me tratar num sanatório suíço. Escolhi o de Clavadel, perto de Davos-Platz, porque a respeito dele me falara João Luso, que ali passara um inverno com a senhora. Mais tarde vim a saber que antes de existir no lugar um sanatório, lá estivera por algum tempo Antônio Nobre. “Ao cair das folhas”, um de seus mais belos sonetos, talvez o meu predileto, está datado de “Clavadel, outubro, 1895”. Fiquei na Suíça até outubro de 1914.

BANDEIRA, M. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

No relato de memórias do autor, entre os recursos usados para organizar a sequência dos eventos narrados, destaca-se a

- a) construção de frases curtas a fim de conferir dinamicidade ao texto.
- b) presença de advérbios de lugar para indicar a progressão dos fatos.
- c) alternância de tempos do pretérito para ordenar os acontecimentos.
- d) inclusão de enunciados com comentários e avaliações pessoais.
- e) alusão a pessoas marcantes na trajetória de vida do escritor.

16. (Enem PPL 2016) Argumento

Tá legal

Eu aceito o argumento

Mas não me altere o samba tanto assim

Olha que a rapaziada está sentindo a falta

De um cavaco, de um pandeiro e de um tamborim

Sem preconceito

Ou mania de passado

Sem querer ficar do lado

De quem não quer navegar

Faça como o velho marinheiro

Que durante o nevoeiro

Leva o barco devagar.

PAULINHO DA VIOLA. Disponível em: www.paulinhodaviola.com.br. Acesso em: 6 dez. 2012.

Na letra da canção, percebe-se uma interlocução. A posição do emissor é conciliatória entre as tradições do samba e os movimentos inovadores desse ritmo. A estratégia argumentativa de concessão, nesse cenário, é marcada no trecho

- a) “Mas não me altere o samba tanto assim”.
- b) “Olha que a rapaziada está sentindo a falta”.
- c) “Sem preconceito / Ou mania de passado”.
- d) “Sem querer ficar do lado / De quem não quer navega”.
- e) “Leva o barco devagar”.



17. (Enem digital 2020) Seixas era homem honesto; mas ao atrito da secretaria e ao calor das salas, sua honestidade havia tomado essa têmpera flexível da cera que se molda às fantasias da vaidade e aos reclamos da ambição.

Era incapaz de apropriar-se do alheio, ou de praticar um abuso de confiança; mas professava a moral fácil e cômoda, tão cultivada atualmente em nossa sociedade.

Segundo essa doutrina, tudo é permitido em matéria de amor; e o interesse próprio tem plena liberdade, desde que se transija com a lei e evite o escândalo.

ALENCAR, J. Senhora. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 7 out. 2015.

A literatura romântica reproduziu valores sociais em sintonia com seu contexto de mudanças. No fragmento de Senhora, as concepções românticas do narrador repercutem a

- a) resistência à relativização dos parâmetros éticos.
- b) idealização de personagens pela nobreza de atitudes.
- c) crítica aos modelos de austeridade dos espaços coletivos.
- d) defesa da importância da família na formação moral do indivíduo.
- e) representação do amor como fator de aperfeiçoamento do espírito.

18. (Enem 2020) Viajo Curitiba das conferências positivistas, elas são onze em Curitiba, há treze no mundo inteiro; do tocador de realejo que não roda a manivela desde que o macaquinho morreu; dos bravos soldados do fogo que passam chispando no carro vermelho atrás do incêndio que ninguém não viu, esta Curitiba e a do cachorro-quente com chope duplo no Buraco do Tatu eu viajo.

Curitiba, aquela do Burro Brabo, um cidadão misterioso morreu nos braços da Rosicler, quem foi? quem não foi? foi o reizinho do Sião; da Ponte Preta da estação, a única ponte da cidade, sem rio por baixo, esta Curitiba viajo.

Curitiba sem pinheiro ou céu azul, pelo que vosmecê é – província, cárcere, lar –, esta Curitiba, e não a outra para inglês ver, com amor eu viajo, viajo, viajo.

TREVISAN, D. Em busca de Curitiba perdida. Rio de Janeiro: Record, 1992.

A tematização de Curitiba é frequente na obra de Dalton Trevisan. No fragmento, a relação do narrador com o espaço urbano é caracterizada por um olhar

- a) destituído de afetividade, que ironiza os costumes e as tradições da sociedade curitibana.
- b) marcado pela negatividade, que busca desconstruir perspectivas habituais de representação da cidade.
- c) carregado de melancolia, que constata a falta de identidade cultural diante dos impactos da urbanização.
- d) embevecido pela simplicidade do cenário, indiferente à descrição de elementos de reconhecido valor histórico.
- e) distanciado dos elementos narrados, que recorre ao ponto de vista do viajante como expressão de estranhamento.

19. (Enem digital 2020) Pessoal intransferível

Escute, meu chapa: um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela. Nada no bolso e nas mãos. Sabendo: perigoso, divino, maravilhoso.

Poetar é simples, como dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena etc. Difícil é não correr com os versos debaixo do braço. Difícil é não cortar o cabelo quando a barra pesa. Difícil, pra quem não é poeta, é não trair a sua poesia, que, pensando bem, não é nada, se você está sempre pronto a temer tudo; menos o ridículo de declamar versinhos sorridentes. E sair por aí, ainda por cima sorridente mestre de cerimônias, “herdeiro” da poesia dos que levaram a coisa até o fim e continuam levando, graças a Deus.

E fique sabendo: quem não se arrisca não pode berrar. Citação: leve um homem e um boi ao matadouro. O que berrar mais na hora do perigo é o homem, nem que seja o boi. Adeusão.

TORQUATO NETO. Melhores poemas de Torquato Neto. São Paulo: Global, 2018.

Expoente da poesia produzida no Brasil na década de 1970 e autor de composições representativas da Tropicália, Torquato Neto mobiliza, nesse texto,

- gírias e expressões coloquiais para criticar a linguagem adornada da tradição literária então vigente.
- intenções satíricas e humorísticas para delinear uma concepção de poesia voltada para a felicidade dos leitores.
- frases de efeito e interpelações ao leitor para ironizar as tentativas de adequação do poema ao gosto do público.
- recursos da escrita em prosa e noções do senso comum para enfatizar as dificuldades inerentes ao trabalho do poeta.
- referências intertextuais e anedóticas para defender a importância de uma atitude destemida ante os riscos da criação poética.

20. (Enem 2020) – O senhor pensa que eu tenho alguma fábrica de dinheiro? (O diretor diz essas coisas a ele, mas olha para todos como quem quer dar uma explicação a todos. Todas as caras sorriem.) Quando seu filho esteve doente, eu o ajudei como pude. Não me peça mais nada. Não me encarregue de pagar as suas contas: já tenho as minhas, e é o que me basta... (Risos.)

O diretor tem o rosto escanhado, a camisa limpa. A palavra possui um tom educado, de pessoa que convive com gente inteligente, causeuse. O rosto do Dr. Rist resplandece, vermelho e glabro. Um que outro tem os olhos no chão, a atitude discreta.

Naziazeno espera que ele lhe dê as costas, vá reatar a palestra interrompida, aquelas observações sobre a questão social, comunismo e integralismo.

MACHADO, D. Os ratos, São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

A ficção modernista explorou tipos humanos em situação de conflito social. No fragmento do romancista gaúcho, esse conflito revela a

- a) sujeição moral amplificada pela pobreza.
- b) crise econômica em expansão nas cidades.
- c) salto de diálogo entre patrões e empregados.
- d) perspicácia marcada pela formação intelectual.
- e) tensão política gerada pelas ideologias vigentes.

21. (Enem 2020) Na sua imaginação perturbada sentia a natureza toda agitando-se para sufocá-la. Aumentavam as sombras. No céu, nuvens colossais e túmidas rolavam para o abismo do horizonte... Na várzea, ao clarão indeciso do crepúsculo, os seres tomavam ares de monstros... As montanhas, subindo ameaçadoras da terra, perfilavam-se tenebrosas... Os caminhos, espreguiçando-se sobre os campos, animavam-se quais serpentes infinitas... As árvores soltas choravam ao vento, como carpideiras fantásticas da natureza morta... Os aflitivos pássaros noturnos gemiam agouros com pios fúnebres. Maria quis fugir, mas os membros cansados não acudiam aos ímpetos do medo e deixavam-na prostrada em uma angústia desesperada.

ARANHA, J. P. G. Canaã. São Paulo: Ática, 1997.

No trecho, o narrador mobiliza recursos de linguagem que geram uma expressividade centrada na percepção da

- a) relação entre a natureza opressiva e o desejo de libertação da personagem.
- b) confluência entre o estado emocional da personagem e a configuração da paisagem.
- c) prevalência do mundo natural em relação à fragilidade humana.
- d) depreciação do sentido da vida diante da consciência da morte iminente.
- e) instabilidade psicológica da personagem face à realidade hostil.

22. (Enem digital 2020) Dias depois da morte de D. Mariquinha, Seu Lula, todo de luto, reuniu os negros no pátio da casa-grande e falou para eles. A voz não era mais aquela voz mansa de outros tempos. Agora Seu Lula era o dono de tudo. O feitor, o negro Deodato, recebera as suas instruções aos gritos. Seu Lula não queria vadiação naquele engenho. Agora, todas as tardes, os negros teriam que rezar as ave-marias. Negro não podia mais andar de reza para S. Cosme e S. Damião. Aquilo era feitiçaria. [...]

E o feitor Deodato, com a proteção do senhor, começou a tratar a escravatura como um carrasco. O chicote cantava no lombo dos negros, sem piedade. Todos os dias chegavam negros chorando aos pés de D. Amélia, pedindo valia, proteção contra o chicote do Deodato. A fama da maldade do feitor espalhara-se pela várzea. O senhor de engenho do Santa Fé tinha um escravo que matava negro na peia. [...] E o Santa Fé foi ficando assim o engenho sinistro da várzea.

RÊGO, J. L. Fogo morto. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

A condição dos trabalhadores escravizados do Santa Fé torna-se exponencialmente aflitiva após a morte da senhora do engenho. Nessa passagem, o sofrimento a que se submetem é intensificado pela reação à

- a) mania do novo senhor de se dirigir a eles aos gritos.
- b) saudade do afeto antes dispensado por D. Mariquinha.
- c) privação sumária de suas crenças e práticas ritualísticas.
- d) inércia moral de D. Amélia ante as imposições do marido.
- e) reputação do Santa Fé de lugar funesto a seus moradores.

23. (Enem digital 2020) Leia a posteridade, ó pátrio Rio,

Em meus versos teu nome celebrado,

Por que vejas uma hora despertado

O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,

Fresco assento de um álamo copado;

Não vês ninfa cantar, pastar o gado

Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias

Nas porções do riquíssimo tesouro

O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro

Enriquecendo o influxo em tuas veias,

Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

COSTA, C. M. Obras poéticas de Glauceste Satúrnio.

Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 8 out. 2015.

A concepção árcade de Cláudio Manuel da Costa registra sinais de seu contexto histórico, refletidos no soneto por um eu lírico que

- a) busca o seu reconhecimento literário entre as gerações futuras.
- b) contempla com sentimento de cumplicidade a natureza e o pastoreio.

- c) lamenta os efeitos produzidos pelos atos de cobiça e pela indiferença.
- d) encontra na simplicidade das imagens a expressão do equilíbrio e da razão.
- e) recorre a elementos mitológicos da cultura clássica como símbolos da terra.

24. (Enem digital 2020) O laço de fita

Não sabes, criança? ‘Stou louco de amores...
Prendi meus afetos, formosa Pepita.

Mas onde? No templo, no espaço, nas névoas?!

Não rias, prendi-me

Num laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,

Nos negros cabelos de moça bonita,

Fingindo a serpente qu’enlaça a folhagem,

Formoso enroscava-se

O laço de fita.

[...]

Pois bem! Quando um dia na sombra do vale

Abrirem-me a cova... formosa Pepita!

Ao menos arranca meus louros da fronte,

E dá-me por c’roa...

Teu laço de fita.

ALVES, C. Espumas flutuantes. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 8 ago. 2015 (fragmento).

Exemplo da lírica de temática amorosa de Castro Alves, o poema constrói imagens caras ao Romantismo. Nesse fragmento, o lirismo romântico se expressa na

- a) representação infantilizada da figura feminina.
- b) criatividade inspirada em elementos da natureza.

- c) opção pela morte como solução para as frustrações.
- d) ansiedade com as atitudes de indiferença da mulher.
- e) fixação por signos de fusão simbólica com o ser amado.



25. (Enem 2020) A arte pré-histórica africana foi incontestavelmente um veículo de mensagens pedagógicas e sociais. Os San, que constituem hoje o povo mais próximo da realidade das representações rupes- tres, afirmam que seus antepassados lhes explicaram sua visão do mundo a partir desse gigantesco livro de imagens que são as galerias. A educação dos povos que desconhecem a escrita está baseada sobretudo na imagem e no som, no audiovisual.

KI-ZERBO, J. A arte pré-histórica africana, In: KI-ZERBO, J. (Org.) História geral da África, I: metodologia e pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010.

De acordo com o texto, a arte mencionada é importante para os povos que a cultivam por colaborar para o(a)

- a) transmissão dos saberes acumulados.
- b) expansão da propriedade individual.
- c) ruptura da disciplina hierárquica.
- d) surgimento dos laços familiares.
- e) rejeição de práticas exógenas.

26. (Enem 2020) Slam do Corpo é um encontro pensado para surdos e ouvintes, existente desde 2014, em São Paulo. Uma iniciativa pioneira do grupo Corposinalizante, criado em 2008. (Antes de seguirmos, vale a explicação: o termo slam vem do inglês e significa – numa nova acepção para o verbo geralmente utilizado para dizer “bater com força” – a “poesia falada nos ritmos das palavras e da cidade”). Nos sa- raus, o primeiro objetivo foi o de botar os poemas em Libras na roda, colocar os surdos para circular e entender esse encontro entre a poesia e a língua de sinais, compreender o encontro dessas duas línguas. Poemas de autoria própria, três minutos, um microfone. Sem figurino, nem adereços, nem acompanhamento musical. O que vale é modular a voz e o corpo, um trabalho artesanal de tornar a palavra “visí- vel”, numa arena cujo objetivo maior é o de emocionar a plateia, tirar o público da passividade, seja pelo humor, horror, caos, doçura e outras tantas sensações.

NOVELLI, O. Poesia incorporada. Revista Continente, n. 189. set. 2016 (adaptado).

Na prática artística mencionada no texto, o corpo assume papel de destaque ao articular diferentes linguagens com o intuito de

- a) imprimir ritmo e visibilidade à expressão poética.
- b) redefinir o espaço de circulação da poesia urbana.
- c) estimular produções autorais de usuários de Libras.
- d) traduzir expressões verbais para a língua de sinais.
- e) proporcionar performances estéticas de pessoas surdas.

27. (Enem 2020)



Disponível em: www.iotforall.com. Acesso em: 22 jun. 2018.

A realidade virtual é uma tecnologia de informação que, conforme sugere a imagem, tem como uma de suas principais funções

- a) promover a manipulação eficiente de conhecimentos e informações de difícil compreensão no mundo físico.
- b) conduzir escolhas profissionais da área de ciência da computação, oferecendo um leque de opções de atuação.
- c) transferir conhecimento da inteligência artificial para as áreas tradicionais, como as das ciências exatas e naturais.
- d) levar o ser humano a experimentar mentalmente outras realidades, para as quais é transportado sem sair de seu próprio lugar.
- e) delimitar tecnologias exclusivas de jogos virtuais, a fim de oferecer maior emoção ao jogador por meio de outras realidades.

28. (Enem 2020)

KOSUTH, J. *One and Three Chairs*. Museu Reina Sofia, Espanha, 1965.

Disponível em: www.museoreinasofia.es. Acesso em: 4 jun. 2018 (adaptado).

A obra de Joseph Kosuth data de 1965 e se constitui por uma fotografia de cadeira, uma cadeira exposta e um quadro com o verbete “Cadeira”. Trata-se de um exemplo de arte conceitual que revela o paradoxo entre verdade e imitação, já que a arte

- a) não é a realidade, mas uma representação dela.
- b) fundamenta-se na repetição, construindo variações.
- c) não se define, pois depende da interpretação do fruidor.
- d) resiste ao tempo, beneficiada por múltiplas formas de registro.
- e) redesenha a verdade, aproximando-se das definições lexicais.



BIO
EXATAS
MS
PRÉ-VESTIBULARES

REDACÇÃO

HB

**OS 5 PASSOS DAS REDAÇÃO NOTA 1000****1º PASSO – Leitura, apreensão, compreensão e inferência da proposta de redação****EXEMPLO 1**

Comando do ENEM 2019:

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “Democratização do acesso ao cinema no Brasil”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Trechos da coletânea:

TEXTO III

Disponível em: www.meioemensagem.com.
Acesso em: 12 jun. 2019 (adaptado).

TEXTO IV

O Brasil já teve um parque exibidor vigoroso e descentralizado: quase 3 300 salas em 1975, uma para cada 30 000 habitantes, 80% em cidades do interior. Desde então, o país mudou. Quase 120 milhões de pessoas a mais passaram a viver nas cidades. A urbanização acelerada, a falta de investimentos em infraestrutura urbana, a baixa capitalização das empresas exibidoras, as mudanças tecnológicas, entre outros fatores, alteraram a geografia do cinema. Em 1997, chegamos a pouco mais de 1 000 salas. Com a expansão dos shopping centers, a atividade de exibição se reorganizou. O número de cinemas duplicou, até chegar às atuais 2 200 salas. Esse crescimento, porém, além de insuficiente (o Brasil é apenas o 60º país na relação habitantes por sala), ocorreu de forma concentrada. Foram privilegiadas as áreas de renda mais alta das grandes cidades. Populações inteiras foram excluídas do universo do cinema ou continuam mal atendidas: o Norte e o Nordeste, as periferias urbanas, as cidades pequenas e médias do interior.

Disponível em: <https://cinemapertodevoce.ancine.gov.br>.
Acesso em: 13 jun. 2019 (fragmento).

EXEMPLO 2**Comando do ENEM 2018:****PROPOSTA DE REDAÇÃO**

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Trechos da coletânea:**TEXTO I**

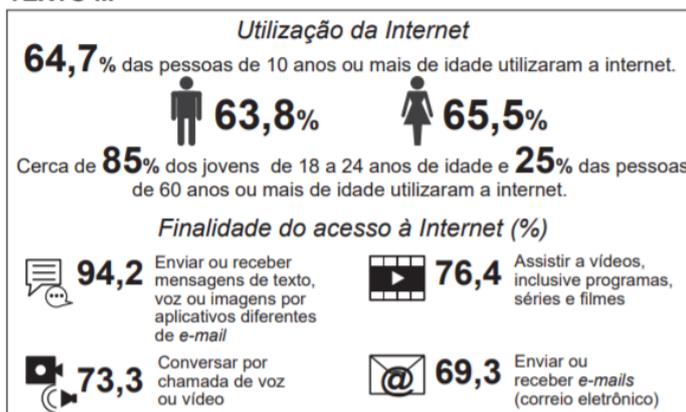
Às segundas-feiras pela manhã, os usuários de um serviço de música digital recebem uma lista personalizada de músicas que lhes permite descobrir novidades. Assim como os sistemas de outros aplicativos e redes sociais, este cérebro artificial consegue traçar um retrato automatizado do gosto de seus assinantes e constrói uma máquina de sugestões que não costuma falhar. O sistema se baseia em um algoritmo cuja evolução e usos aplicados ao consumo cultural são infinitos. De fato, plataformas de transmissão de vídeo *on-line* começam a desenhar suas séries de sucesso rastreando o banco de dados gerado por todos os movimentos dos usuários para analisar o que os satisfaz. O algoritmo constrói assim um universo cultural adequado e complacente com o gosto do consumidor, que pode avançar até chegar sempre a lugares reconhecíveis. Dessa forma, a filtragem de informação feita pelas redes sociais ou pelos sistemas de busca pode moldar nossa maneira de pensar. E esse é o problema principal: a ilusão de liberdade de escolha que muitas vezes é gerada pelos algoritmos.

VERDÚ, Daniel. *O gosto na era do algoritmo*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso em: 11 jun. 2018 (adaptado).

TEXTO II

Nos sistemas dos gigantes da internet, a filtragem de dados é transferida para um exército de moderadores em empresas localizadas do Oriente Médio ao Sul da Ásia, que têm um papel importante no controle daquilo que deve ser eliminado da rede social, a partir de sinalizações dos usuários. Mas a informação é então processada por um algoritmo, que tem a decisão final. Os algoritmos são literais. Em poucas palavras, são uma opinião embrulhada em código. E estamos caminhando para um estágio em que é a máquina que decide qual notícia deve ou não ser lida.

PEPE ESCOBAR. *A silenciosa ditadura do algoritmo*. Disponível em: <http://outraspalavras.net>. Acesso em: 5 jun. 2017 (adaptado).

TEXTO III

Internet no Brasil em 2016. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 18 jun. 2018 (adaptado).

2º PASSO – Roteirização do parágrafo de introdução – estruturação

1. Ambientação ou contextualização com repertório
2. Apresentação da situação-problema
3. Apresentação dos níveis de discussão [PROJETO DE TEXTO]
 - i. Causa 1 + Causa 2
 - ii. Causa + Consequência
4. Tese explícita [OPCIONAL].

Exemplo 1

Tema – O estigma associado as doenças mentais na sociedade brasileira

Trecho NOTA 100 – Luiz Silva

1	O Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking de pessoas com depressão na América Latina, segundo a
2	OMS. No entanto, tem-se observado que - apesar dessa alarmante realidade - a sociedade brasileira ain-
3	da apresenta estigmas relacionados às doenças mentais. Isso ocorre, sobretudo, devido à lacuna edu-
4	cacional e ao silenciamento acerca das patologias ^{psíquicas} mentais. Desse modo, é evidente a presença de sa-
5	nar a problemática em questão.

Exemplo 2

Tema – O desafio de reduzir as desigualdades entre as regiões do Brasil

Trecho NOTA 100 – Savicevic Ortega

1	A segunda fase do Modernismo brasileiro teve a crítica social e o regionalismo como principais características
2	do período artístico. Nesse movimento literário, os escritores buscaram denunciar em suas produções os problemas
3	que permeavam as regiões brasileiras, os quais intensificavam as desigualdades entre elas. Ao sair do contexto da
4	literatura, percebe-se que as disparidades regionais, denunciadas pelos escritores de 1930, ainda são latentes na
5	sociedade brasileira. Sob esse viés, é imprescindível compreender as origens dessas diferenças e de que modo
6	elas ressoaram sobre o Brasil.

Exemplo 3

Tema – A falta de empatia nas relações sociais no Brasil

Trecho NOTA 100 – Gabriela Traven

1	"Cama de prósimo como a si mesmo." Essa citação, feita por livro sagrado dos cristãos, a Bíblia, mostra
2	a importância de promover a empatia ao próximo para o bom funcionamento da sociedade. Entretanto, no ce-
3	nário atual brasileiro, é evidente a falta desse sentimento nas relações sociais, conforme pode ser visto no mí-
4	nimo de casos de violência contra a mulher e de agressões aos indivíduos com orientação sexual distinta. Por isso,
5	tem-se observado a adoção de medidas pelos órgãos governamentais e pela população, visando o retorno da harmo-
6	nia interpessoal.

3º PASSO – Roteirização do parágrafo dos parágrafos de desenvolvimento – estruturação

Observação importante: cada parágrafo de desenvolvimento deve ter função clara e única, não devendo ocorrer repetições ou saltos temáticos, por isso é preciso seguir precisamente o projeto de texto anunciado na introdução.

1. Tópico Frasal
2. Apresentação do repertório ou do fato-exemplo que ilustrará a argumentação
3. Explicação da relação ou fato-exemplo com o tema
4. Fecho crítico

Exemplo 1

Tema – O estigma associado as doenças mentais na sociedade brasileira

Trecho NOTA 100 – Aécio Filho

7	'
8	Primordialmente, é necessário destacar a forma como parte do Estado costuma lidar com a
9	saúde mental no Brasil. Isso porque, como afirmou Gilberto Dimenstein, em sua obra "Cidadão de
10	Papel", a legislação brasileira é ineficaz, visto que, embora aparente ser completa na teoria, mu-
11	ltas vezes, não se concretiza na prática. Prova disso é a escassez de políticas públicas satisfatórias
12	voltadas para a aplicação de artigos 6º da Constituição Cidadã, que garante, entre tantos direitos, a saú-
13	de. Isso é perceptível seja pela pequena campanha de conscientização acerca da necessidade da saúde
14	mental, seja pelo pouco espaço destinado ao tratamento de doenças mentais nos hospitais. Assim, impõe-se
14	que mesmo mesmo o princípio jurídico foi capaz de garantir o combate ao estigma relativo a doenças psíquicas.

Exemplo 2

Tema – O estigma associado as doenças mentais na sociedade brasileira

Trecho NOTA 100 – Adrielly Dias

15	Em segundo lugar, ressalta-se que há, no Brasil, uma evidente falta de informação sobre as transtornos mentais, gerando
16	grande preconceito e estigmatismo com ^{as} as doenças. Nesse sentido, é lícito afirmar o filósofo grego Platão, que,
17	em sua obra "A República", narra o mito da caverna, no qual homens, acorrentados em uma caverna, miram somente
18	as sombras na parede, acreditando, portanto, que aquilo era a realidade dos ratos. Nesse ponto, é interessante, em situações
19	análogas à mitológica aludida, as famílias, assim, oculta aos olhos mentais os seus deuses mentais, visando
20	consciência, isto é, ignorância, disseminando atitudes preconceituosas. Logo, é evidente a grande importância das
21	informações, haja vista que a falta delas aumenta o estigma relacionado às doenças mentais, prejudicando a qua-
22	lidade de vida das pessoas que sofrem com tais transtornos.

Exemplo 3

Tema – A falta de empatia nas relações sociais no Brasil

Trecho NOTA 100 – Gabriela Traven

15	Ele evitou, também, a falta de empatia retratada nos casos de violência contra pessoas com orientação se-
16	xual distinta. Isso pode ser visto em um episódio de série "Sex Education", no qual Eric, um adolescente
17	homossexual, é agredido na rua por estar com vestimentas consideradas femininas, resultando em bloqueio
18	emocional do protagonista, assim como em casos de discriminação à comunidade LGBTQ+ ocorrem
19	diariamente por território brasileiro, feitos por pessoas não envolvidas a respeito os aspectos individuais de
20	outros indivíduos, podendo causar traumas profundos nos vítimas, quando elas não são mentes. Portanto, tou-
21	ra-se fundamental a mediação dos governantes e da polícia para garantir a segurança dessas pessoas.

4º PASSO – Roteirização do parágrafo de conclusão – estruturação

1. Retomada da tese
2. Proposta de intervenção 1 – completa [agente + ação + meio + finalidade + detalhamento]
3. Proposta de intervenção 2 – não necessita ser completa
4. Desfecho retomando a ambientação

Exemplo 1

Tema – O estigma associado as doenças mentais na sociedade brasileira

Trecho NOTA 100 – Nathaly Nobre

22	Logo, cabe ao Ministério da Educação o investimento em aulas específicas sobre a
23	saúde mental, por meio de Rônos-Neonair da Educação e de eventos tanto exclusivos quanto aos
24	grupos públicos, haja vista a importância do máximo alcance possível, com a ministração de pró-
25	colações e pesquisas, a fim de garantir a visão aristotélica e de romper com os tabus preconcei-
26	tivos. Ademais, o Estado deve promover políticas públicas de incentivo ao autocuidado, a exemplo
27	de espaços destinados ao convívio humano e ao bem-estar, com o fito de quebrar com os produq-
28	mas visenciados por Mre da Silixina.
29	
30	

Exemplo 2

Tema – O estigma associado as doenças mentais na sociedade brasileira

Trecho NOTA 100 – Matheus Vitorino

25	Portanto, o Ministério da Educação deve, com urgência, iniciar a abordagem das doenças mentais nas
26	escolas, por meio de uma alteração na BNCC, a qual insira uma disciplina específica e inclua, nos demais
27	meses do ano, palestras e simpósios, ministrados por especialistas, a fim de reduzir os estigmas e, assim, es-
28	timular a promoção do autoconhecimento. Ademais, compete ao Ministério da Saúde ampliar os investimentos
29	em saúde mental, a partir do aumento de salários dos psicólogos e ^{de} psiquiatras das Unidades de Saúde. Dessa
30	maneira, o Estado poderá proteger, de fato, os seus filhos e evitar finais trágicos, como o de Hanna Becker.

Exemplo 3

Tema – O desafio de reduzir as desigualdades entre as regiões do Brasil

Trecho NOTA 100 – Savicevic Ortega

23	Portanto, nota-se que as disparidades regionais precisam ser reduzidas. Sendo assim, o Ministério da
24	Economia, no papel de gestor orçamentário federal, deve criar um plano desmodulamentista para o
25	redirecionamento dos investimentos regionais. Esse redirecionamento deve ser realizado com base no
26	IDHM de cada município dos estados brasileiros. Esse plano se dará por meio do mapeamento das
27	cidades mais conurbadas de cada região, a fim de viabilizar o crescimento equitativo do Brasil e
28	uma maior integração entre as regiões. Somente assim, as denúncias realizadas pela geração regionalista
29	de 1930 poderão ser objeto de estudo literário e não de uma realidade brasileira.
30	

5º PASSO – Cuidado máximo com os erros gramaticais e coesivos**1. Crase**

O acento grave somente é utilizado quando duas condições necessárias estiverem presentes:

1ª condição: existir uma palavra, à esquerda do a, que exija a preposição a;

2ª condição: existir uma vogal a, à direita dessa preposição, normalmente representada pelo artigo a.

Podemos, neste momento, concluir que não existe crase e, portanto, acento grave antes de:

a) substantivo masculino: “Os povos antigos andavam a cavalo”. “Muitas lojas vendem a prazo”.

b) verbo: “Ela continuava a examinar os relatórios”.

c) artigo indefinido: “Ontem, fui a uma festa”.

d) expressões de tratamento como Vossa Excelência, Vossa Senhoria: “Escrevi uma carta a Vossa Excelência”.

Existe crase e, conseqüentemente, o acento da crase, em locuções femininas como: à noite, à toa, à custa de, às três horas, à uma hora, à vista.

OBSERVAÇÕES: O uma de uma hora não é artigo indefinido, mas numeral como em “A (art.) uma (num.) hora que você me reservou no dentista não foi suficiente”. Por isso, pode ser precedido do artigo a, provocando a existência da segunda condição da crase.

2. Vírgula

O uso da vírgula deverá ser considerado desvio em casos em que se separa:

- sujeito e predicado;
- verbo e objeto;
- conjunção subordinativa e oração subordinada;
- locução conjuntiva e a oração subordinada que introduz

Temos, assim, no Exemplo 33, o uso inadequado de vírgula entre a locução “Tendo em vista que” e a oração subordinada por ela introduzida: “esses dados são deletados [...]”.

Exemplo 33

mas em grandes casos não notiam falhas, imagens e vídeos que foram
ativadas para que o usuário acredite em uma opinião formada de
alguém que publicou a informação. Tendo em vista que, esses dados não
são deletados, trazendo desconforto e riscos à saúde mental ou física de
quem lhe acessa. Essa manipulação está presente por que a cada dia
mais pessoas utilizam dos redes e mídias sociais armazenando o que

No Exemplo 34, pode-se observar um exemplo de separação indevida da conjunção subordinativa “que” e da oração subordinada.

Exemplo 34

a alienação da realidade e a falta verificação de escolha.
É importante ressaltar que, as escolhas dos conteúdos são
feitas a partir de conteúdos que aparecem para os internautas.
Além disso, esses dados são adquiridos de acordo com seus
comportamentos durante a navegação por meio de algoritmos de recomendação

Ao separar a conjunção “que” da oração subordinada “as escolhas dos conteúdos são feitas [...] internautas.”, o participante comete um desvio.

A ausência de vírgula, por sua vez, deverá ser considerada desvio quando o participante não faz uso dela em:

- isolamento de apostos, adjuntos adverbiais longos e orações intercaladas;
- enumerações;
- separações incomuns e indevidas (por exemplo, separando nome/complemento, adjetivo/substantivo, advérbio/adjetivo, determinante/determinado e outros).

Assim, um texto como o do Exemplo 35 apresentará dois desvios, devido à dupla ausência de vírgulas isolando a oração intercalada “com seu papel de trazer informações”.

Exemplo 35

*Após a disseminação rápida nos meios.
Nesse contexto podemos concluir que a internet utilizada sem consciência sobre
os riscos pode limitar sobre aquilo que somos, pensamos e gostamos. A mídia
com seu papel de trazer informações, deve tratar sobre os perigos, a escola
deve discutir sobre educação tecnológica abordando sobre pontos positivos*

3. esse e este

Quando usar Esse e Este? Sempre bate aquela dúvida quando a gente precisa utilizar no texto esses pronomes. Na verdade, muitos acabam utilizando os pronomes de forma aleatória, porém, é muito importante saber diferenciá-lo para que a interpretação do leitor possa ser de acordo com o que você deseja transmitir por meio do seu texto.

Os pronomes demonstrativos “esse” ou “este” variam de acordo com o número ou gênero. Ou seja: esses, esses, essa, essas, este, estes, esta, estas. O grande fato é que, se você treinar muito, nunca mais terá dúvidas em relação a utilização dos pronomes ‘este e esse’. Mas, vamos dar algumas dicas para você não esquecer mais:

“**Esse**” – utilizamos para retomar um termo, uma ideia ou uma oração já mencionados, ou seja é um pronome anafórico.

“Um dia eu encontrei um relógio. Esse relógio foi um grande achado!”

Perceba que eu já havia mencionado o objeto, sendo assim, utilizei o pronome demonstrativo que retoma a ideia.

Observação: ‘Anafórico’ faz referência a um termo anterior.

“**Este**” – é um pronome catafórico, ou seja, introduz uma ideia nova, que não fora mencionada ainda, refere-se a um termo que ainda será dito, será explicitado no texto.

“Tenho estas coisas para fazer hoje: estudar, trabalhar e dormir.”

Observação: ‘Catafórico’ faz referência a um termo que ainda será mencionado.

Atenção!

c. Emprego de este, esse e aquele em relação a dois termos

Este: indica o que se referiu por último.

Aquele: indica o que se mencionou em primeiro lugar.

Gabriela e Ana são alunas do Genoma. Esta é muito estudiosa, **aquela** detesta estudar.

b. Emprego de este, esse e aquele em relação a três termos

Este: indica o que se referiu por último.

Esse: se refere ao penúltimo.

Aquele: indica o que se mencionou em primeiro lugar.

O **velho**, o índio e o negro são discriminados por motivos diversos: **aquele**, por ser improdutivo para a sociedade de consumo; esse, por ser considerado atrasado e preguiçoso; este, por não se ter libertado, ainda, do estigma da escravidão.

Quando se quer retomar apenas dois elementos, elimina-se a forma intermediária esse.

As crianças da classe média têm um futuro mais promissor do que os filhos de pais das classes menos favorecidas, porque àquelas se dão oportunidades que se negam a estes.

A regra é basicamente a mesma para “deste” e “desse”, “isto” e “isso” e “disto” e “disso”. Usando de forma correta esses pronomes, seu texto ficará muito melhor articulado e será compreendido perfeitamente pelo seu leitor.

4. onde x aonde

Onde costuma ser utilizado como advérbio de lugar ou como pronome relativo. Essa palavra possui noção de lugar, mas sempre no sentido estático, permanente, isto é, sem movimento.

Comumente utilizado como advérbio interrogativo (aquele que inicia uma pergunta) para saber a localização de algo ou de alguém, onde também é muito usado como pronome relativo, ligando um termo ao outro ou uma oração à outra. Nesse caso, pode ser substituído pelos termos “em que”, “no qual”, “na qual” sem alteração de sentido. Vamos ver alguns exemplos:

Onde você está? (Advérbio)

O local onde eu trabalho fica no centro da cidade. (Pronome relativo)

O local em que eu trabalho fica no centro da cidade. (Pronome relativo)

No lugar onde moro faz calor. (Pronome relativo)

No lugar em que moro faz calor. (Pronome relativo)

Aonde possui lógica semelhante à da palavra onde: mesmas funções e ideia de lugar. Porém, sua diferença está no fato de apresentar noção de movimento.

Aonde não apresenta ideia de permanência, mas de movimento, transporte. Isso acontece porque acrescenta-se a preposição a à palavra onde, o que dá indicação de movimento de acordo com a regência dos verbos que acompanham essa palavra. Nos casos em que onde pode ser substituído por “em que”, “aonde” pode ser substituído por “a que”/ “ao qual”/ “à qual”. Observe:

Aonde você o levou? (Advérbio interrogativo)

O local aonde eu preciso ir fica no centro da cidade. (Pronome relativo)

O local ao qual eu preciso ir fica no centro da cidade. (Pronome relativo)

No lugar aonde cheguei faz calor. (Pronome relativo)

No lugar a que cheguei faz calor. (Pronome relativo)

Atenção!

Vale ressaltar algumas dúvidas muito comuns que ocorrem no momento de usar onde ou aonde. Embora **onde** possa ser substituído por **em que** quando se tratar de pronome relativo, o caminho inverso nem sempre pode ser feito, isto é, nem sempre em que pode ser substituído por **onde**. Isso porque onde tem ideia de lugar/localização, enquanto em que pode ter um sentido mais amplo.

Construções como “O lugar onde moro” podem ser substituídas por “O lugar em que moro”, uma vez que indicam lugar. Porém, construções como “A sociedade em que vivo” ou “A época em que vivemos” **NÃO** podem ser substituídas por “A sociedade onde vivo” ou “A época onde vivemos”, **já que não existe ideia de lugar nesses casos, e sim de contexto.**

Embora na linguagem informal utilize-se a preposição em para reger o verbo chegar (“Cheguei no trabalho”), esse uso é considerado inadequado para a linguagem formal e foge à regra culta da língua portuguesa. A regência do verbo chegar é com a preposição a (“Cheguei ao trabalho”) e, por isso, aonde (a + onde) será utilizado quando o contexto pedir e quando o verbo for chegar. Assim, é necessário prestar atenção à regência dos verbos para entender quando aplicar onde e aonde.